

# Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 69 Nº 23159

DIRECTOR MÁRIO MESQUITA DIRECTORA ADJUNTA DIANA ANDRINGA

TERÇA-FEIRA 16 JANEIRO 90 60\$00

## Africanos exigem protecção contra os «skinheads»

A constituição de uma comissão inter-racial - primeira medida no sentido de combater a vaga de violência empreendida pelos «skinheads» - acaba de ser decidida, em resultado de uma reunião de membros de associações africanas com o ministro da Administração Interna, realizada esta manhã. A estrutura ganhará forma dentro de duas semanas, devendo ser composta por representantes das organizações africanas e técnicos do Ministério.

Fernando Ka, presidente da Associação Guineense de Solidariedade Social, que participou na reunião, afirmou ao «DL» que as acções dos «skins» não devem ser interpretadas como pontuais. «São a ponta do iceberg de um movimento que está a alastrar na Europa e que conta com a cumplicidade de fortes poderes políticos e económicos», disse.

No nosso País, após a descolonização, registou-se uma alteração social «com a vinda de grande número de africanos», disse Ka. Para aquele dirigente africano, trata-se de um fenómeno

□ *Vai ser criada uma associação multirracial com estatuto de parceiro social*

□ *O aparecimento dos «cabeças rapadas» em Portugal integra-se num vasto movimento que alastra pela Europa*

□ *Representantes das comunidades guineense e cabo-verdiana foram recebidos pelo ministro da Administração Interna e vão amanhã ao ministro da Justiça*

□ *PSR queixou-se ao Procurador-Geral da República da «acção passiva» das forças policiais*

social recente em Portugal. Os países da CEE já empreenderam medidas no sentido de defender as minorias.

Entretanto, o PSR, que viu um dirigente seu, José Carvalho, morrer em confronto com «cabeças rapadas», prepara-se para

apresentar um «dossier» sobre aquilo que classifica de «terrorismo racista de inspiração nazi». Os socialistas-revolucionários entregaram ontem ao Procurador-Geral da República um documento sobre a questão.

Pág. 8



Lusa

**Assalto à «Stasi»** A noite passada, em Berlim Oriental, misturaram-se a violência e a boa disposição no assalto à sede da polícia política da RDA, a «Stasi». Dois dos assaltantes exibem, como a foto ilustra, «troféus» obtidos no assalto. O primeiro-ministro Modrow conseguiu que os assaltantes dispersassem, mas não sem que antes, pormenor que várias agências noticiosas referiram, fossem destruídos ficheiros da polícia política.

Pág. 12



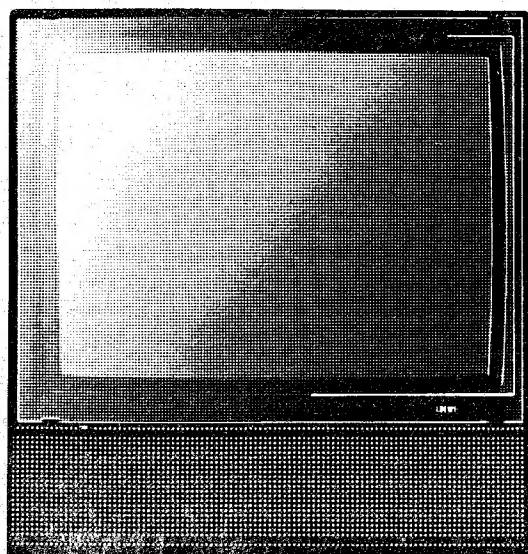
**Collor vem a Portugal em Fevereiro**  
Pág. 12

**Melancia falou ao DL sobre o futuro de Macau**  
- entrevista de Augusto Vilela  
Págs. 16, 17 e 18

**Auto-Retrato de Urbano T. Rodrigues**  
Pág. 6

**Lotaria Popular**  
1.º - 162992  
2.º - 076856  
3.º - 453498  
4.º - 081921  
Pág. 14

Os televisores da nova «Art».  
Digital



LOEWE.

Representante em Portugal:

SANTOS GUIMARÃES & OLIVEIRA S.A.  
Porto ☎ 9515003 • Lisboa ☎ 77 78 24

## Mancha de crude avança para as Desertas Tragédia negra em Porto Santo

A maré negra que surgiu junto à costa de Porto Santo dirige-se para as Ilhas Desertas, ameaçando provocar uma verdadeira catástrofe ecológica. Na reserva natural das Ilhas Desertas subsiste uma pequena população de focas-monge do Mediterrâneo, localmente conhecidas por lobos marinhos, uma das dez espécies animais mais ameaçadas de extinção cuja preservação esteve na origem de um seminário internacional realizado há pouco tempo no Funchal.

Um Aviocar da Força Aérea e uma corveta da Marinha de Guerra Portuguesa dirigiram-se esta manhã para a reserva ameaçada, a fim de verificar a dimensão da mancha de crude e a sua movimentação. O capitão-de-mar-guerra Janes Semedo, do Comando Naval da Madeira, afirmou que a evolução está a ser atentamente seguida pelas autoridades e que durante a tarde será feito o ponto da situação.

Pág. 14

**Hoje: Suplemento de Economia**

*Foi um erro os dirigentes da Frente de Salvação Nacional pensarem que os romenos se ficavam por gritar a liberdade sem terem mais nada a dizer. As vozes que a contestam sobem de tom. Quem ganha com isso é a única força estruturada no país: o exército*

# Roménia: FSN em crise de autoridade

A FĂCUT ȘI PLOPUL  
PERE...



Em Novembro, no 14º Congresso do PC Romeno, Ceausescu disse: «No dia em que as pereiras anãs produzirem grandes peras, a Roménia verá o fim do comunismo». Pelos vistos, tinha razão

## Da nossa enviada especial

À gigantesca revolução, a este «acidente», como lhe chamou o ministro da Cultura, Andrei Plesu, sucedem-se em todas as frentes acontecimentos ocasionais secundários, mas todos da mesma natureza e que convergem todos para um mesmo ponto cada vez mais nítido: a desconfiança da idoneidade da FSN.

Simbolicamente, ou melhor, curiosamente, é Timisoara a despoletar de novo as agitações populares.

No passado sábado, milhares de pessoas gritando «abaixo o comunismo» concentraram-se frente à sede da FSN.

O episódio levou à demissão do presidente do conselho local, Lorin Fortuna, bem como de todos os representantes da FSN naquela cidade. E Fortuna, engenheiro de 41 anos, artesão da tomada de poder pelos contestatários do antigo regime, nem sequer foi membro do PC romeno.

Pelo contrário, defendia mesmo a instauração no país de uma social-democracia de tipo ocidental. Agora, em sua substituição, o Exército romeno assumiu o poder em Timisoara para, de acordo com a comunicação do general Gheorge Popescu, comandante da zona militar de Timis, «assegurar provisoriamente a direcção do distrito, até à eleição, na próxima semana, do novo Conselho Departamental da FSN».

Minutos após a grande manifestação em Timisoara, outras sucediam-se em Iasi, Bra-

sov e Bucareste.

Em Iasi, cidade fronteiriça com a Moldávia soviética, segundo noticia a France-Press, também o poder local foi assumido, temporariamente, pelos militares.

Em Brasov, a capital dos Cárpatos, cujo povo, em Novembro de 1987, se atreveu a descer à rua e a incendiar o prédio do Partido Comunista, milhares de pessoas exigiram, ao manifestarem-se, a demissão dos dirigentes locais e dos responsáveis das empresas comprometidas com o regime do ditador.

A abertura ao diálogo entre a população e a FSN e a reivindicação de uma informação objectiva na Imprensa local foram mais dois dos tópicos que vieram a lume em Brasov.

## Romenos forçam Governo à «anti-democracia»

Na capital romena vivia-se, entretanto, um ambiente de preocupação e confusão, após a série de manifestações anticomunistas que, no dia anterior, se tinham verificado em Bucareste e que forçaram a nova equipa dirigente a decretar, de emergência, a ilegalização do PC e a propor um referendo sobre o restabelecimento da pena de morte para os terroristas da Securitate e da milícia de Ceausescu, acusados de crimes de sangue.

Esta atitude foi a mais significativa confissão de insegurança da FSN.

Segundo observadores romenos aquelas decisões têm apenas um valor simbólico e destinaram-se a acalmar os manifestantes,

uma vez que o novo poder afirmara, logo após a queda de Ceausescu, a inexistência do PC romeno, embora nenhum decreto sobre o assunto tivesse sido promulgado.

O debate sobre os comunistas é, para muitos, um falso debate tendo em conta que, sob o regime de Ceausescu, quase todos os romenos eram comunistas e o cartão do Partido era como uma carta de condução.

Até ao derrube do ditador, o PC romeno, proporcionalmente um dos maiores da Europa de Leste, contava com 3,8 milhões de membros, o que representava uma em cada três pessoas da população activa. A filiação no PC era obrigatória para os funcionários públicos e trabalhadores de empresas estatizadas.

Portanto, partindo do pressuposto de que as palavras de ordem destas manifestações se baseiam numa questão, à partida, falsa, até que ponto ela maquiha o verdadeiro alvo a contestar?

No sábado à noite a FSN recua. Iliescu, acompanhado pelo primeiro-ministro, Petre Roman, e pelo primeiro vice-presidente da FSN, Dumitru Mazilu, anunciou em directo pela televisão que a ilegalização do PCR e o restabelecimento da pena de morte no país serão, no dia 28, objecto de um referendo popular.

A nova equipa dirigente adiantou que tentara na véspera dialogar com os representantes dos manifestantes, mas que, confrontados com uma «manifestação desordenada» que

## Discurso a várias vozes

*O que o coração pede nem sempre a vida ousa.  
E o estranho em relação a um tirano é que dure tanto,  
como adianta E.M. Cioran, romeno,  
o último céptico e a derradeira exportação parisiense.  
O mais sensato será, pura e simplesmente, dar a voz  
a quem pertence. Aos romenos libertos*

Dragos Dumitru, de 17 anos, estudante: «Foi fácil entrar no edifício em frente do Comité Central. A porta até já estava arrombada pelos tipos da Securitate. Para entrar tinham feito na porta um buraco do tamanho de uma bola de basquete. Eu ia de metralhadora, andava há horas com ela ao ombro, apontada para baixo. Ainda não tinha exactamente percebido que estava no meio de uma revolução. Mas tinha aquela metralhadora, pronto. Estava por ali, com uns amigos. E o apartamento realmente bem situado, devia ser gente de influência. Eu acompanhava os outros, corria às janelas com eles e vigiava o edifício do CC. Entre a sala e o corredor apareceu um pé. Pensei «olha, um cadáver». Ion, o mais velho, passou à frente. Aguentou-nos ali. Foi buscar um lençol e tapou o corpo. O lençol era pequeno e ele queixou-se, «fica com a cabeça de fora». Depois disse para avançarmos. Avisou «não olhem». Olhei logo, está claro. Era uma miúda loura, lindíssima. Nunca tinha visto uma mulher tão nua e quis vê-la completa. Tirei-lhe o lençol. Os outros iam direitos às janelas. Fiquei ali a ver aquele corpo desfeito... era linda... e pus-me a contar as balas... uma no ombro, duas no peito, uma ao pé da garganta. Repara, eu raciocinava, o problema era que não conseguia pensar. Fiquei sem mexer nem um só dedo. À saída, entreguei-lhes a arma».

nalistas ocidentais, já sabemos, não são sentimentais».

No comboio Budapeste-Bucareste, uma família entra em Arad. Eugen, de 37 anos, empregado de escritório; Nicoleta (Lily), de

34 anos, doméstica; Cristi, nove anos; Mirca, sete. Dirigem-se a Timisoara. O ar tolhido das crianças dá nas vistas. Não se percebe porquê. Mas quando Eugen começa a falar, sente-se que o medo corrobora a mentira: «Todos a dormir. É que nem de propósito. Um médico de Ceausescu veio a nossa casa, tinha eu acabado de sair do emprego. Foi no sábado, no dia em que aquele pastor que gosta dos húngaros, pôs toda a gente de Timisoara a proteger-lhe a casa. Sim, esse, Laszlo Tokes. Nós nem sabíamos de nada. Um primo contou-nos depois. O médico vinha por causa de um vírus qualquer. Injectou-nos cianeto. Sim, cianeto. Ficámos a dormir, todos, uma semana inteira. Está a ver, não sabíamos de nada. Acordámos. Por acaso fui eu a acordar primeiro. E foi então que soubemos que agora éramos livres. Está aqui a minha mulher que não me deixa mentir, Conta-lhe, Lily. Pois, cianeto, uma semana inteira. Tabaco já tenho, obrigado. Agora se quiser dar chocolates aos pequenos... Empregado dos comunistas, eu? Nem sequer tenho nada a ver com a igreja ortodoxa. São assassinos, esses, amigos de Ceausescu, uma vergonha. Nós nem sabíamos

de nada. Já viu o que me fizeram, a mim e à minha família? Cianeto. Um milagre estamos vivos. Todos o dizem. Ah, mas se eu pudesse tinha-lhe chegado, a esse médico assassino. Pela saúde dos meus filhos».

No Cemitério dos Jovens Heróis, inaugurado em 24 de Dezembro, onde antes se erguia um parque infantil. Pleno centro de Bucareste. Fala a mãe de Barbu Mihai, mártir de dezanove anos: «Mihai era um soldado, tinha sido recrutado em Setembro para a Força Aérea. Destinaram-no aos pára-quedistas. Na altura da revolução, ele estava connosco, em casa, a passar umas férias curtas. Queria ficar com a noiva, nesses dias, mas não teve sorte. O seu destino foi outro. Chamaram-no de urgência. Depois, lançaram-no de um avião para o terraço do edifício da televisão, que estava a ser atacado pelos terroristas. Uma bala atravessou-lhe a cabeça, do lado direito. Tinha outro irmão, Dan, de quinze anos. O meu último filho. Quando Mihai foi a enterrar os tiros continuavam na cidade e o Dan foi atingido num ombro. Ainda está no hospital. Odeio este cemitério, mas que hei-de fazer se o meu Mihai está aqui?»

Frank Wolf, congressista norte-americano, em missão de pesquisa na Roménia: «eles precisam das ferramentas da democracia».

Jornalista estrangeira, 24 anos: «Sei que fui um bocado inconsciente mas ainda não consigo pôr um vidro entre mim e as coisas. Além disso sentia-me próxima destes jovens que, com a barba por crescer, pediam armas para defender a revolução no Metro. Ceausescu fora executado no Natal e as pessoas garantiam que a Securitate iria retaliar no fim do ano. Por exemplo, ali, no Metro, mais especificamente na estação da Piazza Romana. O facto daria lugar a um massacre, no Metro não há saídas, é tiro aos pombos. Parecíamos uma turma acabada de sair da universidade. Brincaram comigo. Passaram-me uma metralhadora (kalashnikov?), dessas que pesam muito ao ombro e retiram lucidez às coisas. Ficamos mais emocionais. Quando me apercebi disso passei-lhes a arma. «Tomem, não sou capaz e, além disso, sou uma jornalista estrangeira...» com o correr do tempo a tensão foi aumentando. Aquela hora já ninguém



As crianças romenas já fazem o seu culto aos mortos. Até que ponto apreenderam que o comunismo é que é o «mau»?

Dumitru Geza, dirigente do movimento representativo da minoria húngara: «Os jo-



Centenas de manifestantes anti-comunistas manifestaram-se, no passado domingo, em Bucareste. O Exército, como sempre, não desarmou

exigia a tomada de decisões precoces, negativas para a dignidade nacional e contrárias ao espírito democrático proclamado pela FSN, cederam «precipitadamente».

#### Exército: poder alternativo?

Esta foi a segunda confissão de insegurança por parte da FSN.

As autoridades romenas tentaram rectificar a imagem de desordem e ausência de poder que tinham dado na sexta-feira (os romenos puderam ver, então, em directo pela TV, os seus três principais dirigentes, empoleirados sobre um blindado, ceder à pressão dos manifestantes).

Ilescu, referindo-se aos elementos da FSN que, pressionados pelas exigências dos manifes-

tantes, tinham pensado demitir-se, comunicou que tal intenção fora anulada porque concretizá-la seria «abrir o caminho ao caos e à anarquia, seria a via para a ditadura».

Mas quem protagonizaria essa ditadura? O mesmo exército que está agora no poder em Timisoara e Iasi?

O papel do exército num futuro próximo é, pois, uma das principais questões a discutir em Bucareste.

Considerado como a única força estruturada no país, agora que a inexistência do PC romeno é um facto, o Exército surge como o garante da revolução e há quem defenda que os militares devem assumir a liderança do país de forma a que tudo se normalize e se possa relançar a economia.

do teu sono de morte, insurge-te contra a barbárie dos tiranos). Foi o poeta Andrei Mureshanu quem o escreveu. Há 142 anos.

Andrei Plesu, de 42 anos, ministro da Cultura: «Estou farto de receber jornalistas com teorias feitas sobre a situação, teorias políticas preconcebidas. Vêm para aqui com uma ideia metida na cabeça. Quero expressar-me sobre isto. No primeiro dia havia a ideia de uma manipulação militar. Provou-se que era falso. Depois veio a ideia sobre uma maquiagem comunista. Uma coisa é curiosa. Em todos os outros países socialistas os novos Governos aceitaram membros do antigo aparelho. Ninguém fala de manipulação comunista, lá. E aqui, no primeiro encontro da FSN, em 40 membros, apenas cinco pertenciam ao antigo poder. E isto é manipulação comunista. É estranho. O comunismo não tem aqui chance, para além de um punhado de fanáticos, sem hipótese absolutamente nenhuma. A tese da existência prévia da FSN é ficção científica. Ilescu foi tirado do seu pijama e levado à televisão, no dia 22. Ele não esperava, Ninguém esperava. Eu estava na minha aldeia da Moldávia, onde me exilaram, e foi na televisão que vi o meu amigo poeta, Mircea Dinescu, a berrar «Ganhámos!». Eu sabia que ele estava preso. Não pude crer nos meus olhos. Foi tudo tão espontâneo. Um acidente. Doina Cornea telefonou-me. Queria que eu integrasse a frente. Nessa noite vim para Bucareste».

Eduard Shevarnadze, em visita à Roménia: «A aliança militar comunista não está obrigatoriamente ligada a um sistema político».

Hospital de Cornea, Bucareste. Marius Fulger, de 22 anos. Foi alvejado na noite de 21 de Dezembro. Um tiro no ombro e dois na perna direita. «Portugal? Ah, Benfica! Digam-me uma coisa, como é que, em Portugal, vocês pronunciam Steaua?»

Vasile Malutan, de 46 anos, piloto (Depoimento recolhido pela equipa do jornal Romania Libera, um dos órgãos da FSN): «Recebi ordens para, em 22 de Dezembro, dirigir-me com o meu helicóptero ao edifício do Comité Central. Queriam que eu ali recolhesse Ceausescu e a mulher, após terem sido vaiados pela multidão que se concen-

## GRANDE ANGULAR

A questão da existência prévia da FSN aos acontecimentos revolucionários indigna em demasia os seus dirigentes. «Essa sugestão é asnástica e, além disso, totalmente desprovida de importância» arremesou ao «DL», numa entrevista a publicar brevemente, o vice-primeiro ministro romeno, Mihail Draganescu.

Mas a verdade é que, pouco antes do 14º Congresso do PCR, que se reuniu em Novembro, um jornalista do «Le Monde» se referiu muito concretamente à existência de uma Frente de Salvação Nacional. Num artigo dedicado a uma oposição embrionária a Ceausescu o jornalista apontava a existência, nessa «frente», de comunistas e elementos vários da Securitate. Segundo o jornalista, aquela teria distribuído clandestinamente aos delegados do PC romeno um apelo para que, no Congresso, denunciassem a incompetência megalomana do ditador.

Draganescu aceitou a hipótese de uma prévia oposição a Ceausescu denominada Frente de Salvação Nacional, mas garantiu que não era de certo a mesma que está agora a dirigir o país.

É que, do ponto de vista popular, a confirmação desta hipótese, a dois meses das eleições, seria polémica. Muito polémica, mesmo.

Marina Tadeu

trava em frente da varanda do ditador. Entraram no helicóptero acompanhados por mais quatro pessoas, entre as quais Maria Manescu e Emil Bobu, dois dos seus íntimos colaboradores. O aparelho ia superlotado e o co-piloto ia quase sentado ao colo de Ceausescu. Primeiro dirigimo-nos para Snagov, onde o ditador tinha uma casa de Verão. Um dos guardas costas apontava-me uma arma. O próprio Ceausescu ordenou-me para não comunicar pela rádio com as estações de controle em terra. Ao chegarem a Snagov, Maria Manescu e Bobu desembarcaram e despediram-se emocionados do casal. Fomos depois para o aeroporto militar de Titu, a 29 quilómetros de Bucareste. Ao aproximar-me de Titu, o ditador ordenou-me que aterrasse fora da base militar, junto a uma estrada. Ali, os dois guarda-costas, de armas apontadas, intimaram um carro a parar e apoderaram-se dele para que Ceausescu e mulher continuassem em fuga. O condutor do carro era um funcionário chamado Nicolae Petrisor que mais tarde contou aos jornalistas ter sido obrigado a guiar durante horas, às voltas, enquanto Ceausescu procurava um sítio seguro para se esconder. Petrisor reparou que Ceausescu, sentado no banco da frente, tinha lágrimas nos olhos. O carro foi finalmente interceptado por trabalhadores, perto da localidade de Tirgoviste, e Ceausescu, ao ser reconhecido, foi entregue às autoridades militares. Três dias mais tarde, depois de o mantermos escondido num carro blindado, julgaram-no e mandaram-no fuzilar».

Mariam Niculescu morreu com 13 anos. Na lápide escreveram: «na noite de 22 de Dezembro, na praça do Palácio, a nossa pequena heroína foi abatida pelos terroristas da Securitate. O seu último diálogo com a mãe foi:

- Porque é que lá vais, minha filha?

- Mãe, não posso brincar mais com a vida».

Fotografias e fitas magnéticas constituem o suporte de verosimilhança deste painel. Estes modos de reprodução mecânica são, aliás, a única prova que nos resta da existência de um país à beira do mirífico. A construção de uma plausibilidade do real é, agora, da responsabilidade dos romenos.

M. T.

## COMENTÁRIO

# O poder do outro

«O problema deles connosco é que a nossa consciência política não nos sai do corpo sem que aquilo a que se dá o nome de «vida» o abandone também».

Carta de Ulrike Meinhof aos seus advogados (Fevereiro de 1974).

Embora fora do contexto romeno, esta afirmação da companheira do célebre terrorista alemão adapta-se com uma crueza conflagradora ao panorama da dissolução comunista no leste e à respectiva questão ideológica. Tenham ou não morrido 60 mil na Roménia, a leitura dos últimos episódios deixa adivinhar o fatalismo de uma morte ideológica e uma inevitável deslocação de paradigma: a democracia passa a ser o mais legítimo dos édenes.

O facto, porém, de, para os romenos, a liberdade lhes ter saído do corpo, vem alterar o enunciado do problema. Em fábricas, escolas e empresas diariamente se reúnem as autorecriadas células da Frente de Salvação Nacional. São pessoas a descarregar, cumulativamente, a tentar, em voz activa, construir um país que se «desatou», após 24 anos de obscurantismo. Resultado: o Governo revolucionário e provisório que, afinal, se vai candidatar às eleições de Abril já «apelou» ao bom senso e à contenção dessa dinâmica popular. Reuniões políticas no local de trabalho corroem os índices da produtividade, queixa-se o Governo. E é neste ponto que a perplexidade dos romenos espalha a euforia inaugural. E que, se com a ditadura, já sabiam que estavam condicionados a embater no poder irreduzível do outro, agora, com a democracia preliminar terão de se concentrar numa estranha aprendizagem: a democracia também é, afinal, o poder dos outros, ainda que maquiada pela nuance da alternância.

E o espanto reside nisto: os romenos assistem à transferência de uma intervenção directa consolidada pela participação política em células do poder - ironicamente ubíquo como no tempo do Partido Comunista -, para uma intervenção diferida que sanciona o direito a delegarmos no outro o nosso poder, a converter a nossa acção no seu poder.

Para os romenos, habituados à não participação - numa sociedade dita sem classes é escusada uma consciência social - a política resalta de repente, do corpo, como uma tatuagem inalienável. Este povo tem sede de liderar os seus processos de transformação, da elaboração dos modelos às formas operativas. Por isso o horizonte da FSN - cada vez mais intransigente - depende da elasticidade que demonstrar em relação às ansiedades que grassam na Roménia. Para que a revolução não seja, parafraseando Lenine, «o equívoco mais a classe operária», é necessário que a espontaneidade dos romenos não lhes seja cortada pelo alibi da estabilidade das instituições.

Que o previsível adiamento das eleições e a aparição, na Comunicação Social, até agora vedada aos novos partidos da Roménia, de propostas «alternativas» não descambe a euforia para o desencanto. Porque as democracias directas, essas, também não as há cá deste lado.



Marina Tadeu

# Diário de Lisboa

Fundado em 1921  
Editado por Renascença Gráfica, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: António Ruella Ramos.

Administradores: Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Montelro e António Gomes da Costa.

Secretário-geral: Jorge Galamba.

Director Mário Mesquita  
Directora-adjunta Diana Andringa

Exerceram anteriormente a Direcção:  
Joaquim Manso (1921/1956)  
Norberto Lopes (1956/1967)  
António Ruella Ramos (1967/1989)

Chefe de Redacção  
Acácio Barradas  
Chefes de redacção-adjuntos:  
José Leite Pereira, Paulo David,  
Rodrigues da Silva e Rui Camacho

Redactor-principal  
João Paulo de Oliveira  
Coordenadores de Secção:  
Adelino Cardoso, Eurico Vasconcelos, João Galamba de Oliveira, José Luís Feronha, Maria Gulomar Lima, Neves de Sousa e Vítor Leitão

Redactor-paginador  
António Ribeiro Ferreira

Redacção e reportagem fotográfica:  
Almeida Henriques, Ana Mafalda Inácio, Ana Paula Sá, António José Teixeira, Augusto Vilela, Carlos Camponoz, Céu Neves, Daniel Reis, Dina Soares, Duarte Calvão, Elsa Andrade, Emília Trindade, Ernesto Sampalo, Fernando Brederode Santos, F. Dias de Brito, Gisela Oliveira, João Isidro, Jorge Ferreira, José Rui Cunha (Bruxelas), José Tavares, Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra Botinas, Lurdes Féria, Maria Antónia Martinho, Maria João Martins, Maria João Rocha, Maria José Belo Marques, Marina Tadeu, Marina Tavares Dias, Paulo Martins, Pedro Alvim, Pereira de Almeida, Rodrigues Borges, Rui Eduardo Paes, Rui Ferreira e Sousa, Rui Nunes e Rui Pacheco

Colaboradores permanentes da Redacção: Alves Henriques, Daniel Oliveira, Francisco Paraíso, Isabel Joyce e Roby Amorim.

Cartoonistas: António Alfredo e José Bandedra

Grafistas:  
Ribeiro da Silva (coordenador), Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo e Luís Tenreiro

Paginadores:  
José António Carvalho, Jorge Santos, Nuno Teixeira e Óscar Figueiredo

Secretária de Direcção  
Maria Eduarda Soutello  
Secretaria de Redacção:  
José Agostinho (coordenador), António Lima e Maria Helena Matos

Chefe de Publicidade  
Luísa Valadas

Gestor de Informática  
Luís Cantelero

Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 - Telegramas DIBOA - Telex 12363 DIAROP - Telefax 3467134. Impresso na Renascença Gráfica, SA - Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-1ª - 1200 Lisboa - Telef. 322100/322204/320784. Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal: no Continente, 60\$00; na Madeira, 75\$00; nos Açores, 85\$00.



PORTE  
PAGO



A penúria do sistema é também a penúria dos corpos. Mas agora, o que importa, é a «liberdade»



Iliescu, Ceausescu e a mulher deste, jogam às argolas. A foto data de 1976. Que mais surpresas guardarão os arquivos do PC romeno?

*A liberdade está a sair cara à Roménia. À antiga gestão «catastrófica» da economia, cujas dificuldades se agravaram com o rigoroso Inverno, somaram-se as medidas «populistas» do novo Governo da FSN, entre as quais a mais gravosa, em termos económicos, é a quebra da restrição do consumo energético. A França e a URSS, entretanto, já se ofereceram para ajudar*

**GRANDE  
ANGULAR**

## O preço da liberdade

Petre Roman, primeiro-ministro romeno, revelou no passado sábado que a indústria metalúrgica labora a 70 por cento da sua capacidade, a mineira a 80 por cento e enumerou ainda, no rol das desditas, a falta de matéria prima em muitas fábricas. Segundo Roman, «o mais grave problema está em manter ocupada a força de trabalho, ou seja, evitar a paralisação».

Enquanto espera pela ajuda energética prometida pela União Soviética durante a visita de Shevardnadze e, no sector dos transportes e comunicações, o apoio dos

franceses, o executivo interino da FSN vai autorizar a livre iniciativa nas pequenas empresas, reafirmando, nos seus propósitos, a prioridade da tão almejada economia de mercado.

Mas como tornar possível o sonho capitalista - e a aura de conforto que o rodeia - num país estrangado a alimentar-se dos apoios internacionais?

Brevemente, a Roménia estabelecerá relações diplomáticas com a Comunidade Europeia que não parece nada insatisfeita com isso. No final do ano, Ceausescu, a um preço desumano, gorou liqui-

dar a dívida externa do país. O Produto Interno Bruto da Roménia é hoje idêntico ao da Grécia e duas vezes superior ao da Hungria...

### A miséria que não morreu com Ceausescu

Mas condicionantes várias entravam o «hedonismo capitalista» que a liberdade deixava entrever.

A precária situação económica da Roménia e a falta de produtos essenciais não desapareceram com Ceausescu.

Entre 1980 e 1987 os romenos, que trabalhavam seis dias por semana e dez horas

por dia, viram o seu nível de vida reduzido entre 15 a 25 por cento. O consumo privado decresceu 60 por cento. Os orçamentos destinados, durante o mesmo período, a sectores como a Educação e a Saúde, sofreram uma quebra de 75 e 25 por cento, respectivamente.

As reduções drásticas impostas à população ao nível do consumo energético - menos de trinta por cento no Inverno passado - e de bens essenciais, reduziram os romenos à penúria, à fome e à obscuridade.

A famigerada «dieta científica» de Elena Ceau-

escu mantinha os romenos no limiar do mundo dos vivos. O racionamento era conflagrador. Doze horas às portas das lojas, com resultado incerto, para receber a ração do mês: meio quilo de carne.

Os consumos excessivos de energia eléctrica eram severamente punidos. O gás doméstico não tinha pressão para aquecer a água.

O grande problema é que, a não aceitar o apoio e a interferência dos auxílios estrangeiros, a situação da Roménia poderá vir a continuar assim. E o terror, agora, é o do recuo.

## Crianças romenas são moda na Bélgica

Tenho um vizinho timino, que só fala inglês e alemão. É o pequeno Timmy, de cinco anos, adoptado em 1987. Outro dos meus vizinhos veio de África, num voo proveniente de Nirobi, e conheceu os pais adoptivos, belgas, aqui, no aeroporto de Zaventem. Mesmo ao lado da padaria do meu bairro, reside uma vietnamita, adoptada por ingleses, e, recentemente, a Cecília, uma guatemalteca de 13 meses, passou a ter um irmão romeno, cujo quarto aniversário será já celebrado em Sterrebeek.

Estes exemplos são elucidativos da mania das adopções na Bélgica. Uns chamam-lhe moda; outros, epidemia e há, ainda, quem avance com teorias

complexas sobre futuros longíquos, nos quais os humanos dos cinco continentes serão todos iguais e tanto como bolos de fabrico industrial, resultado de inúmeras misturas homogeneizadas, pastéis de Belém, por exemplo.

A média de filhos das famílias belgas é extremamente baixa, o que preocupa as autoridades. A população envelhece, porque os belgas não se reproduzem, os casais preferem adoptar crianças estrangeiras. A moda das adopções resulta de uma outra moda: evitar a gravidez, fazer amor controladamente e, conseguindo por este modo diminuir a quantidade de órfãos no mundo, dar prova do

imenso sentimento de solidariedade dos belgas... A mania é tal que não há crianças que cheguem para os pedidos ou, pelo menos, são longas as listas de espera em que se inscreveram os potenciais pais adoptivos. Nestas circunstâncias, os orfanatos romenos vieram criar grandes esperanças. Ainda há poucos dias desembarcaram em Bruxelas cinco rapazes e quatro raparigas, oriundos de orfanatos até há pouco administrados pela família Ceausescu. Em Bruxelas, espécie de cidade capital das adopções, a Roménia, os seus orfanatos e as suas crianças são agora a grande moda.

Jose Rui Cunha, em Bruxelas

## FORUM

## UMA NOVA AGENDA

O País entra em 1990 com os dados políticos em posição muito diferente da que se registava há um ano atrás. Em Janeiro de 1988, estava o Partido Socialista ainda ocupado a resolver problemas de liderança e de orientação política que não tinham podido ser encerrados nos anos anteriores. A direita, após mais de três anos de exercício governativo isolado, o PSD não fora atingido por provas políticas sérias e mantinha praticamente intacto o efeito legitimador dos resultados de 1987. Expectativas diminutas de mudança faziam

avultar o espectro do «Estado/PSD» e o risco do País se submeter à ideia do partido maioritário se suceder a si próprio nas escolhas eleitorais seguintes.

Um ano depois, o PSD está a braços com os efeitos de dois actos eleitorais de que os seus homens saíram diminuídos e a sua acção desaprovada. O líder que no passado proporcionara à direita um êxito eleitoral sem precedentes - e a quem tudo fora partidariamente proporcionado - não conseguiu inverter nas autárquicas o processo de declínio eleitoral que as europeias tinham indicado. Com o segundo desaire nas urnas, Cavaco Silva mostrou aos seus que não é pessoa a quem se

possa confiar por inteiro o encargo de reagir a uma contrariedade eleitoral. E daí que do modelo que até agora organizava as relações entre líder e seguidores na área do PSD muito não tenha transitado já para 1990.

No PS, o ano decorrido salda-se pela ultrapassagem de um ciclo de dificuldades e limitações que se prolongava desde 1985. Um histórico feixe de circunstâncias acabou por fazer deslocar sensivelmente a fronteira eleitoral entre socialistas e comunistas. Os mais recentes resultados eleitorais proporcionaram ao PS condições estimulantes para a preparação de uma disputa efectiva do Governo ao PSD nas próximas legislativas e encerraram um período de provisoriedade latente das soluções de liderança.

São por isso também diferentes os trabalhos e as decisões políticas que se perspectivam.

À direita, dentro e fora do PSD, vai estar na ordem do dia um reajustamento das realidades partidárias e governativas que permita deter o declínio eleitoral e viabilizar soluções maioritárias para 1991.

Reduzida a base eleitoral do PSD, tornado verosímil o regresso da esquerda ao poder e diminuída a confiança nas capacidades do Primeiro-Ministro para o evitar, é a altura de surgir, à direita, mais diferenciação, mais competição, mais ousadia - a retoma de uma política recalcada por anos de cavaquismo.

Neste quadro, o impacto das presidenciais dificilmente pode ser exagerado. Seria contraditório com uma estratégia de recuperação política que o campo à direita do PS se não fizesse representar autonomamente nessas eleições e se quisesse confundir com os apoiantes de Soares. Mesmo que essa pudesse vir a ser a inclinação de Cavaco e de alguns outros, seria incompatível com os dados políticos actuais que a direita se desse por representada e esgotada nessa opção. E seria crível que Cavaco Silva, tendo adquirido a liderança do PSD com o anúncio do apoio à candidatura de Freitas do Amaral, imaginasse preservá-la, passando a apoiar quem a derrotou?

Do lado do PS, a fixação do eleitorado que recentemente o preferiu e a sua expansão vão implicar um sério trabalho de credibilização governativa. Tanto como homens, políticas e soluções alternativas para os problemas terão de poder ser identificados. Preferir um líder a outro líder é qualquer coisa que ainda assegura o êxito à lógica que fez o cavaquismo e que a direita agora dificilmente transcendera. Mas projectar soluções que, elas próprias, fixem também as preferências do eleitorado parece ser obra ao alcance e do interesse da esquerda.

Para lá de homens e políticas alternativas, vai estar por isso na ordem do dia também a preparação de um modelo de partido de governo alternativo ao que o PSD propôs ao País nos últimos anos. O PSD reduziu a diversidade e o diálogo político no seu interior, valorizou quem seguia e aprovava - e com isso empobreceu-se, diminuiu a sua influência e o seu crédito, desperdiçando as possibilidades abertas por apoios eleitorais excepcionais. O desenvolvimento das virtualidades dos últimos resultados eleitorais ficaria comprometido se o PS não decidisse oferecer ao País, também neste domínio, uma proposta diferente.

De 1989 não vem decidido o futuro do Governo. Mas quando ministros prefiguram já, publicamente e em nome do interesse nacional, uma aliança governativa PSD/CDS para 1991, é lícito pensar que a disputa pela fórmula política pós-Cavaco ocupa agora o centro da cena. Depois deste extraordinário 1989, e ainda que se continuem a esperar coisas extraordinárias do actual Primeiro-Ministro, o pós-cavaquismo já está em agenda.

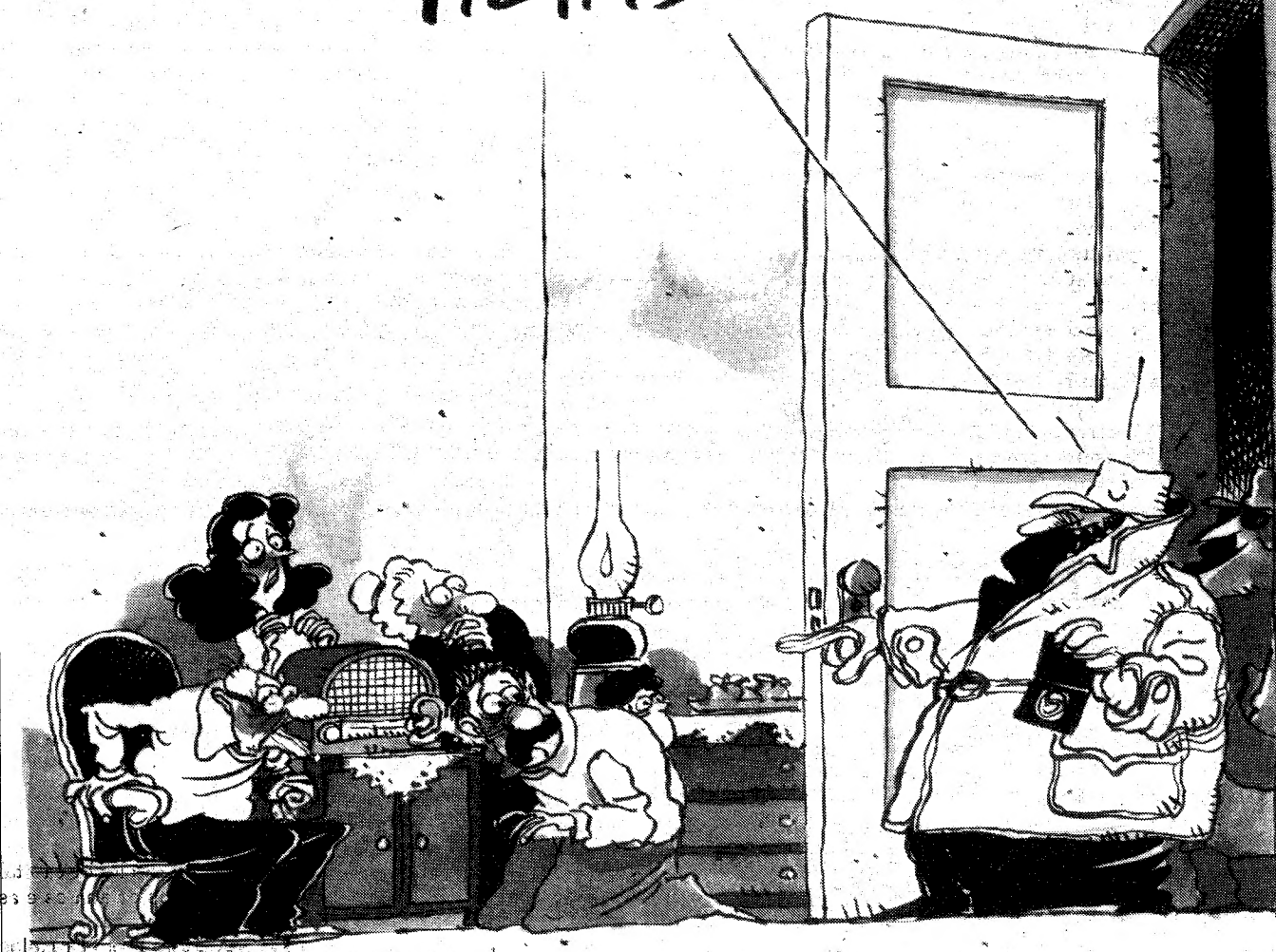


Alberto Costa

Cartoon de José Bandeira

AHA! OLIVINDO A  
CAZEIA NAZIONAL  
DE RÁZIOS,  
HEIN?

BANDEIRA



# FORUM

## UM SALTO RÁPIDO A BADAJOZ

**H**á coisa de três anos, a vida obrigava-me a ir a Badajoz todas as semanas – saía de Lisboa às quintas-feiras, e regressava aos domingos, lá para o fim da

tarde, àquela hora em que não é dia nem é noite, e em que as sombras misturam os homens, os carros e as árvores.

Este regime de vida levava-me frequentemente a Elvas, uma cidade, então, morta aos olhos de quem ganha a vida a atravessar fronteiras e, por isso mesmo, se habituou a comparar, quase inconscientemente, as cidades, os homens e as terras que vai encontrando pelo caminho.

O meu pai, que viajava com uma mala na mão e o horizonte nos olhos, tinha uma loucura por esta cidadezinha alentejana, em que meditive vezes sem conta para beber um café apressado antes de tomar, novamente, o caminho da Estremadura espanhola.

Apesar do interesse que esta paixão paterna me levou a ter por Elvas, não

conheço, senão superficialmente, esta cidade, e afirmo-o desde já, porque entendo que ninguém tem o direito de falar de uma terra em que não viveu pelo menos uns bons meses, em que nunca lugou casa própria e em que nunca foi à praça, ao médico e ao barbeiro.

Conheço, infelizmente, dezenas de portugueses que, tendo passado quinze dias em Londres ou em Paris, se julgam no direito de dizer todos os disparates que lhes vêm à cabeça sobre essas cidades que, na realidade, nem sequer conhecem, tal como se julgam no direito de asneiar à vontade, sem que alguém os possa refutar, sobre uma Inglaterra que nunca viram e uma França que desconhecem inteiramente.

Repito, portanto, que só conheço superficialmente Elvas, cidade em que apenas estive umas dezenas de vezes, mas nunca por mais de duas horas.

Feita esta restrição, em meu entender decisiva, confesso que Elvas me impressionou, até muito recentemente, pelo aparente sonambulismo da sua gente,

mais dada a olhar para o ar do que a construir as bases de uma vida rica e agradável para si e para os seus.

A caminho de Badajoz, onde as ruas estão cheias de gente, onde ir a certos cafés é uma festa, onde aparecem, todas as semanas, bairros novos, onde se multiplicam os clubes, as associações e os agrupamentos de gente interessada no que se passa à sua volta, não podia deixar de me impressionar com as ruas vazias de Elvas, com a aparente tristeza da sua gente que me parecia adormecida, com a monotonia da sua vida sem presente e sem futuro.

Confesso que, ao entrar em Portugal pela fronteira do Caia, vindo de onde viesse, sentia-me sempre vagamente deprimido e humilhado, como se tivesse chegado à província da Europa – uma província adormecida e satisfeita com a mediocridade do seu destino.

Nunca confessei esta sensação publicamente – apesar de a saber partilhada por muitos portugueses – por receio inconsciente de que ela fosse interpre-

tada como sinal de falta de patriotismo, sentimento a que não sou alheio, mas sem os exageros e os abusos que dele fazem os que pretendem, me seu nome, impor-se ou impor as suas ideias aos outros.

Se hoje me confesso, não é porque julgue que o meu País já tenha atingido a maioria necessária para não confundir «patriotismo» com «patrioteirismo» – o «patrioteirismo» exaltado regressará, de barba no rosto e de espada na mão, assim que os políticos voltarem a necessitar dele – mas porque fui, esta semana, a Badajoz e tive a alegria de constatar que Elvas acordou.

Se isto se deve a um ressurgimento geral da vida portuguesa ou se é um fenómeno local atribuível à baixa do escudo, é coisa que não é para aqui chamada, até porque, seja qual for a sua razão de ser, está a alterar a vida das regiões fronteiriças do País.

Há muito poucos anos, viam-se portugueses nas lojas de Badajoz – aos sábados, por exemplo, a clientela do «Simago»

### AUTO-RETRATO

*O auto-retrato é um desafio que o DL está a lançar às mais diversas personalidades da vida pública portuguesa. Duas vezes por semana está nestas páginas. Hoje é a vez de Urbano Tavares Rodrigues*

**O** Alentejo deu-lhe a dimensão do mundo. Vêm-lhe da sua paisagem a nostalgia e o gosto das coisas mágicas. Do seu povo humilhado e infeliz a

raiva e o amor com que escreveu. Também certas figuras pícaras, com a ajuda (muito cedo) de Cervantes; a Espanha ficava ao lado. Mas foi sobretudo a literatura francesa que descobriu na biblioteca paterna; e três escritores muito diversos, cada qual a seu modo grande: Teixeira-Gomes, António Patrício, Aquilino Ribeiro. Isto quanto às leituras.

A escola da vida foi a mudança para Lisboa, foram os anos da Guerra de Espanha e da de 39-45, ainda na adolescência, depois os primeiros amores vadios e o jornalismo ao mesmo tempo da Faculdade de Letras. A descoberta palpável, e agoniada, da censura, as greves universitárias de 47, as sonhadas viagens, a fuga para França, onde havia de ensinar, investigar, viver, conhecer mundo. O casamento com Maria Judite de Carvalho.

Publica em 52 um livro de contos que será o mostruário da sua obra: *A Porta dos Limites*. O encontro com a sua geração, para além-fronteiras, os ventos do existencialismo e do marxismo marcam os seus contos e novelas dos anos cinquenta, onde há erotismo e cosmopolitismo, as ruínas físicas e morais da Europa do pós-

guerra (*A Noite Roxa*) e – sempre – o Alentejo.

Com o regresso a Portugal, reincide no jornalismo e é chamado a ensinar na Faculdade de Letras de Lisboa, de onde será afastado poucos anos depois, por manifestar publicamente o seu antifascismo.

A década de 60 traz-lhe romances e novelas, prémios literários, prisões, espancamentos, livros apreendidos pela censura e experiência. Participa na Resistência, lê montes de livros e em tudo o que escreve deixa, tanto como o desejo de testemunhar sobre o seu tempo, sinais de uma ânsia de mudança e experiência, a nível estético. Como se quisesse nunca repetir o mesmo livro, os mesmos processos de enunciação, o que evidentemente não consegue. Tem a noção disso. E também a de haver publicado de mais.

Como se a literatura fosse para ele uma terapêutica, um remédio contra a solidão. De *Bastardos do Sol* a *Imitação da Felicidade*, a *Estrada de Morrer*, trilhou voluntariamente sendas da tradição e caminhou com a mesma determinação ao encontro do novo.

O Maio de 68 foi um ponto alto da sua vida, o 25 de Abril a euforia, o regresso temporário à juventude, o empenhamento revolucionário.

Rreintegrado na Faculdade de Letras, acrescentou alguns títulos à sua produção ensaística, fez o doutoramento em 84

sobre a obra ficcional de Teixeira-Gomes, viajou por esse mundo e, sem abdicar do realismo, deu vazão ao gosto latente pelo onírico e pelo fantástico, que era uma das vertentes (quase encoberta) dos seus livros anteriores. *Fuga Imóvel*, *Oceano Oblíquo*, *A Vaga de Calor* e *Filipa nesse Dia* situam-se nessa pista.

A ficção, como forma de tomar consciência de si mesmo, e de tudo o que o rodeia, vai provavelmente acompanhá-lo no resto da existência. Ainda que, ao começar um romance, pense, já há uns tempos, que será de certo o último, pelo que dele terá de fazer, de algum modo, um testamento. Mas falha. E recomeça. Como, afinal, sempre fez.

### Bibliografia

#### Ficção:

*A Porta dos Limites* – 1.ª ed., 1952; 2.ª ed., 1960; 3.ª ed., 1970 (tradução parcial alemã); 4.ª ed., 1979. *Vida Perigosa* – 1.ª ed., 1955; 2.ª ed., 1971; 3.ª ed., 1974. *A Noite Roxa* – 1.ª ed., 1956; 2.ª ed., 1967 (tradução parcial em russo); 3.ª ed., 1972 («Livros de Bolso Europa – América»); 4.ª ed., 1976. *Uma Pedrada no Charco* – 1.ª ed., 1958; 2.ª ed., 1960; 3.ª ed., 1967; 4.ª ed., 1973 (tradução parcial em alemão e russo); Prémio Ricardo Malheiros, da Academia das Ciências, *Bastardos do Sol* – 1.ª ed., 1959; 2.ª ed., 1966 (tradução francesa 1969); 3.ª ed., 1972; 4.ª ed., 1974 (Círculo de Leitores); 5.ª ed., 1983 (tradução russa,

1977; tradução alemã, 1978; tradução búlgara, 1983; tradução grega, 1987; tradução em Cuba, 1987). *As Aves da Madrugada* – 1.ª ed., 1959; 2.ª ed., 1966 (tradução checa, 1967); 3.ª ed., 1970; edição brasileira, 1972; 4.ª ed., 1974 (tradução parcial em sueco, 1976). *Nuse e Suplicantes* – 1.ª ed., 1960; 2.ª ed., 1962; 3.ª ed., 1970; 4.ª ed., 1972; Prémio dos Leitores (tradução alemã, 1972); 5.ª ed., 1978. *Os Insubmissos* – 1.ª ed., 1961; 2.ª ed., 1965; 3.ª ed., 1969; 4.ª ed., 1971; 5.ª ed., (Unibolso), 1973; (6.ª ed., 1976 (tradução romena, 1988). *Exílio Perturbado* – 1.ª ed., 1962 (tradução espanhola, 1967); 2.ª ed., 1969; 3.ª ed., 1982 (tradução romena, 1988). *As Máscaras Finais* – 1.ª ed., 1963; 2.ª ed., 1972 (tradução parcial em checo). *Terra Ocupada* – 1.ª ed., 1964; 2.ª ed., 1972 (tradução parcial em checo, 1967). *Dias Lamacentos* – 1.ª ed., 1965; 2.ª ed., 1972. *Imitação da Felicidade* – 1966; Prémio da Imprensa Cultural (apreendido pela censura); (tradução parcial em sueco, 1971); 2.ª ed., 1974 (tradução em russo e em búlgaro, 1977; tradução polaca, 1980). *Despedidas de Verão* – 1.ª ed., 1967; 2.ª ed., 1974. *Casa de Correção* – 1.ª ed., 1968; 2.ª ed., 1972 (tradução em russo, 1977; tradução alemã, 1982). *Horas Perdidas* – 1.ª ed., 1969; 2.ª ed., 1973. *Contos da Solidão* 1.ª ed., 1970, 2.ª ed., 1972. *As Torres Milenárias* 1.ª ed., 1971; 2.ª ed., 1975. *Estrada de Morrer* 1.ª ed., 1972 (tradução parcial em russo); 2.ª ed., 1976 (Unibolso). *Dissolução* – 1.ª ed., 1974 (tradução em russo, 1978); 2.ª ed., 1983.

# FORUM



Luís de Sítua Monteiro

era quase inteiramente portuguesa, ouvia-se falar português nas «Galerias Preciados», havia portugueses a jantar nos «Gabrieles» ou a beber no «Sotano» e, de cada quatro carros parados em frente

do «Zurbaran», dois tinham matrículas portuguesas.

Hoje, passa-se o mesmo em Elvas, e quem quiser almoçar na «Bolota» tem de aguardar que os *extremeños* lhe dêem lugar; os carros espanhóis parados em frente das lojas da cidade e dos novos restaurantes surgidos ultimamente não se podem contar, tal como não se podem contar os espanhóis que andam pelas lojas a fazer as suas compras.

Mais importante ainda do que a vinda dos espanhóis é que se vêem bairros novos a surgir na cidade, as velhas lojas foram renovadas e a cidade apresenta um aspecto novo, mais limpo, mais agradável, mais europeu.

Badajoz, por outro lado, decai dia-a-dia. Há menos artigos nos estabelecimentos, as novidades já não chegam com a mesma frequência e, muito embora a alegria seja a mesma e a construção continue a um ritmo acelerado, é visível que a cidade está a sofrer com a falta dos antigos compradores portu-

gueses.

É certo que, aparentemente, a Espanha está a enriquecer no Norte e a empobrecer no Sul – Sevilha, em obras para a futura exposição, parece-se com Lisboa, de tantas que são as suas ruas esburacadas e mal pavimentadas, e as suas casas a necessitar de obras.

Observo a evolução de Elvas com um certo agrado, até porque me parece que o nosso turismo vai assentar, cada vez mais, na vinda de espanhóis em busca do nosso mar.

Dois jornalistas franceses meus amigos, que tencionavam vir passar as férias a Portugal, disseram-me há pouco tempo que mudaram de planos e que, bem vistas as coisas, preferem ir passá-las à Europa de Leste – sai-lhes muito mais barato e a «abertura» acabou com as inúmeras restrições e chatices a que os turistas estavam sujeitos nesses países.

Ouvi vários franceses e ingleses da mesma opinião, e receio que o «Leste» entre na moda e atraia, a partir dos próximos anos, uma grande parte dos turistas que vinham a Portugal.

Se ficarmos cada vez mais dependentes dos espanhóis, teremos de seguir o exemplo de Elvas e de modernizar as nossas cidades.

Não esqueçamos que a vida, numa cidade de província europeia, é extremamente agradável e tão «actual e moderna» como a vida nas grandes cidades...

esa, 1989; *Filipa nese Dia*, 1989.

## Ensaio e Crítica:

**Manuel Teixeira Gomes** (introdução ao estudo da sua obra) – 1950. *Présentation de Castro Alves* – 1954 (edição francesa). *O Tema da Morte* – 1ª ed., 1958; 2ª ed., 1966; 3ª ed., 1978. *O Alentejo* (prefácio e selecção) – 1ª ed., 1958; 2ª ed., 1959. *Teixeira Gomes e a Reacção Antinaturalista* – 1960. *O Mito de Don Juan* – 1ª ed., 1960; 2ª ed., 1981. Prefácio a *O Teatro e o Seu Duplo*, de Antonin Artaud – 1962. *O Algarve na Obra de Teixeira Gomes* (prefácio e selecção) – 1962. *Noites de Teatro* – 2 vols. – 1961 e 1962. *O Romance Francês Contemporâneo* – 1964. *Realismo. Arte de Vanguarda e Nova Cultura* – 1ª ed., 1966 (tradução espanhola, 1967); 2ª ed., 1978. *A Estremadura* – 1968. *A Saudade na Poesia Portuguesa* (prefácio e selecção) – 1968. *Escritos Temporais* – 1ª ed., 1969. *Ensaio de Escriviver* – 1ª ed., 1971; 2ª ed., 1978. *Ensaio de Após Abril* – 1977. *O Gosto de Ler* – 1980. *Um Novo Olhar sobre o Neo-Realismo* – 1981. *M. Teixeira Gomes: O Discurso do Desejo* – 1984. Prefácio a *Despedidas* – de António Nobre – 1985. *Obras Completas de M. Teixeira – Gomes* – prefácio e direcção da edição de (1985/1989).



Urbano Tavares Rodrigues

*Viamorolência* – 1ª ed., 1976; 2ª ed., 1987. *As Pombas São Vermelhas* – 1ª ed., 1977; 2ª ed., 1985. *Desta Água Beberei* – 1ª ed., 1979; 2ª ed., 1986. *Fuga Imóvel* – 1982 (Prémio Aquilino Ribeiro, da Academia das Ciências de Lisboa). *Oceano Oblíquo* – 1985. *A Vaga de Calor* – 1986; 2ª ed., 1986; 3ª ed., 1987 (Prémio da Crítica do Centro Português da Associação Internacional dos Críticos Literários); tradução franc-

tuguesa (prefácio e selecção) – 1988. *Ensaio de Escriviver* – 1ª ed., 1971; 2ª ed., 1978. *Ensaio de Após Abril* – 1977. *O Gosto de Ler* – 1980. *Um Novo Olhar sobre o Neo-Realismo* – 1981. *M. Teixeira Gomes: O Discurso do Desejo* – 1984. Prefácio a *Despedidas* – de António Nobre – 1985. *Obras Completas de M. Teixeira – Gomes* – prefácio e direcção da edição de (1985/1989).

## O DOUTOR ASTAROTH, OCULISTA PERSUASIVO

Uma noite destas, percorrendo ao acaso os canais do meu televisor e depois de ter sido totalmente esclarecido acerca dos tapetes persas e da vocação filantrópica dos ourives de Valência, deparei-me um certo doutor Astaroth que, desejando todo o bem aos telespectadores (com aquele nome eu esperava que, coerentemente, desejasse todo o mal), os elucidou sobre o poder que possuía de, a preços razoáveis, julgo, afugentar todo o mau-olhado ou feitiço, graças à manipulação de emanções fluídas.

Como sucede a quem quer vender um produto ou tornar legítima uma teoria científica (e encontrava-me seguramente perante uma simbiose de ambos os casos), o doutor Astaroth tinha de convencer o público de que não estava a contar loas.

E ei-lo utilizando os típicos argumentos que todo e qualquer ocultista utiliza, desde que o mundo é mundo: desatou a dizer mal de todos aqueles charlatães pseudo-curandeiros que se afirmam capazes de afastar o mau-olhado quer por magia de similaridade quer por magia de contacto, do que resultou todo o «Ramo de Ouro» de Frazer) sair bastante maltratado, para não falar já dos variadíssimos herdeiros de Fausto e de Cornélio Agripa que melhor fariam, como bons europeus errantes, se estendessem a mão à caridade pública.

Uma vez lançado o mais completo descrédito sobre todas as formas de ocultismo em circulação, o doutor Astaroth fez uma boa jogada, ao afirmar que os seus impulsos fluídos, que agem na presença de uma fotografia do indivíduo em causa, são os únicos cientificamente autorizados, como provavam os numerosos exemplos, que ia apontando, de rapariguinhas libertadas de terríveis feitiços, à distância e sem que o soubessem – portanto, sem suspeitas de auto-sugestão (artifício pueril sobre o qual os outros magos especulam).

Nas ciências ditas «oficiais», quando se apresenta uma nova hipótese polemiza-se com uma teoria anterior mas, contestando-a especificamente, não se questiona o corpo geral do conhecimento científico. A revolução copernicana punha em causa o sistema solar, mas não punha em dúvida que existisse uma sucessão de equinócios.

Por outras palavras, o saber oficial é cumulativo, revisionista e fiduciário: admite que existe uma acumulação de conhecimentos, reanaliza-os continuamente um a um, mas trata com consideração os erros precedentes, porque sustenta que só a partir da

acumulação destes, reconsiderados criticamente, nasce a nova descoberta. E, depois, naturalmente, trata de arranjar provas, por sua vez precárias, para sustentar a hipótese.

O saber dito «tradicional», do qual o ocultismo comercial é o filho degenerado, mas geneticamente legítimo, afirma que a ciência oficial é um logro e substitui pela continuidade milenária de um saber antiquíssimo e secreto.

Trata este saber de um modo cumulativo ou, melhor, coloca sincreticamente juntas todas as afirmações, como se cada uma se referisse a uma única verdade, já desaparecida, mas conhecida pelos nossos antepassados.

Por conseguinte, em teoria não revê nem critica nada; todavia, na prática argumentativa, não dá crédito a ninguém.

Procedendo através de afirmações peremptórias sem fornecer provas falsificáveis, o saber ocultista não tem se não um meio de se tornar persuasivo: desacreditar todos os outros que o professam.

O argumento é o seguinte: «A tradição é verdadeira; mas, como é secreta, aqueles que a divulgam são uns charlatães e nada de nos fiarmos neles.

Não vos fiando neles, não tereis outro remédio senão fiar-vos em mim.»

Pensando bem, é o mesmo artifício da publicidade comercial: como não posso demonstrar que o meu detergente lava mais branco, tento mostrar-vos como os outros lavam mal.

Que estes outros lavem de modo pouco satisfatório e, que não tirem as nódoas de pêssego ou de tinta, sabe-lo vós muito bem, até por experiência própria.

Portanto, tereis de concordar que eu, uma verdade, ao menos uma, vos disse. E assim convindo-vos a que confiem em mim também em relação ao resto.

Sabe-se perfeitamente que a soma de dois erros não equivale a um acerto, mas a habilidade do persuasor está em nos fazer ver apenas um erro.

E o público reage como os heróis dos filmes de espionagem: num universo em que todos jogam um jogo duplo, somos obrigados a confiar em alguém.

Porém, ao menos nos filmes, trata-se em geral de uma linda mulher, cujos feitiços de amor se revelam dulcíssimos.

(\*) J. G. Frazer, *The Golden Bough – A study in magic and religion* (trad. de Manuela Ferreira de Almeida)

Exclusivo DL/Espresso



Umberto Eco

# POLÍTICA

## Africanos exigem protecção contra violência dos «skinheads»

*O aparecimento dos «cabeças rapadas» liga-se a um movimento existente na Europa*

O ministro da Administração Interna aceitou esta manhã a proposta de duas associações africanas de solidariedade social no sentido de criar uma associação multi-racial com estatuto de parceiro social, encarada como primeira medida de protecção contra as acções violentas dos skinheads.

Na reunião de cerca de hora e meia em que participaram Fernando Gomes Ka, da Associação Guineense de Solidariedade Social (AGSS) e João Fiel Miranda, da sua congénere caboverdina, ficou decidida a apresentação de uma proposta concreta no prazo de 15 dias. Depois de amanhã, estes organismos encontram-se com o titular da pasta da Justiça.

«Estas organizações existem noutros países da Europa com o objectivo de defender as minorias étnicas de agressões que, infelizmente, são cada vez mais frequentes», disse o dirigente da comunidade guineense ao DL.

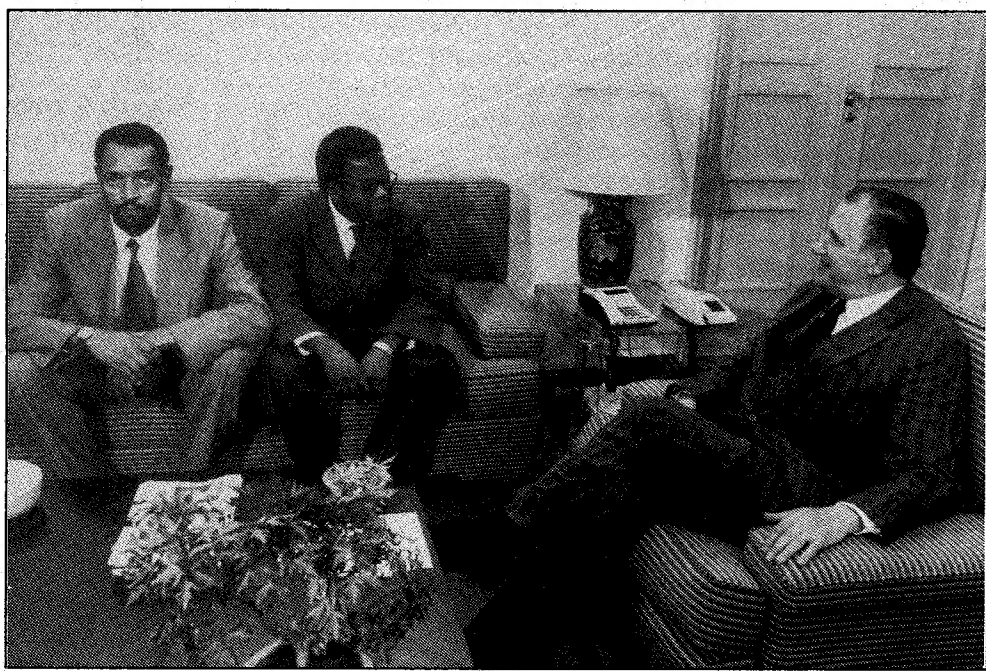
As comunidades africanas que residem em Portugal

consideram que o aparecimento dos cabeças rapadas «não é um caso de racismo pontual, antes pelo contrário, é apenas a ponta do iceberg de um vasto movimento que se está a alastrar na Europa e que conta com a cumplicidade de fortes poderes políticos e económicos».

Fernando Ka salientou que até agora os portugueses não se têm preocupado muito com estes problemas, mas nem por isso estão imunes à acção dos grupos organizados a nível internacional.

A partir do 25 de Abril a sociedade portuguesa alterou-se na sua composição com a vinda de um grande número de africanos, disse aquele dirigente sublinhando que este fenómeno social recente e as suas consequências no que respeita ao relacionamento harmonioso entre povos de diferentes raças terá escapado às autoridades portuguesas, enquanto nos outros países da Comunidade a experiência aconselhou a criar organizações de defesa dos direitos das minorias.

O dirigente guineense



Fernando Ka e João Fiel Miranda foram pedir protecção ao Ministério da Administração Interna

considera particularmente preocupante o discurso de forças políticas com lugar no Parlamento Europeu, com «um conteúdo discriminatório em relação aos emigrantes africanos, asiáticos e

sul-americanos.

Tentam acusar esses imigrantes de implicações com grupos terroristas para justificar a sua repatriação e impedirem a entrada dos familiares mais próximos»,

disse.

Segundo Fernando Ka são os grupos alemães federais, em especial os que apoiam o Acordo Schengen, que mais pressões têm feito para fazer aprovar na Comunidade

Económica Europeia uma lei restritiva para a circulação das minorias étnicas. No entanto, os trabalhistas britânicos e o grupo socialista no Parlamento Europeu têm impedido a aprovação de uma lei com características racistas.

### PSR apresenta dossier criminal

O Partido Socialista Revolucionário anunciou para breve a publicação de um dossier sobre a «criminalidade skinhead» com o objectivo de dar uma resposta pública «a este terrorismo racista de inspiração nazi».

Os dirigentes do PSR encontraram-se ontem com o Procurador-Geral da República a quem entregaram um documento com dados sobre as acções dos «cabeças rapadas».

O dossier apresentado refere «a falta de acção das autoridades portuguesas, tendo em conta que os guardas da PSP foram testemunhas passivas de algumas agressões registadas».

## Soares atribui condecorações

O Presidente da República preside, amanhã de manhã, no Palácio Nacional da Ajuda, a uma cerimónia de condecorações de diversas personalidades que se distinguiram no desempenho de funções públicas, civis e militares. As condecorações são atribuídas pelo Presidente da República, sob proposta do Governo, ouvidos os conselhos das Ordens Honoríficas Portuguesas.

Com o grau de grande oficial da Ordem Militar de Cristo serão agraciados o juiz conselheiro João Solano Vieira, os dres. José António da Rosa Dias Bravo e Orlando Soares Gomes da Costa; o grau de comendador será atribuído ao engº Mário Pinto Alves Fernandes.

A Ordem Militar de Avis será atribuída às seguintes personalidades: general Evandro Botelho do Amaral (grande oficial); brigadeiro Alberto Porfírio de Carvalho e Silva, coroneis António Eduardo Queiroz Martins Barrento e Joaquim Manuel Martins Cavaleiro, capitães de mar e guerra António Lucas Dias Costa e António Manuel Duarte Mendes dos Santos, e contra almirante Luis Joel Alves de Azevedo Pascoal (todos com o grau de comendador); capitães de fragata Francisco da França



Mário Soares

Duarte Lima e João Nuno Ribeiro Ferreira, capitães Jopsé Armando Pereira Machado e Manuel Pereira Pinto (grau de cavaleiro).

A Ordem Militar de Santiago de Espada será atribuída ao prof. doutor Manuel de Paiva Boleo e, a título póstumo, ao prof. doutor Manuel Rodrigues Lapa.

A Ordem do Infante D. Henrique é atribuída ao embaixador João César Paulouro das Neves (grã cruz), e aos dres. António Silva de Sousa, Nuno da Silva Salgado (grande oficial), Acácio Ferreira Catarino, Acácio Ferreira Catarino, Maria Raquel Ribeiro, Maria Rita Mendes da Silva Amaro de Andrade Gomes, Orlando Américo da Silva Ribeiro

(comendador) e Alberto da Silva Mourão (oficial).

A Ordem de Mérito vai ser atribuída às seguintes personalidades: Armando Diniz Carneiro, Duarte Filipe Loureiro de Sousa, José de Oliveira Sousa, dres. Joaquim Rosado Carmelo Rosa, Maria Ema de Amyl Alvarenga Guerra, Maria Isabel Ivens Fernandes e engº José António da Piedade Laranjeira (grau de comendador); Alice da Costa Correia Bolhão, António Dias de Carvalho, José Augusto Silva Rosa, Magnolia da Cruz Santos Filipe, Manuel de Almeida Cordeiro, Maria Amélia Pereira Bico, Maria Helena Bettencourt Correia ramos Oliveira, Maria de Jesus Oliveira Nogueira Rocha

Schwarz, Nasário Moises de Sousa, dres Abel da Silveira Montenegro Florido, Afonso Mendes Prata, José Afonso Solas Nicolau, Ladislau Ferreira de Figueiredo e Silva, Maria Deolinda Baptista da Costa Cruz, Maria Lidia Ferreira Sequeira, Ramira de Jesus Piçarra, engº Carlos Cardoso Costa, Fernando Vasconcelos Nascimento da Fonseca, José de Oliveira, e Mário da Silva (com o grau de oficial); António Agostinho Gomes Junior, Caetano Álvaro da Cunha, Jaime Martins de Matos, José da Fonseca, José Morais, Olimpio Gomes de Azevedo Matos, Vitor Manuel Ferreira da Encarnação e Vitor Manuel Marques Pinto Dias (com medalha).

A Ordem da Instrução Pública é atribuída ao prof. doutor António Manuel Arruda Ferrer Correia.

A Ordem do Mérito Agrícola será entregue aos engº Alberto Cardoso de Vilhena, Carlos Domingos Ferreira Torres e Isidoro de Oliveira Carvalho Costa Neto, ao dr. Inácio António dos Santos, e a título póstumo, ao prof. doutor José Francisco Soares Cardoso Pessoa.

A Ordem de Mérito Industrial é atribuída à drª Maria da Piedade Brito Monteiro Valente (grau de oficial).

## B R E V E S

### Nova cimeira ibérica no início de Fevereiro

Questões relacionadas com a CEE serão o principal assunto do próximo encontro entre Cavaco Silva e Felipe Gonzalez, marcado para Sevilha, a 2 e 3 de Fevereiro - anunciou ontem o gabinete do Primeiro-Ministro.

A cimeira dos dois chefes de governo ibéricos deverá dar continuidade ao bom relacionamento político que prevalece desde a cimeira de Guimarães, em 1986 - admitiu a mesma fonte.

Além dos contactos directos de Cavaco com o seu homólogo espanhol, está prevista uma reunião ministerial alargada. Confirmada apenas a presença de Deus Pinheiro, titular dos Estrangeiros.

O programa da visita inclui ainda uma visita à exposição «Sevilha 92», dedicada à expansão marítima, que dispõe de um espaço dedicado a Portugal.

### Cavaco Silva na RTP

O primeiro-ministro Cavaco Silva vai ser hoje entrevistado na RTP no programa «Primeira Página».

A recente remodelação governamental vai ser o principal tema em análise - revelou ao DL fonte oficial. É a primeira intervenção pública em que primeiro-ministro terá ocasião de justificar as mudanças agora operadas no Executivo.

Aguarda-se que Cavaco Silva se pronuncie sobre o balanço destes primeiros dois anos de Governo e sobre as prioridades a contemplar até ao final do seu mandato. Henrique Garcia vai ser o entrevistador.

## POLÍTICA

Debate parlamentar adiado para o dia 23

## Alta Autoridade saltita de semana para semana

Assim como a privatização da TV não anda nem desanda, entre promessas de apresentação do projecto do Governo e recusas de levar a sério o projecto do PS, agora é a lei da Alta Autoridade para a Comunicação Social que também começa a patinar e adiar o seu parto em sede parlamentar.

O debate, sob proposta governamental, estava marcado, já há algum tempo, para hoje à tarde. Nessa intenção, o Partido Socialista acelerou a entrega do seu próprio projecto, a tempo de ele entrar no debate agendado como alternativa à proposta do Governo.

Mas a última reunião de líderes decidiu dar mais tempo à Comissão especializada para preparar os dois textos, antes de eles subirem a plenário.

Este deferimento de uma semana no programa parlamentar (se mais protelamentos não vierem a ser decididos) permite, por outro lado, ao PS e ao PSD discutirem os pontos de convergências dos dois diplomas de modo a que esta matéria tão sensível, na perspectiva de licenciamento da televisão privada, seja abordada da forma mais consensual possível. No mínimo, com os dois terços de votos reunidos quando o ordeamento jurídico básico sobre esta matéria foi definida em sede de revisão constitucional.

Apenas a título de memo-

rieta, recorde-se que as divergências fundamentais entre os dois diplomas incidem na escolha dos quatro membros da Alta Autoridade deixados pela Constituição ao critério do legislador ordinário e na extinção, ou não, do Conselho de Imprensa.

Enquanto a proposta do Governo extingue pura e simplesmente o CI, passando as suas atribuições e competências para a Alta Autoridade, o projecto do PS deixa intocável o Conselho na sua forma a competências actuais.

Quanto aos quatro membros em treze, da Alta Autoridade para a Comunicação Social, o Governo pretende que eles sejam cooptados pelos nove membros previamente designados pelo Governo e a Assembleia da República entre representantes da opinião pública, da cultura e da Comunicação Social, sem definir os mecanismos da cooptação.

Os socialistas designam explicitamente a representatividade dos quatro: uma pelas organizações de jornalistas — na prática, o Sindicato, um pelo Conselho de Reitores Universitários, outro pelas associações de consumidores e outro ainda pela Sociedade de Autores.

#### Horário de trabalho e Lei das Privatizações

Com o adiamento para o dia 23 do debate sobre a Alta Autoridade, a semana parlamentar que hoje começa foi

praticamente esvaziada, quase não indo além do expediente com debates potencialmente desinteressantes na terça e na quinta-feira.

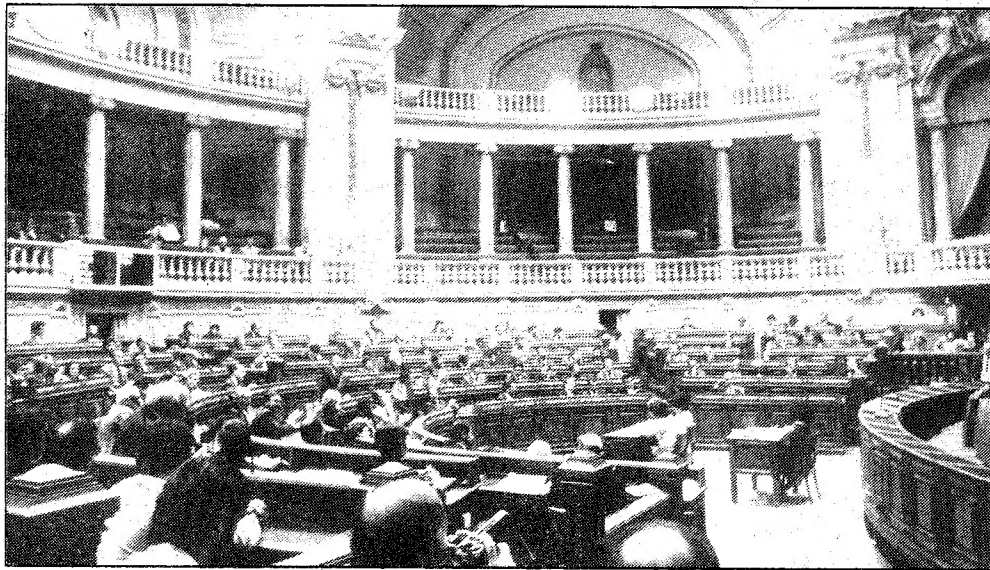
Assim, esta tarde trata-se das alterações à taxa de sisa para a Madeira e os Açores e do apoio aos jovens estagiários de advocacia. Gera-se, sim, alguma expectativa quanto às intervenções no período antes da Ordem do Dia, nomeadamente, uma anunciada declaração de Jaime Gama sobre política de Defesa com um destinatário certo, o substituto de Eurico de Melo.

Para o plenário de quinta-feira o Partido Comunista usou um dos seus direitos de agendamento apresentando um projecto de lei sobre o seguro agrícola.

A última conferência de líderes parlamentares marcou, entretanto, as datas para discussão de duas matérias muito importantes, o horário semanal de trabalho e a lei-quadro das privatizações.

A primeira será discutida no dia 26 de Janeiro, uma sexta-feira, em torno de uma proposta do Governo e dois projectos socialista e comunista, todos no sentido de reduzir a semana de trabalho; a segunda, uma proposta de lei, está agendada para o dia 30 e decorre da revisão constitucional que autoriza a privatização das empresas nacionalizadas posteriormente ao 25 de Abril.

DR



A redução do horário semanal de trabalho vai ser debatida na Assembleia da República na próxima sexta-feira

## Conselho da Europa cria um centro em Lisboa

As relações do Conselho da Europa com os países de Leste e a criação de um Centro Norte-Sul em Lisboa serão os principais temas em debate nas reuniões que Catherine Lalumière vai manter com as autoridades portuguesas.

A secretária-geral do Conselho da Europa que chega hoje a Lisboa, tem previstos encontros com Mário Soares, Cavaco Silva, Victor Crespo e com o ministro dos Negócios Estrangeiros.

Nestes encontros vai ser debatida a pro-

posta de organizar uma reunião, a alto nível, dos estados membros do Conselho da Europa sobre a evolução no Leste, bem como a criação de um Centro Norte-Sul, com sede no nosso País.

A estada de Catherine Lalumière no nosso País termina com uma conferência de Imprensa conjunta com o ministro Deus Pinheiro, na quinta-feira. Recorde-se que Portugal preside, desde Novembro, ao Conselho da Europa, de acordo com as funções rotativas atribuídas a todos os Estados membros.

# Informação

## CP — CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES GREVE DE 16 A 26 DE JANEIRO DE 1990

Período das 12.00 horas do dia 16/01/90 às  
24.00 horas do dia 26/01/90

Atendendo às características parciais das paralisações levadas a efeito pelas estruturas sindicais dos Trabalhadores da Empresa e tendo como objectivo minorar os inconvenientes para os Senhores Passageiros, a CP informa o seguinte sobre a circulação dos comboios e dos barcos, naquele período:

### 1. ZONA SUBURBANA DE LISBOA

#### 1.1. Linha de Sintra

São garantidos pelo menos os comboios de Sintra e Cacém, mantendo-se, nestes casos o horário dos dias úteis.  
Todos os comboios terão paragem em Campolide.

#### 1.2. Linha de Cascais

Prevê-se que seja praticado o horário que vigora aos domingos.  
Todos os comboios terão paragem em Santos.  
As últimas partidas de Cais do Sodré e de Cascais terão lugar respectivamente às 23.40 e às 00.30 horas.  
Prevêem-se igualmente circulações com partida de Cais do Sodré às 03.00 horas e de Cascais às 03.45 horas que terão paragem em todas as estações.

#### 1.3. Lisboa-Azambuja

Prevê-se a realização do serviço normal.

#### 1.4. Barreiro-Praias do Sado

Prevê-se a realização de grande parte do serviço normal.

#### 1.5. Via Fluvial — Lisboa/Barreiro

Será praticado o serviço normal.

#### 1.6. Cacém-Torres Vedras

Prevê-se a realização de grande parte destes serviços.

### 2. ZONA SUBURBANA DO PORTO

#### Linha da Póvoa, Porto-Marco, Aveiro-Porto e Porto-Braga

Prevê-se a realização de grande parte do serviço normal

### 3. ZONA SUBURBANA DE COIMBRA

#### Coimbra-Figueira da Foz e Coimbra-Serpins

Efectuar-se-á um número significativo de comboios.

### 4. SERVIÇOS «ALFA» E «INTERCIDADES»

#### 4.1. «ALFA»

Serviço assegurado com excepção dos comboios 121 (de Lisboa 07.15), 122 (do Porto 08.30), 128 (do Porto 17.10) e 129 (de Lisboa 17.00) que serão suprimidos.  
Os comboios 120 (do Porto 07.15) e 131 (de Lisboa 20.20) efectuarão paragens adicionais em Coimbra e Aveiro.

#### 4.2. «INTERCIDADES»

Serviço assegurado, com excepção das ligações Lisboa-Aveiro (comboios 520 e 521) e Porto-Viana do Castelo (comboios 550 e 551) que são suprimidos.

### 5. LIGAÇÕES INTERNACIONAIS

Serão asseguradas todas as ligações internacionais, com excepção da ligação Porto-Vigo que será suprimida neste período.

### 6. SERVIÇOS INTER-REGIONAIS E REGIONAIS

Prevê-se a supressão de grande parte destes serviços.

#### NOTA —

Na restante rede e nos restantes serviços haverá circulação ferroviária, afectada, no entanto, por supressões e atrasos. Por tal motivo — lamentando o incómodo — solicita-se aos Senhores Passageiros que contactem com as Estações ou as Secções de Informação da CP.

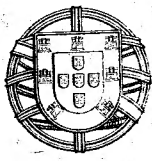
10.Jan.1990

Informação divulgada pela  
Divisão de Relações Públicas da CP



Caminhos de Ferro  
Portugueses

I Série  
N.º 13  
Dia 16  
de  
Janeiro



DIÁRIO DA REPÚBLICA

## SUMÁRIO

### Ministério da Defesa Nacional

#### Portaria n.º 32/90:

Altera o quadro n.º 2 anexo ao Decreto-Lei n.º 265/72, de 31 de Julho, que aprova o Regulamento Geral das Capitânias

### Ministério das Finanças

#### Decreto-Lei n.º 21/90:

Dá nova redacção ao artigo 691.º do Regulamento das Alfândegas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 31 730, de 15 de Dezembro de 1941, actualizando a lista de mercadorias de circulação condicionada

#### Decreto-Lei n.º 22/90:

Altera o Decreto-Lei n.º 176/85, de 22 de Maio (estabelece normas sobre as facilidades aduaneiras a conceder aos viajantes que entrem ou saiam do território nacional)

#### Portaria n.º 33/90:

Altera o quadro de pessoal da Direcção-Geral do Tribunal de Contas

### Ministério das Finanças e da Administração do Território

#### Portaria n.º 34/90:

Equipara, para efeitos de pensão de aposentação, a categoria de farmacêutico de 2.ª classe dos antigos territórios do ultramar à categoria de técnico superior de saúde de 1.ª classe, letra E, ou a farmacêutico, letra F, consoante o agente possua, respectivamente, licenciatura ou bacharelato

### Ministério das Finanças e da Agricultura, Pescas e Alimentação

#### Portaria n.º 35/90:

Altera o quadro de pessoal da Secretaria-Geral do Ministério da Agricultura, Pescas e Alimentação

### Ministérios das Finanças e das Obras Públicas, Transportes e Comunicações

#### Portaria n.º 36/90:

Aplica ao pessoal de enfermagem do quadro de pessoal da Direcção-Geral da Aviação Civil as normas do Decreto-Lei n.º 178/85, de 23 de Maio

### Ministério do Planeamento e da Administração do Território

#### Decreto-Lei n.º 23/90:

Altera o Decreto-Lei n.º 130/86, de 7 de Junho (Lei Orgânica do Ministério do Planeamento e da Administração do Território)

#### Decreto Regulamentar n.º 3/90:

Aprova a Lei Orgânica do Departamento de Acompanhamento e Avaliação

#### Portaria n.º 37/90:

Alarga a área de recrutamento para provimento do cargo de director do departamento Administrativo Municipal do quadro de pessoal próprio da Câmara Municipal de Espinho

### Ministério dos Negócios Estrangeiros

#### Decreto n.º 3/90:

Aprova, para ratificação, o Acordo Quadro de Cooperação entre o Governo da República Portuguesa e o Governo da República Tunisina

#### Decreto n.º 4/90:

Aprova as emendas introduzidas aos anexos I e II da Convenção para a Prevenção da Poluição Marítima Causada por Operações de Imersão Efetuadas por Navios e Aeronaves, de 1972

#### Aviso:

Torna público ter o Governo de Malta depositado, em 4 de Outubro de 1989, o instrumento de adesão ao Protocolo ao Texto Autêntico Quadrilíngue da Convenção Internacional da Aviação Civil, concluído em Montreal em 30 de Setembro de 1977

### Ministério da Agricultura, Pescas e Alimentação

#### Decreto-Lei n.º 24/90:

estabelece as normas a observar nas importações de países que não sejam membros das Comunidades Europeias de animais das espécies bovina e suína e de carnes frescas de bovídeos, suínos, ovínos, caprinos, equídeos e ungulados e solípedes selvagens (transpõe para a ordem jurídica interna a Directiva n.º 72/462/CEE, de 12 de Dezembro de 1972)

# Situação no Médio Oriente traz Moshe Arens a Lisboa

*O apoio português à causa palestiniana e as relações de Israel com a CEE estarão em foco durante a visita*

Na primeira visita do género desde que os dois países estabeleceram laços diplomáticos em 1977, o ministro israelita dos Estrangeiros chegará a Lisboa amanhã para debater a situação no Médio Oriente, os acontecimentos no Leste europeu e as relações bilaterais.

Convidado pelo seu homólogo português, João de Deus Pinheiro, o ministro Moshe Arens efectua uma visita de trabalho de dois dias, durante a qual se encontrará com o Presidente Mário Soares, o presidente do Parlamento, Vítor Crespo, o primeiro-ministro Aníbal Cavaco Silva e ainda o líder do Partido Socialista, Jorge Sampaio.

A evolução do processo de paz para o Médio Oriente irá estar no centro das conversações de Arens, que é membro do bloco conservador «Likud», com os seus interlocutores portugueses, noticiou a Lusa.

Fontes diplomáticas disseram à agência Lusa que o ministro israelita deverá expor

os passos dados pelo seu governo no sentido dos contactos com os palestinianos dos territórios árabes ocupados da margem ocidental e da faixa de Gaza, conforme estipula a iniciativa avançada pelo secretário de Estado norte-americano, James Baker.

Conhecida por «Plano Baker», a iniciativa dos EUA parece todavia enfrentar um possível fracasso, dada a recusa do governo israelita em aceitar a participação da Organização de Libertação da Palestina (OLP) nas futuras conversações de paz, através de representantes directamente designados.

Tal como os restantes países da Comunidade Europeia, Portugal tem rejeitado as posições israelitas face ao processo de paz e manifestado o apoio à autodeterminação palestiniana, com a participação da OLP nas conversações de paz.

As relações de Israel com a Comunidade Europeia irão também ser abordadas entre o ministro Arens e o Governo

português, mas um tema em foco nos encontros será o das relações Leste-Oeste, à luz dos desenvolvimentos em curso na Europa de Leste, cujos países têm recentemente procurado um diálogo mais estreito com Israel, de que é exemplo a visita a este país do ministro húngaro dos Estrangeiros.

Outros temas internacionais, com a evolução da situação na África Austral, serão também abordados, sobretudo nas reuniões entre Arens e o seu homólogo Deus Pinheiro, que amanhã lhe oferece um jantar no Palácio das Necessidades.

As relações entre os dois países, designadamente no âmbito económico, deverão também ser passadas em revista pelas duas partes.

Na quinta-feira, Arens terá um pequeno almoço com Jorge Sampaio, na sua qualidade de líder da oposição, visitando depois o Laboratório Nacional de Engenharia Civil, antes dos encontros com Mário Soares, Vítor Crespo e



A guerra no Médio Oriente e o processo de paz sempre adiado é um dos temas da visita de Arens

Cavaco Silva. O ministro israelita terá ainda um contacto com a comunidade judaica residindo em Portugal.

Moshe Arens permanecerá ainda em Portugal, em visita de carácter privado, na sexta-feira, estando prevista uma deslocação a Tomar.

O ministro israelita seguirá

depois para Barcelona, Espanha, ainda em deslocação de carácter privado, antes de chegar a Madrid no domingo, para iniciar uma visita oficial de quatro dias, a convite do seu homólogo espanhol, Francisco Fernandez Ordonez, durante a qual se encontrará com os principais líderes espanhóis.

## No distrito do Porto

# Autarcas socialistas preparam Associação de Municípios

Os presidentes eleitos pelo Partido Socialista no distrito do Porto reuniram-se ontem à noite para prepararem uma maior descentralização municipal e regional. Os autarcas socialistas estão a pôr em prática um projecto antigo, a criação da Associação dos Municípios do Porto.

Em declarações à agência Lusa, Carlos Lage, secretário coordenador da federação distrital do PS, defendeu que a futura AMP deve «ser vista como um poder orientador com capacidade para investimentos públicos, esta associação deve valorizar o diálogo e a cooperação entre os municípios da área metropolitana».

Os presidentes socialistas propuseram o nome de Narciso Miranda para a presidência da Associação Nacional dos Municípios Portugueses, órgão de representação das autarquias a nível nacional.

Carlos Lage considerou a proposta dos socialistas uma «pretensão legítima» ale-

gando que o PS foi a força política mais votada nas eleições autárquicas.

Narciso Miranda é um defensor crónico da criação do gabinete coordenador da área metropolitana do Porto. Não é à toa que é conhecido como um homem sem papas na língua. Em declarações ao DL Narciso Miranda acusou os anteriores presidentes da câmara nortenha e todos os vereadores, incluindo os do seu partido, de terem sido «um obstáculo à concretização do projecto por razões político-partidárias e, mais do que isso, por uma questão de cultura. Eles sempre defenderam uma filosofia bairrista para o Porto».

O presidente da Câmara de Matosinhos reafirmou a importância da área metropolitana para o desenvolvimento da região e salientou que «neste momento estão reunidas as condições para que finalmente se avance com projecto».

Questionado pelo DL sobre se a afirmação produzida estava relacionada com o facto

do socialista Fernando Gomes estar à fente do município do Porto, Narciso Miranda disse que o mais importante «foi o compromisso assumido antes de serem conhecidos os resultados eleitorais, além disso o Fernando Gomes independentemente das suas capacidades profissionais e do partido a que pertence tem a vantagem de ser um homem sem complexos».

## Fernando Cabral entrega medalha a Soares

Fernando Cabral, ainda a exercer funções na presidência do Porto devido à demora da tomada de posse dos novos autarcas, esteve ontem na residência oficial do Presidente da República, acompanhado pela mulher, para um almoço com Mário Soares e Maria Barroso.

O autarca social democrata entregou ao Presidente o diploma e a medalha de honra da cidade do Porto, em ouro, galardões atribuídos por unanimidade e aclamação pelos vereadores portugueses.

## B R E V E S

### Deputados madeirenses aprovam estatuto

A Assembleia Regional da Madeira aprovou, por maioria e na generalidade, o projecto de estatuto político administrativo da Madeira, elaborado pelo PSD. Era o único documento em discussão depois de, por alegado incumprimento de disposições estatutárias, ter sido rejeitada idêntica proposta do grupo parlamentar socialista. De referir que Alberto João Jardim debateu este tema durante um recente encontro com Dias Loureiro, em Lisboa, tanto mais que depois de aprovado, em Fevereiro, o estatuto tem de ser enviado à Assembleia da República, para ratificação. Anteriormente foram rejeitados dois projectos idênticos, pelo hemiciclo e Tribunal Constitucional.

### Soares visita Marrocos

O Presidente da República visita Marrocos em Maio, anunciou a agência Lusa citando fontes oficiais em Rabat. A deslocação esteve já anunciada para Março, foi adiada devido a sobrecarga da agenda de Soares mas, desta vez, tudo indica que se confirme, «logo depois do Ramadão». De referir que o Presidente português esteve naquele país em Março de 1988, a título particular, para participar nas comemorações do 27.º aniversário da coroação do rei Hassan II.

### Jovens portugueses na União Soviética

O grupo de jovens portugueses membros do Conselho Nacional da Juventude (CNJ), que esteve na União Soviética para contactos com organizações juvenis daquele país, regressa amanhã a Lisboa.

### Frente de Acção Popular e expulsões do PCP

Francisco Martins Rodrigues e João Pulido Valente criaram a Frente de Acção Popular (FAP) em 1964 e não em 1973 como por lapso o DL noticiou. Martins Rodrigues, antigo dirigente comunista foi expulso do PCP em Novembro de 1963.

# INTERNACIONAL

## Calma tensa no Azerbaijão

*Estado de emergência dá poderes especiais às tropas de Moscovo mas persistem receios de um recrudescimento dos confrontos*

Na sequência dos incidentes dos últimos dias, que causaram 34 mortos, e após a instauração, ontem, do estado de emergência no disputado território de Nagorno-Karabakh e em outras áreas do Cáucaso, bem como do envio de tropas de Moscovo para a região, a situação é de calma tensa no Azerbaijão.

Não obstante, subsistem receios quanto a um recrudescimento dos confrontos, já que informações recentes dão conta de que armênios e azerbaijanis estão a armar-se e a concentrar-se em vários pontos da república.

A declaração, ontem, do estado de emergência pelo Soviète Supremo da URSS confere às forças armadas poderes especiais para controlar a ordem pública na zona em conflito aberto.

Justificando o envio de unidades do exército, marinha e da polícia de segurança para a conturbada área, o Kremlin afirmou estarem em curso tentativas de derrubar pela força o poder soviético.

O decreto, o mais duro do género emitido na URSS desde o final da guerra civil subsequente à revolução bolchevique de 1917, diz que forças dos três ramos apoiaram as tropas do Ministério do Interior, já no local. A situação "chegou ao ponto de assassínios, assaltos e tentativas de derrube pelas armas do poder soviético e de mudança pela força do Estado e do sistema social con-

substanciados na Constituição da URSS", diz o decreto.

O disputado território de Nagorno-Karabakh está situado no Azerbaijão, mas tem uma população predominantemente armênia, que quer unir-se à vizinha Arménia.

### Reformas liberais interrompidas

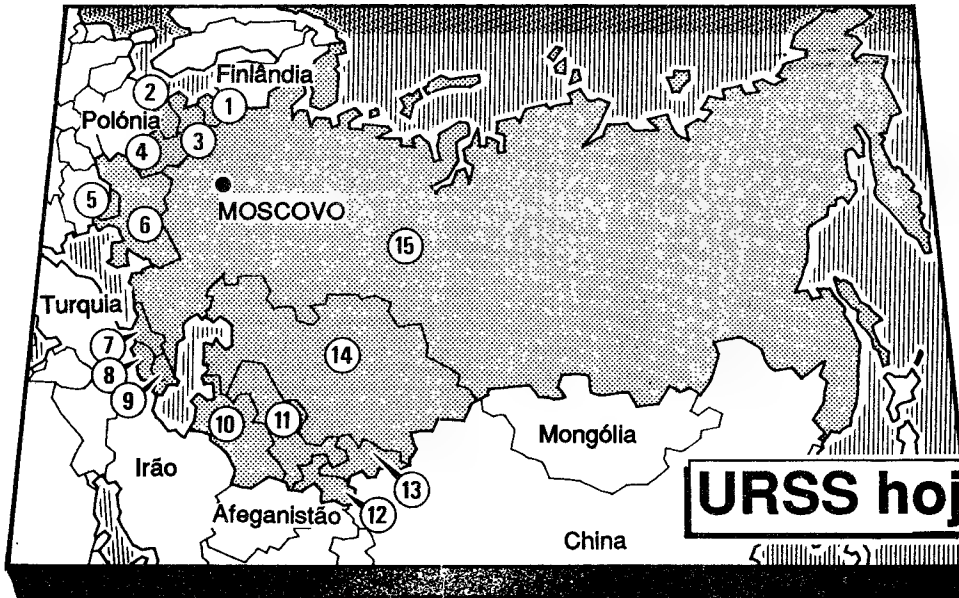
A sangrenta caça às bruxas antiarménia na capital do Azerbaijão, Baku, conduziu as duas repúblicas soviéticas transcaucasianas à beira da guerra civil e pôs fim a um bem sucedido movimento progressista na região.

Uma crescente divisão na poderosa Frente Popular do Azerbaijão, deixou os liberais isolados, lançando os nacionalistas para a ribalta.

Esta mudança foi acompanhada por confrontos ao longo da fronteira do Azerbaijão com o Irão e com a substituição dos comunistas na liderança das cidades de Lenkoran e Dizhalilabad, todas elas agora ocupadas por membros da Frente Popular.

O programa inicial da Frente Popular, que pretendia fundamentalmente maior autonomia política e económica em relação a Moscovo, desvaneceu-se face às crescentes exigências nacionalistas.

"Os liberais estão a fugir", disse um jornalista de Baku que mantém relações estreitas com o grupo. "Teriam de deixar-nos ou abandonar as suas posições.



### 15 Repúblicas da União Soviética

- 1-Estónia;
- 2-Lituânia;
- 3-Letónia;
- 4-Bielorrússia;
- 5-Moldávia;
- 6-Ucrânia;
- 7-Geórgia;
- 8-Arménia;
- 9-Azerbaijão;
- 10-Turquestão;
- 11-Uzbequistão;
- 12-Tadjaquistão;
- 13-Kirguistão;
- 14-Casaquistão;
- 15-Federação das Repúblicas Socialistas da Rússia

Não tinham escolha".

Mas no centro de toda esta questão está o emotivo assunto de Nagorno-Karabakh, que a Frente Popular pretende incluir na sua tentativa de declarar a independência relativamente a Moscovo.

O território, um enclave de maioria arménia, que legalmente faz parte da República do Azerbaijão, tem sido a fonte de dois anos de violência e confrontos (entre as duas comunidades) que já fizeram pelo menos 150 mortos. Ontem, armênios norte-americanos realizaram uma manifestação junto à embaixada soviética em Nova Iorque e apelaram para o fim dos conflitos étnicos na União Soviética.

Entretanto o líder do PC da

Estónia, Vaino Valjas, disse que o seu partido permanecerá ligado ao PC da União Soviética, pelo menos até ao próximo congresso, marcado para Outubro. Valjas, que falava num encontro sobre política externa em Helsínquia, disse que "tudo dependerá do congresso de Outubro. Somos pragmáticos, pelo que tomaremos as medidas que considerarmos mais úteis para o partido".

O dirigente da Estónia negou-se a comentar a recente decisão dos comunistas da Lituânia de se separarem do PCUS e disse que se trata de uma questão que diz respeito aos dirigentes daquela república báltica.

Redacção "DL" /Lusa/Reuter



*Segundo Igor Ligachev, do Politburo do PCUS*

## Solução está no quadro de uma federação renovada

"As relações inter-étnicas representam o maior problema da perestroika", afirmou Igor Ligachev, secretário e membro do Politburo do Partido Comunista soviético, numa entrevista à Novosti, em que se pronuncia contra a separação das repúblicas bálticas da URSS e aborda criticamente as transformações na Europa de Leste.

Classificando o problema das relações inter-étnicas como um resultado "inesperado" da perestroika e considerando "errado" pôr um sinal de igualdade entre os processos verificados na Europa de Leste e nas nossas repúblicas", embora reconheça "certa semelhança", Ligachev pensa que "para qualquer república federada, a via melhor e mais eficaz de desenvolvimento é no quadro da URSS, dentro da federação renovada".

"Não imaginamos sequer

que desgraças podem cair sobre a cabeça de qualquer povo pouco numeroso se os seus líderes, partindo de interesses egoístas e nacionalistas, tentarem fazer o povo sair da URSS", sustenta Ligachev.

"Numa reunião do Politburo perguntei aos dirigentes lituanos onde e quando eles se sentiram oprimidos. Nenhum deles soube responder. Então surge a pergunta: por que razão deve este povo sair da URSS, a que está ligado por laços variadíssimos - económicos, políticos, culturais e morais - e ser condenado a suportar dificuldades imensas".

### Outras repúblicas devem opinar

De qualquer forma, para este dirigente soviético, na questão da separação, "outras repúblicas da URSS devem

dar a sua opinião, pois participaram na edificação do Estado soviético e, por conseguinte, de cada república que o integra".

O sucedido na Europa de Leste é, na opinião daquele membro do Politburo do PCUS, "o resultado do desenvolvimento interno dos respectivos países, assim como da influência externa", nomeadamente dos acontecimentos registados na URSS.

Isto não quer dizer, segundo Ligachev, que se possa ver aí "a mão de Moscovo". "Esta já não é a política de hoje. Seguimos com firmeza o princípio proclamado no 27º Congresso e na 19ª Conferência Nacional do PCUS, segundo a qual todos os Estados socialistas, como quaisquer outros, devem definir eles próprios a sua via de desenvolvimento".

Redacção "DL" / Novosti

*Segundo Cheney*

## Reformas na URSS podem ser reversíveis

O secretário norte-americano da Defesa, Richard Cheney, advogou ontem, em Houston, que os Estados Unidos e os seus aliados mantenham uma forte defesa militar, porque as reformas em curso na União Soviética "são potencialmente reversíveis".

Cheney, num discurso proferido no Clube Houston Forum, em que reiterou categoricamente a política de defesa da administração Bush, afirmou que o Presidente soviético, Mikhail Gorbachev, enfrenta muitos problemas que ameaçam anular as suas medidas reformistas.

"Seria um grande risco comercial dos Estados Unidos agir politicamente com base na presunção de que a transição a que assistimos na União Soviética continuará numa base ordeira, pacífica, comentou Cheney.

O vice-primeiro-ministro soviético, Leonid Abalkin, disse por seu turno que a economia do seu país tem que progredir até ao final do ano ou o povo perderá a confiança nos seus dirigentes.

Abalkin, conselheiro económico do Presidente Mikhail Gorbachev, afirmou aos jornalistas no início de uma visita de dois dias à Holanda, que o desenvolvimento da situação económica

dos soviéticos constitui prioridade para o seu Governo.

"A principal questão que coloco a mim próprio é como, em meados deste ano ou, no máximo, no final do ano, poderemos incrementar o mercado de consumo para que as pessoas consigam sentir que as coisas estão a melhorar", afirmou Abalkin.

O vice-primeiro-ministro disse ainda que acredita que o povo soviético deu "um voto de confiança" ao programa de reformas económicas de Mikhail Gorbachev.

"Mas, se este ano a situação no mercado de consumo não melhorar, então esse crédito ser-lhe-á retirado", referiu.

Abalkin, que preside à comissão governamental para as reformas económicas, deverá reunir-se com o primeiro-ministro da Holanda, Ruud Lubbers, e com empresários holandeses durante a sua visita.

De referir que, por outro lado, o vice-primeiro-ministro soviético Lev Varonin, no final de uma conferência de Imprensa realizada em Paris, assegurou que o rublo será parcialmente convertível em 1991.

Redacção "DL" /Lusa

## INTERNACIONAL

## B R E V E S

## Turistas em greve de fome

«Umas férias de sonho tornaram-se num pesadelo ao fim de oito dias», disse a norte-americana Rachel Buonalaventa, uma das integrantes de um grupo de turistas estrangeiros que ontem entrou em greve de fome depois de ter sido roubado num hotel do Rio de Janeiro e o director do estabelecimento se ter recusado a assumir a responsabilidade pelo acontecido. Hospedados no Hotel Toledo, em Copacabana, os turistas (argentinos, austríacos, dinamarqueses, espanhóis, norte-americanos e israelitas) disseram que lhes tinham sido furtados 120 mil dólares (cerca de 18 mil contos), guardados no cofre da unidade hoteleira.

## Columbia fotografa destruição do planeta

Para elaborar um documentário sobre a destruição do planeta, os astronautas do vaivém espacial norte-americano Columbia fotografaram ontem a região do Norte de África, incluindo o Lago Chade, o vale do Nilo e vários incêndios no Quênia. Os cinco astronautas, entre os quais duas mulheres, já se encontram há sete dias no Espaço, devendo regressar à base aérea de Edwards, na Califórnia, na próxima sexta-feira.

## Mulher transforma PC britânico

Transformar o Partido Comunista Britânico numa força que seja «além de democraticamente socialista, feminista e ecologista», são os planos da nova secretária-geral do partido, Nina Temple, de 33 anos, que no domingo passado se tornou a primeira mulher a ocupar o cargo na história do PCB. Até agora ligada à Imprensa e à Publicidade, Temple foi eleita em substituição a Gordon McLennan, de 62 anos, que se retira após 14 anos de liderança do partido, que conta actualmente com 7.500 militantes.

## «Boat people» protestam contra Hurd

O ministro dos Negócios Estrangeiros britânico, Douglas Hurd, foi ontem recebido com manifestações hostis durante a visita a dois campos de refugiados vietnamitas (conhecidos como «boat people») em Hong Kong. Hurd, que encerrava uma visita oficial de quatro dias à colónia britânica, teve que enfrentar os protestos dos vietnamitas contra a política de repatriamento forçado das autoridades de Hong Kong. Em 16 de Junho de 1988, o Governo da colónia adoptou uma política de avaliação de estatuto que diferencia, desde então, os refugiados políticos dos emigrantes económicos oriundos do Vietname.

## Destruídos ficheiros da polícia política da RDA

Os países do Leste mudam em superficialidade e em profundidade. Na RDA, milhares de pessoas assaltaram a sede da Polícia Política «Stasi» e, segundo informação oficial, «destruíram» os ficheiros. Na Polónia, começou ontem a emitir a primeira estação de rádio privada, em Cracóvia e está, também desde ontem, a funcionar a primeira distribuidora de filmes privada, a «Oskar»; a nova Checoslováquia decidiu suspender os planos de construção de mais dois reactores na central nuclear de Temelin, situada próximo da fronteira com a Áustria; Lech Walesa pediu a aceleração das reformas políticas e económicas polacas, através de uma antecipação das eleições autárquicas e, enquanto a Bulgária confirmou, por decisão unânime do Parlamento, o fim do monopólio que o Partido Comunista exercia no Poder, o Governo de Praga, e também o de Sófia, pediram a concessão do estatuto de «convidado especial» para a sua presença na Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa.

Aagitada foi a noite passada em Berlim Oriental e a violência só não chegou a assumir aspectos graves porque, em pronta intervenção, o primeiro-ministro Hans Modrow conseguiu acalmar os ânimos da multidão.

Milhares de pessoas assaltaram as instalações da Polícia de Segurança da República Democrática Alemã, a «Stasi». Abriam portões à força, saltaram vedações, arrombaram portas, invadiram o edifício, atiraram móveis pelas jâne-



Manifestantes em Berlim Oriental, preparando-se para ocupar a sede da Polícia secreta, após terem estilhaçado o vidro da portaria

las e, segundo a Reuter, a AP e a Efe, «destruíram documentos e ficheiros» daquela polícia política.

Os manifestantes, apesar da sua acção destruidora, mostravam-se bem dispostos e não recorreram, à violência física. Puderam movimentar-se à vontade, apenas observados, de longe, pela polícia de segurança, que não interveio.

Contou uma testemunha ocular que os manifestantes, depois de destruírem os escritórios, invadiram as caves do edifício onde estavam armazenadas iguarias que muitos dos invasores nunca haviam provado.

Quando Modrow interveio, para acalmar a multidão, foi recebido com vaias mas depois conseguiu levar os assaltantes a dispersarem. O primeiro-ministro disse, na ocasião, que a polícia política estava a ser desmantelada e que o processo iria continuar.

Segundo o vice-chefe do secretariado do Conselho de Ministros da RDA, Manfred Sauer, um em cada 80 cidadãos do país trabalharam para a «Stasi», quer activamente quer actuando como informadores.

Sauer disse que a polícia política tinha mais de 100 mil informadores e 85 mil fun-

cionários a tempo inteiro, 3.200 dos quais ocupados na escuta telefónica e na abertura de correspondência. De acordo com a mesma fonte, foram despedidos 30 mil dos 85 mil agentes, estando a ser procurados empregos para 22.500.

Em Leipzig, cerca de 100 mil pessoas manifestaram-se em favor da reunificação das duas Alemanhas e na cidade de Karl-Marx-Stadt 150 mil pessoas desfilaram pelas ruas e exigiram que a cidade retome o seu antigo nome de «Chemnitz», mudado em 1953 pelas autoridades comunistas.

Lusa

## «SILVA, LIMITADA»

CERTIFICO, para efeitos de publicação que em 30 de Dezembro de 1988, pelas 10 horas, reuniu a Assembleia Geral extraordinária da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada com a firma em epígrafe, estando representada a totalidade do capital social, foi por todos os sócios aprovada por unanimidade, que a sede social da mencionada firma, fosse transferida provisoriamente para a Rua António Stromp, cinco, segundo D, em Lisboa. ESTA CONFORME O ORIGINAL, que é a acta número Trinta e Quatro, exarada de folhas nove, verso a dez do competente livro de actas, onde fiz a devida anotação com a minha rubrica e a data de hoje.

Lisboa e 24.º Cartório Notarial aos 3 de Janeiro de 1990

O 2.º Ajudante  
(Assinatura ilegível)

«DL» 16/11/90

## «SOCIEDADE DE PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS A TURISTAS, LDA»

CERTIFICO, para efeitos de publicações que em 20 de Dezembro de 1989, pelas 10 horas, foi deliberado em assembleia geral da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada com a denominação em epígrafe, estando representada a totalidade do capital social, nomear para o triénio — de 1990/1992 o Conselho de Gerência o qual ficou composto pelos seguintes membros: — Ralf Galme — presidente; — Lars Carlsson; Hans Mikael Koster; João Carlos Vaz Serra de Moura; e, Bo Ahlén. — A referida deliberação foi aprovada, por unanimidade. — ESTA CONFORME O ORIGINAL, que é a acta número catorze, exarada a folhas seis do competente livro, onde fiz a devida anotação com a minha rubrica e a data de hoje.

Lisboa e 24.º Cartório Notarial aos 2 de Janeiro de 1990.

O 2.º Ajudante  
(Assinatura ilegível)

«DL» 16/11/90

## Estaria bloqueada a ofensiva de Luanda

As Forças Armadas angolanas tomaram, recentemente, a localidade de Cunjamba, mas a ofensiva que iniciaram no Natal está bloqueada: na confluência dos rios Lomba e Cuzumbia, disse um especialista ocidental em assuntos militares, citado pela Lusa.

As tropas governamentais não conseguiram romper a primeira linha de defesa da Unita e a segunda linha é praticamente intransponível porque se situa no rio, afirmou o especialista, segundo o qual as tropas das Fapla se encontram ao norte do rio Lomba.

De acordo com informações recolhidas junto de diversas fontes angolanas e estrangeiras, os combates entre as Fapla e a Unita prosseguem nessa região, que deve ser actualmente o local em que, mais do que em qualquer outro ponto do mundo, se concentra armamento pesado.

Nesta ofensiva, executada de acordo com as concepções militares soviéticas, estão envolvidos, nas duas margens do rio Lomba, mais de 40 mil homens dos dois exércitos, aviação, artilharia de longo alcance e cerca de 400 veículos blindados de diferentes tipos. A citada fonte disse que a Unita está a usar canhões de longo alcance G-5 e G-6, sul-africanos, baterias de origem soviética, mísseis «Low» e «Tow» norte-americanos e poderoso armamento anti-aéreo que impede o sobrevoo a reduzida altitude.

Os bombardeamentos das Fapla não têm, por isso, muita precisão porque são efectuados de grande altitude; afirmou a fonte.

Interrogado sobre a razão pela qual as Fapla não efectuaram a ofensiva pelo sul de Mavinga, o especialista explicou que toda essa região é pantanosa, impedindo a

movimentação de meios militares pesados e acrescentou que começaram as chuvas no Cuango Cubango, pelo que dentro de pouco tempo o estado do terreno vai inviabilizar a manobra de veículos pesados utilizados na ofensiva em curso.

O mesmo especialista disse que «pequenos grupos de guerrilheiros da Unita estão a efectuar ataques e acções de sabotagem na retaguarda das forças governamentais» e afirmou, ainda, que a Unita tenta atrair as forças de Luanda para outras regiões, nomeadamente no norte de Angola.

Por outro lado e de acordo com a mesma fonte, se as Fapla não conseguirem romper as defesas do inimigo naquela área, muito provavelmente o Comité Central do MPLA decidirá no sentido de ser posto termo à ofensiva.

Lusa

## Collor visita Lisboa em Fevereiro

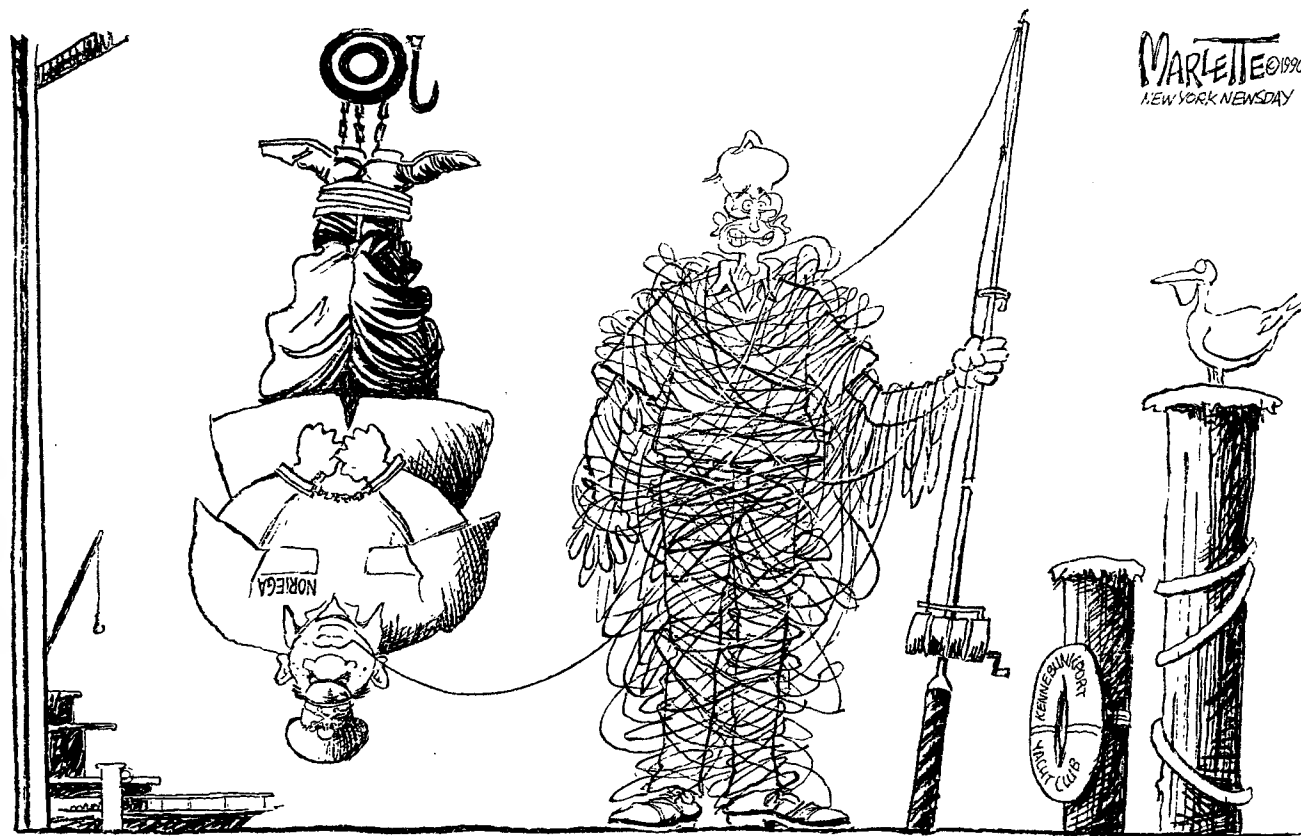
O Presidente eleito do Brasil, Fernando Collor de Mello, estará em Lisboa no início do próximo mês, no âmbito de uma viagem que o levará, a partir da terça-feira da semana que vem, a pelo menos sete países, confirmou esta manhã ao «DL» o embaixador Marcos Coimbra, principal assessor de Collor em questões externas.

A viagem de Collor começa por uma visita de três dias aos Estados Unidos onde se encontrará com o Presidente Bush e outras autoridades norte-americanas. O novo Presidente brasileiro irá ainda ao Canadá, URSS, Japão, RFA, Inglaterra e França. Entretanto, Collor de Mello começou a definir o seu gabinete, designando ontem o deputado federal do PMDB, Bernardo Cabral, 56 anos, para o Ministério da Justiça. A escolha já era aguardada, tendo Collor explicado que Cabral, relator da Assembleia Nacional Constituinte nos últimos três anos, será o «coordenador político» do seu Governo.

Redacção «DL»/Lusa

## INTERNACIONAL

**O principal objectivo da invasão americana do Panamá terá sido garantir a posse do Canal. Mas se os EUA ganharam ou perderam só se saberá no ano 2.000**



## O Canal do desentendimento entre Bush e Noriega

Quando os EUA, no mês passado, invadiram e ocuparam militarmente a República do Panamá, tinham, segundo o presidente Bush, quatro objectivos, dos quais o quarto era «a segurança do Canal».

Embora a «segurança do Canal» fosse o último objectivo, de acordo com Bush, e o primeiro a captura do general Noriega, acusado de narcotráficante, chantageiro, etc., a prática confirma que o último foi o primeiro: o Canal do Panamá era, e é, o objectivo fundamental dos EUA. E até, se possível, Washington gostaria de voltar ao ano 1903, quando aquela via marítima, quer pelo Tratado Buneau-Varilla-Hay, quer pelo Art.º 136 da própria Constituição panamenha, de 1904, pertenceria, exclusivamente e para todo o sempre, aos Estados Unidos da América do Norte. Quer dizer, 1.432 quilómetros quadrados, dos 77 mil de um país, eram pertenciam a outra nação, à qual era também reconhecido o direito de intervir na política interna do Panamá sempre que o considerasse oportuno. Tudo legal.

### Da necessidade da guerra

Esta infame situação acabou no ano de 1977 com a assinatura do Tratado Carter-Torrijos, o qual no seu Art.º 1.º estabelece que os EUA terão o controlo total do Canal, política e militarmente, até ao ano 2000, passando ele depois totalmente para a soberania da República do Panamá.

Este é o problema fulcral dos Estados Unidos: a partir de agora, tem apenas uma década para tentar agarrar aquele Tratado e poder, assim, dispor do Canal como em 1903, em exclusivo e para sempre.

Mas não só. Há um outro aspecto ainda nem sequer falado mas que também é causa da recente invasão e ocupação militar: a indústria de guerra norte-americana. Não se esqueça que esta indústria conseguiu adiar a crise

económica iniciada com o «crash» da bolsa nova-iorquina, em Outubro de 1987. Isto é, esta indústria tem necessidades que só situações de guerra podem satisfazer. O Panamá também foi uma prenda para os senhores da guerra. O problema é saber se continuará a sê-lo.

### Sem perfil e desconhecido

Será por conseguinte difícil a tarefa dos EUA, pois não chega invadir e ocupar um país, particularmente numa zona de tantos sentimentos «anti-Yanquis» como acontece na América Latina. Washington terá que sustentar um Governo «amigo» (eufemismo que substitui fantoche) e terá que ganhar a confiança e a boa vontade da grande maioria dos panamenhos, na medida em que a invasão foi só apoiada pela classe alta e por sectores das classes médias do Panamá, classes que, aliás, em breve deverão começar a exigir concessões económicas e não só.

Os EUA têm em Endara um «amigo», empossado como «presidente» numa base naval do país invasor e que foi o candidato da Oposição nas eleições em Maio do ano passado. Candidato sem perfil e desconhecido até aquela data e que na sua prática tem mostrado uma alta dose de complacência para com os ocupantes da sua terra, o que, no futuro, o impedirá de desempenhar um papel importante. Será sempre «o homem dos EUA».

### As três alternativas

Deste modo e para conseguir atingir os seus objectivos principais, os Estados Unidos só poderão contar consigo próprios. E com mais ninguém.

Assim, põem-se três alternativas:

- a) recorrer à força militar para anular o Tratado, ignorando-o na prática;
- b) ajudar economicamente o Panamá com uma espécie de miniplano Marshall;

c) combinação de ambas as alternativas;

A primeira hipótese é quase impossível de aplicar, pelas consequências que já teve e continuará a ter, não só no exterior mas também no plano interno norte-americano.

A segunda é a mais viável mas tem o risco de que, como sempre, beneficie apenas alguns sectores da sociedade panamenha.

De qualquer modo, os EUA terão que fazer uma opção e, eventualmente, combinar ambas as hipóteses.

### O alibi da droga

Dessa combinação poderá resultar a tão almejada posse exclusiva do Canal; o controlo militar e político do Panamá e maior apoio logístico para o combate contra os seus inimigos nessa parte da América Latina: Nicarágua, a guerrilha de El Salvador, a guerrilha em Guatemala da qual pouco se fala, os movimentos guerrilheiros e populares da Colômbia, Venezuela, Peru, Equador, Bolívia e, de passagem, os traficantes de droga. Se para os EUA a droga representa um perigo, a verdade é que a cocaína corresponde a apenas 10 por cento do produto consumido no mercado norte-americano. Os restantes 90 por cento são de heroína e esta vem do sudeste asiático. Assim, a droga é na realidade só um alibi para intervir na América do Sul. Mas também continuará a servir os interesses da indústria de guerra, factor que não deve ser excluído do futuro próximo.

É natural que aquela solução, combinando o emprego da força e a ajuda económica, tenha muitos riscos. Um deles é a rejeição desta política por parte dos povos latino-americanos e, entre eles, o panamenho. Portanto, a pergunta que se impõe é: Bush conseguirá vencer no Panamá?

Em pouco tempo se saberá.

André Martin

## Actuação de juiz choca ingleses

Um juiz do Norte de Inglaterra condenou recentemente a seis meses de prisão uma jovem mãe solteira negra, de 19 anos, juntamente com o seu bebé de apenas dez semanas. A mãe e a criança foram levados no dia 2 de Janeiro, logo depois do fim da audiência, passando a sua primeira noite atrás das grades.

O juiz Pickles não esconde que procurou chocar a opinião pública. Ele quer evitar que as jovens delinquentes fiquem deliberadamente grávidas para escapar às penas de detenção e escolheu esta para dar o exemplo...

O caso emocionou profundamente os ingleses porque ilustra as difíceis relações entre a minoria negra e a Justiça - embora a raça da jovem não tenha sido jamais referida pela Comunicação Social - numa das regiões mais pobres do país.

Tracey Scott trabalhava num supermercado de Huddersfield, uma cidade de 130 mil habitantes situada no coração da antiga região industrial da Inglaterra. Esta região, o Yorkshire ocidental, vive numa decadência cada vez mais profunda, motivada pelo declínio da indústria carbonífera e têxtil. Muitos dos seus habitantes apenas sobrevivem graças ao subsídio de desemprego e a ajudas sociais de todos os tipos.

Durante os meses em que trabalhou como caixa, Tracey deixava que os clientes saíssem do supermercado sem pagar. Ela não obtinha nenhum proveito pessoal, mas ajudava assim não só os seus amigos, mas também desconhecidos com quem simpatizava. Foi traída por uma câmara de vídeo, que a registou em acção. A sua generosidade custou ao supermercado o equivalente a aproximadamente mil contos.

Na altura destes acontecimentos, Tracey Scott tinha 18 anos. Ficou grávida pouco tempo depois de ter sido interrogada pela primeira vez pela polícia. O juiz Pickles não afirma que ela «o tenha feito deliberadamente» mas também não exclui a hipótese. Pelo sim e pelo não ele quis dar um aviso a todas as jovens que pudessem cair na tentação de a imitar.

Assim o magistrado decidiu que Tracey Scott iria para uma prisão de mulheres juntamente com o bebé, uma decisão extremamente rara na Grã-Bretanha para um delito relativamente menor como este. Sobretudo quando é aplicada a uma pessoa tão jovem, que nunca tinha tido problemas com a Justiça.

### Outro exemplo de Pickles

O sistema inglês deixa uma grande liberdade aos juizes e é muito difícil revogar uma sentença. O juiz Pickles, de 64 anos, já é célebre por outras decisões controversas. Em Junho passado ele mandou para a prisão uma outra jovem que se recusou a testemunhar contra o seu amante, um traficante de droga que a espancava. Ela confessou perante o tribunal que tinha medo das represálias. Mais uma vez o juiz Pickles decidiu fazer do caso um exemplo.

No entanto, não se deve tomar este juiz provinciano por um pai castigador e reaccionário. Pickles, que é de origem modesta, é um homem de Yorkshire, bom orador embora um nadinha demagógico, antigo candidato a deputado pelo Partido Trabalhista. Ele acha que faz um trabalho aplicado à sociedade, ao contrário dos magistrados de postos mais elevados, recrutados geralmente entre as classes mais favorecidas, que preferem se abstrair das situações inesperadas ligadas à evolução social da Grã-Bretanha e aos problemas étnicos.

O juiz Pickles está há anos em conflito com os seus superiores sobre a obrigação dos magistrados de manter a reserva. Realmente, ele exprime-se livremente dentro e fora dos tribunais, o que a tradição, embora não a Lei, lhe proíbe. De facto, acaba de criar mais um belo tumulto.

Uma vintena de parlamentares já reclamou a sua remoção em Janeiro do ano passado, depois que Pickles deixou em liberdade um homem que tinha tido relações sexuais com uma menina de 12 anos. Alegou, depois de a ter visto, que ela era especialmente precoce e estava «na idade» própria.

Dominique Dhombres, exclusivo «Le Monde»/«DL».

# QUOTIDIANO

## Ganhou o Totoloto e não sabia

Manuel Gaspar, proprietário de uma carpintaria em Vale de Grou, próximo de Vila de Rei, Castelo Branco, ganhou 13 mil e 500 contos no primeiro concurso deste ano do Totoloto, mas ignorava o feliz acontecimento por desconhecer o paradeiro do boletim e não se recordar dos números em que apostara.

Foi o chefe da estação dos Correios quem, estranhando que Manuel Gaspar não o procurasse para receber a ordem de pagamento, se lhe dirigiu, dando-lhe então conhecimento do prémio.

Encontrado o boletim e na posse da ordem de pagamento, Manuel Gaspar já tem os seus projectos: «pagar as dívidas e ampliar a sua oficina.»

Quanto ao último concurso do Totoloto, de 13 do corrente mês, o primeiro prémio foi dividido por quatro apostadores: Narciso Barrocas, de Évora, e três anónimos de Almada, Ermesinde e Aveiro, cabendo a cada um cerca de 20 mil contos.

Com o segundo prémio foram escrutinados 41 apostadores que vão receber individualmente cerca de 545 contos.

Mais de 53 contos é quanto vai receber cada um dos 1.135 concorrentes com o terceiro prémio.

E aos 47.036 escrutinados com o quarto prémio cabem 1.290 escudos, enquanto os 680.181 do quinto prémio vão receber apenas 160 escudos.

### LOTARIA POPULAR

|                                    |               |
|------------------------------------|---------------|
| 1º - 162992                        | 3 000 000\$00 |
| 2º - 076856                        | 750 000\$00   |
| 3º - 453498                        | 500 000\$00   |
| 4º - 081921                        | 250 000\$00   |
| Terminações em 2992                | 85 000\$00    |
| Terminações em 992                 | 60 000\$00    |
| Terminações em 856                 | 15 000\$00    |
| Terminações em 498                 | 4 000\$00     |
| Terminações em 921                 | 1 500\$00     |
| Terminações em 03,52,53,64,73 e 98 | 500\$00       |

## Tragédia negra ameaça reserva das Desertas

*A mancha de crude repentinamente surgida nas águas da Madeira pode afectar o abastecimento de água e o turismo de Porto Santo*

A espessa mancha de crude detectada ao princípio da manhã de ontem ao largo da ilha de Porto Santo ameaça tornar-se numa tragédia. Segundo o responsável do Serviço de Protecção Civil da Madeira e secretário Regional dos Transportes, «nem a região nem o país dispõem de meios para combater uma catástrofe deste género».

Janes Semedo, responsável do Comando Naval da Madeira, afirmou ao DL que um avião da Força Aérea se tinha dirigido aos primeiros alvares para a zona afectada a fim de fazer um voo de reconhecimento e que a situação está a ser «atentamente seguida» pelas autoridades marítimas da Região. Um navio patrulha portador de material especial (cerca de 100 metros de mangueira) seguiu já para a ilha de Porto Santo para tentar recolher o crude que se estende pelas costas norte e leste e que pode vir a ainda a afectar a reserva natural das Ilhas Desertas.



Grande parte da água consumida em Porto Santo é retirada do mar por um processo de dessalinização

O presidente da Câmara Municipal local, Mendonça Góis adiantou, por outro lado, que a situação da maré negra é estacionária. Considerou, no entanto, que «seria terrível se, devido a ventos e marés, a mancha de crude se deslocasse para Sul» e atingisse a ilha de Porto Santo. A poluição

da praia iria pôr em causa não só o sector turístico mas colocaria também graves problemas em matéria de abastecimento de água à população local.

Fonte oficial contactada pela Lusa garante que a mancha de crude está ainda longe da zona de captação de água

(cerca de 150 a 200 metros da costa) e que está salvaguardado o processo de dessalinização que abastece de água potável 80 por cento da população de Porto Santo.

De origem desconhecida, a maré negra encontra-se dispersa por três camadas, uma das quais poderá passar ao largo da ilha de Porto Santo e atingir as Ilhas Desertas, provocando uma autêntica catástrofe ecológica na reserva onde vive uma pequena colónia de lobos marinhos. A extensão da mancha varia entre 15 e 20 quilómetros, segundo várias fontes.

A cor negra e o cheiro acentuado do crude põem de parte as hipóteses anteriormente veiculadas de que teria origem em derrames dos superpetroleiros iraniano Khark 5 ou espanhol Aragon. No entanto, estes ocorreram já há muitos dias e, segundo Janes Semedo, o crude derramado nessas condições apresenta um aspecto amarelado e com muita espuma.

## ESTA SEMANA



## SAI AMANHÃ

Problemas técnicos na gráfica onde é produzido obrigaram a atrasar a saída do nosso jornal, que estará assim à venda **amanhã, quarta-feira**, e não hoje como é habitual. Do facto pedimos desculpa aos nossos leitores, embora não nos caiba qualquer responsabilidade pelo sucedido.

### Maquinistas em greve

## Comboios já estão a parar

Desde as 12 horas que a circulação ferroviária está a sofrer perturbações, devido à greve de 10 dias que os maquinistas da CP cumprem até ao próximo dia 26.

As paralisações são de 4 horas diárias, cumpridas por cada profissional no início do seu turno, informou o Sindicato dos Maquinistas, estrutura independente que convocou a luta.

Já o ano passado os maquinistas e outros trabalhadores da CP fizeram cinco dias de greves de duas horas e um total de 14 dias de paralisações de três horas e meia por trabalhador o que, segundo as estruturas sindicais, causaram a supressão de cerca de metade das com-

posições de passageiros e a quase totalidade dos comboios de mercadorias.

Esta greve visa exigir a correcção salarial de 1989, a negociação do regulamento de carreiras, a diminuição da idade de reforma e o cumprimento de acordos com a empresa, nomeadamente a revisão da fórmula de cálculo do prémio de condução.

Durante os dias de paralisações, a CP prevê praticar horários de domingo na linha de Cascais, manter apenas os comboios de Sintra e Cacém na linha da Sintra e suprimir uma grande parte dos comboios regionais e inter-regionais mantendo, com algumas supressões, os «Alfa» e «Inter-cidades».

Para além da CP, também na Carris a situação está complicada, depois de, na sexta-feira passada, a reunião de conciliação ter redundado em fracasso. O SITRA tomou uma «posição de dureza», recusando-se a assinar a acta final. Segundo Domingos Paulino afirmou ao «DL», os representantes da empresa consideraram a conciliação encerrada e não apresentaram nenhum dos dados exigidos pelos sindicalistas: informação sobre a situação económica e financeira da empresa e os custos do facto trabalho, bem como informação do Ministério da tutela sobre os subsídios disponíveis para a exploração da Carris em 1990.

### Preocupação nas serras do Norte

## Cães vadios atacam rebanhos

Elevado número de cães abandonados e vadios, alguns deles de grande porte, estão a atacar toda a espécie de animais em várias zonas do Norte do país, informaram fontes ligadas aos parques nacionais.

A situação começa a mostrar-se preocupante nas áreas dos parques da Peneda-Gerês, Alvão e Montesinho, onde o

número de ataques a rebanhos tem «aumentado de um modo vertiginoso». Responsáveis pelo Parque Natural de Montesinho, no distrito de Bragança, disseram que recebem todos os dias comunicações de ataques a animais naquela área, o que também vem acontecendo, embora em menor escala, nos da Peneda-Gerês e do Alvão.

Segundo o director do parque natural de Montesinho, Sá Morais, a situação está a provocar «um clima de medo entre a população, uma vez que os estragos causados quer por cães, quer por lobos, são muito avultados». No Gerês, aqueles animais «chegam mesmo a atacar vacas e rebanhos inteiros», ao contrário do que era hábito.

# TSF promete surpresas com pareceres jurídicos

*O Governo proíbe, a TSF não acata. Os homens da conhecida estação de rádio local anunciam o uso de artilharia pesada na guerra jurídica que agora se iniciou*

O teor dos pareceres jurídicos emitidos por algumas personalidades, a solicitação da TSF, sobre a deliberação governamental de silenciar as cadeias nacionais de rádios locais, constitui um trunfo que será jogado pelos responsáveis daquela estação. Com efeito, segundo apurou o DL, os homens da TSF contam com pareceres favoráveis à sua posição da parte de juristas de quem se esperaria uma opinião mais próxima da proibição governamental.

«A TSF está em condições de responder à letra ao Governo e promete grandes surpresas ao Executivo, caso se mantenha a recente decisão de suspender as transmissões de rádio em cadeia», afirmou ao DL uma fonte daquela estação emissora.

Magalhães Mota foi já encarregado do processo e, a par dele, uma «série de ilustres administrativistas», cuja identidade será revelada mais tarde, foi também chamada a dar parecer sobre a polémica deliberação governamental.

A mesma fonte confirmou ao DL que os serviços da estação se mantêm operacionais e que continua a emitir centrada em Lisboa mas co-produzida com todas as emissoras da cadeia. «Abstemo-nos de mencionar cadeia nacional de rádios, por motivos óbvios, mas as emissões resultam de um trabalho conjunto e são feitas em simultâneo. Estamos em fase de conflito jurídico e é conveniente evitar equívocos. De resto, tudo continua na mesma», acrescentou.

Um requerimento foi entregue na Direcção Geral de Comunicação Social e, só em função da resposta, a TSF estará pronta a agir. Para já, a emissora radiofónica repudia «a circular chegada à



**A TSF continua a emitir noticiários em simultâneo com outras estações e reafirma a legalidade da transmissão em cadeia**

redacção, com um conjunto de argumentos e uma interpretação da lei que nós não fazemos, uma espécie de ofício ou aviso que nem indicação de despacho invocado ou autoria traz», refere a mesma fonte.

O Governo alega que «nenhuma entidade pode usufruir de tempo de emissão em mais de uma estação radiofónica» e baseia-se no decreto-lei que institui o regime de licenciamento da actividade de radiodifusão. Segundo o Executivo, todas as rádios que transmitem em cadeia podem, pelo conteúdo das emissões, ser classificadas de âmbito regional ou nacional e foram, por isso, intimadas a

cessar as emissões, sob pena de aplicação de multas elevadas e mesmo de suspensão de alvará.

As 17 rádios visadas pela decisão governamental contrapõem, em decisão tomada sábado, no final duma reunião realizada em Cascais, que a decisão do Governo é inaceitável pois «nunca alteraram a potência nem aumentaram a área de cobertura».

Calor ou não calor, eis a questão. A Antena Press, liderada pela Rádio Press, do Porto, suspendeu já as suas emissões, agora feitas em diferido mas a TSF garante que não vai deixar de fazer ouvir a sua voz. Em simultâneo.

## MALHAS DA JUSTIÇA

### Um desejo muito forte

Não há duas sem três, diz-se, e João aí está, pronto a confirmá-lo, no Tribunal de Polícia. Baixo e franzino, prestes a atingir a casa dos trinta, alimenta um sonho antigo que não consegue concretizar. Surpreendido em pleno delito, sofreu já três condenações. Em 1982, 85 e 89 foi apanhado a conduzir sem carta. Pagou centenas de contos de multa, esteve «dentro». Mas, de arrependimento, nem sombra!

Há onze anos que anda nesta vida, confessa. Tem carro, a sua senhora conduz e ele tem tentado tirar a carta. Desde sempre, logo que teve idade, sonha com a licença de condução. A verdade é que ainda não conseguiu.

E então agora, o sistema de cruzinhas nos testes de código baralham-no de tal maneira que acha que não consegue mesmo.

João tem um desgosto de morte, nota-se bem, e não se conforma. Condenado por três vezes por condução ilegal, pagou duas das multas mas teve de cumprir dois meses de cadeia pela terceira condenação. O bom comportamento valeu-lhe a liberdade antecipada e mal se apanhou cá fora, o desejo foi mais forte.

Voltou a ser apanhado e o juiz admira-se de persistência tamanha. Pergunta-lhe então se está conformado com o pagamento das multas, que se tornou num hábito. E adverte-o: não é já primário, passou «de raspão a reincidência» e condena-o a uma multa de 120 mil escudos e 15 dias de cadeia substituíveis por multa à taxa de....

João já não ouve, olhos fitos para lá da janela, na torre ensolarada da penitenciária vizinha. O juiz parece ler-lhe o pensamento e o aviso chega, na altura H. Desta vez, ainda paga, mas da próxima, espera-o a prisão. Oh homem, conforme-se! Há tanta gente que não tem carta! Ande a pé, nos transportes públicos, com a sua mulher, mas não conduza, por amor de Deus!

João não ouviu. Olhou o juiz, percebeu o veredicto e saiu, sem mostras de contentamento. Pensava decerto no seu sonho por realizar e em quanto tinha já dispendido com ele.

Mais 120 contos, acrescidos de justiça e honorários, é obra. Sobre tudo para um servente, actualmente desempregado.

Emília Trindade



### Moradores da avenida dos EUA contra decisão de Abecasis

Os moradores da Avenida dos Estados Unidos da América insurgem-se contra o levantamento do embargo às obras do auto-silo que Kruz Abecasis conseguiu, na última reunião camarária, com os votos favoráveis do PS, do MDP, do PSD e do CDS e contra a votação dos vereadores do PCP e abandono da sala pelo PPM.

Na decisão terá pesado o facto de o construtor do polémico auto-silo ter reservado, por um período de cinco anos e livre de encargos, 20 lugares para as viaturas dos vizinhos do empreendimento.

No entanto a comissão de moradores, que desde há muito se tem oposto a tal construção, distribuiu um comunicado em que protesta contra o desembargo das obras do auto-silo privado com 365 lugares para venda, edificado numa praca relvada e arborizada de «domínio público».

Os moradores consideram que «É um verdadeiro atentado à democracia o comportamento do presidente cessante que, já moralmente sem poderes, pretende agir como se os tivesse, contra tudo e contra todos».

### TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE LOURES ANÚNCIO

FAZ-SE saber que, na ACÇÃO ESPECIAL DE DESPEJO, registada sob o n.º 600/89, pendente na 1.ª SECÇÃO — 1.º JUÍZO desta Comarca, que os AUTORES: — PALMIRA MARIA DUNÕES BATISTA PARRA e Marido, e, JUDITE DUNÕES NUNES, todos residentes na Rua Museu Tauromáquico, n.º 4 — Píndaro de Loures — LOURES, movem contra os RÉUS: — Z. BETTEN-COURT DA SILVA, LDA., com última sede conhecida na Rua Cais do Tojo, 52-54, Lisboa e Outros, foi designado o dia 24 — (VINTE E QUATRO) de JANEIRO de 1990, pelas 14 (CATORZE) HORAS, para a realização da TENTATIVA DE CONCILIAÇÃO nos termos do art.º 972.º, al. a) do Código de Processo Civil, pelo que a Ré é CITADA, editadamente, para comparecer pessoalmente neste Juízo, naquele dia e hora, ou fazer-se representar por procurador com poderes especiais para transigir, a fim de se proceder à aludida tentativa de conciliação nos autos acima mencionados, que à citanda e a Outros são movidos pelos fundamentos constantes da petição inicial, cujo duplicado se encontra à disposição da mesma na Secretaria deste Tribunal.

É ainda CITADA para, no caso de não comparecer ou de não se obter acordo, contestar a Acção no prazo de 10 (DEZ DIAS) a contar daquela data, finda a dilatação de 30 (TRINTA DIAS), sob pena de ser condenada no pedido, podendo deduzir, em reconvenção, o pedido de benfeitorias e indemnizações a que se julgue com direito, não sendo motivo de adiamento a falta de alguma ou ambas as partes, incorrendo o faltoso em multa.

Loures, 04 de Janeiro de 1990.

O JUÍZ DE DIREITO,  
Rui Hilário Maurício  
O ESCRIVÃO-ADJUNTO,  
Carlos Almeida

«DL» 16/1/90 — 2.ª Pub

### COTAÇÕES DE NOTAS E MOEDAS

Companhia Geral de CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS 125

| (Por Unidade)                         |         |         |
|---------------------------------------|---------|---------|
| COTAÇÕES DE NOTAS                     | COMPRA  | VENDA   |
| ÁFRICA DO SUL (rand) .....            | 50\$35  | 56\$35  |
| ALEMANHA FED. (marco) .....           | 87\$05  | 88\$25  |
| ÁUSTRIA (xelim) .....                 | 12\$35  | 12\$55  |
| BÉLGICA (franco) .....                | 3\$957  | 4\$207  |
| BRASIL (cruzado) .....                |         |         |
| CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2) ..... | 127\$50 | 130\$00 |
| (notas de 5 a 1000) .....             | 128\$00 | 130\$50 |
| DINAMARCA (coroa) .....               | 22\$45  | 22\$85  |
| ESPAÑA (peseta) .....                 | 1\$305  | 1\$425  |
| EUA (dólar — notas de 1 e 2) .....    | 148\$35 | 151\$85 |
| (notas de 5 a 1000) .....             | 148\$85 | 152\$35 |
| FINLÂNDIA (marka) .....               | 36\$90  | 37\$50  |
| FRANÇA (franco) .....                 | 25\$60  | 26\$30  |
| HOLANDA (florim) .....                | 77\$20  | 78\$30  |
| IRLÂNDIA (libra) .....                | 230\$55 | 234\$55 |
| ITÁLIA (lira) .....                   | \$106   | \$121   |
| JAPÃO (iene) .....                    | \$972   | \$1027  |
| NORUEGA (coroa) .....                 | 22\$55  | 23\$05  |
| REINO UNIDO (libra) .....             | 24\$595 | 250\$45 |
| SUÉCIA (coroa) .....                  | 23\$95  | 24\$45  |
| SUÍÇA (franco) .....                  | 97\$50  | 99\$00  |
| VENEZUELA (bolívar) .....             | 3\$244  | 4\$044  |

#### OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil

## Do nosso enviado especial

*Carlos Melancia, governador de Macau há cerca de dois anos e meio, ganhou a primeira das importantes batalhas que se propôs travar no Oriente. O conjunto de grandes empreendimentos, dos quais dependia o desenvolvimento autónomo do território, estão em marcha. Em Junho próximo será inaugurado o porto de Ká Ho, que vai descongestionar o porto interior e permitir outra flexibilidade no movimento de contentores e importação de combustíveis. O aeroporto internacional estará operacional em 1984. A construção da nova ponte que o vai ligar à China, ficará concluída em 1993*



Carlos Melancia, Governador de Macau

O Governo de Macau concentra agora as suas atenções na educação, assuntos sociais e cultura, cujos orçamentos para 1989 foram consideravelmente aumentados. Alguns meios de comunicação locais afirmaram que o Governador de Macau iniciara uma nova estratégia. Nesta entrevista ao «Diário de Lisboa», Carlos Melancia diz que não se trata de uma nova política, mas de uma nova fase da mesma estratégia, e analisa, com optimismo, o futuro de Macau.

P-A explosão que no passado dia 8 assinalou o início das obras do aeroporto internacional, pode interpretar-se simbolicamente como a explosão do desenvolvimento de Macau?

R- Acho que sim. E foi escolhido este acto para dar um ar simbólico a um projecto que no meu ponto de vista é emblemático. Significa muito mais que o aeroporto em si. Significa um aeroporto, uma nova cidade, outra ponte, outro porto, etc. É o conjunto de uma estratégia global de desenvolvimento.

Esta fase de dois anos que já ultrapassámos, foi a fase do teste político do interesse colectivo do território e da região, de ter um aeroporto em Macau.

Na nossa terra festeja-se com foguetes. Neste caso foi com uma explosão. E a explosão deu lugar, de facto, a uma fase real, e não fictícia, do início das obras da parte do terminal do aeroporto, que já estava em fase de início de construção há pelo menos um mês.

Na realidade é um momento de viragem definitiva para o Macau que hoje conhecemos, e para o Macau que, em 1983, poderá ter uma outra dimensão, completamente diferente daquela que tem hoje.

P-Alguns jornalistas comentaram, após a renovação do executivo, que o Governador de Macau tinha iniciado uma nova estratégia política. É de facto uma nova estratégia ou uma nova fase da mesma estratégia?

R-É rigorosamente uma nova etapa de uma estratégia global. A construção destas infra-estruturas é um meio para atingir o objectivo de fazer progredir Macau de uma maneira horizontal e não apenas em termos económicos.

Simultaneamente, de poder tirar partido desse impulso em termos económicos, nas áreas da educação, saúde, segurança social, etc. Só encarado em termos globais o desenvolvimento tem sentido.

O aeroporto e as infra-estruturas são um meio e não um objectivo. Por isso eu digo que entrámos numa segunda fase da estratégia e não numa fase nova, em termos formais.

P-As relações entre Portugal e a República Popular da China atravessam um excelente momento. Pelo contrário, o governo britânico e as autoridades de Hong Kong enfrentam

certas dificuldades de relacionamento. Pode fazer um paralelo entre os dois territórios, referido ao momento actual?

R- No quadro da pergunta vale a pena referir que ela tem sentido a partir das posições tomadas pelos diferentes países a propósito de Tianamen, ou dos eventos de Tianamen. E tem havido, às vezes, confusões, sobre se a postura portuguesa deve ser considerada inaceitável, ou se foi assim tão diferente da postura dos ingleses, que têm também um problema que é o de Hong Kong.

Gostava de caracterizar isto porque me parece útil abordar este tema antes de responder directamente à sua pergunta.

A primeira coisa é que não há qualquer espécie de dúvida de que Portugal, pela boca do Governo, entendeu solidarizar-se, na cimeira de Madrid, com a condenação política dos métodos que foram usados em Tianamen. Mas aquilo que não aceitou foi que, ao suspenderem-se os contactos internacionais ao mais alto nível, suspender os contactos que dissessem respeito a Macau.

A diferença que neste momento nos separa, no que diz respeito à postura tomada na cimeira de Madrid, é apenas que as reuniões a propósito de Macau não foram suspensas e as reuniões a propósito de Hong Kong foram.

No resto, o Governo português assumiu a posição de solidariedade com o resto da Comunidade.

É esta diferença, que se cimenta no facto da existência de um acordo internacional entre Portugal e a República Popular da China, a propósito de Macau, que nós temos que respeitar e que, pelos vistos, a Inglaterra pretende suspender, misturando o problema de Tianamen com problemas de Hong Kong. Em termos directos é isto que separa, no meu ponto de vista, as relações positivas entre Portugal e a RPC e as relações tensas entre a Inglaterra e a RPC.

P-Em termos práticos, essa posição beneficiou os interesses de Macau?

R- Gostava, apesar de tudo, de sublinhar que esta posição - suponho poder afirmá-lo - neste momento é claramente entendida neste delinear e com este detalhe peals autoridades da RPC, porque tive oportunidade, em Outubro, de o confirmar. Se esta posição, em termos formais, não tivesse vindo a ser tomada, o que é verdade é que ela pôde resolver-nos alguns problemas, pragmaticamente, durante as reuniões realizadas, por uma maior abertura e até uma maior receptividade que a RPC pôs daí para diante nas reuniões que tiveram lugar. E se até agora, e passado um mês, a Inglaterra tomou a decisão de retomar os contactos eu, quando cheguei a Pequim, cheguei à frente de um pelotão e não isolado.

Estava lá na altura Alexander Haig, que foi

Carlos Melancia, governador de Macau

# A nossa presença não vai ter é uma forma



A destruição de um morro rochoso por uma potente carga explosiva, assinalou o início do Aeroporto Internacional de Macau.

secretário de Estado norte-americano e já lá estiveram depois de mim, não só Richard Nixon, que foi presidente, como Henry Kissinger, que foi também secretário de Estado. E ainda há menos de dez dias estiveram em Pequim dois emissários de Bush, com mensagens especiais para preparar reuniões de desbloqueamento das relações entre os Estados Unidos e a RPC.

Isto significa que a atitude que tomámos de diferenciar aquilo que são as nossas responsabilidades a propósito de Macau do resto, tem sentido, e no ponto de vista do futuro do território, é vital que assim tenha acontecido.

P-Cerca de meio ano decorrido sobre os acontecimentos de Tianamen, alguma imprensa internacional reconhece que Portugal actuou da forma mais eficaz nesta situação. Ao mesmo tempo começam a levantar-se algumas dúvidas sobre o quadro dos acontecimentos e o rigor factual que serviu de base às condenações. Tem novos dados sobre a questão?

R-Parece-me claro que isso está a acontecer hoje. É claro que iria acontecer, por mais que a gente faça. Não era preciso ser profeta para chegar a essa conclusão.

A primeira vez que tive necessidade de tomar uma posição política sobre os acontecimentos de Tianamen disse rigorosamente duas coisas simultaneamente: que não tinha elementos bastantes que me permitissem avaliar com suficiente clareza as razões que separavam os estudantes do Governo chinês para emitir opinião, mas disse também que não podia aceitar que se usassem métodos de atirar com forças militares armadas contra

civis.

Mas também é verdade, e não sou o primeiro a dizê-lo, que os problemas na China e os problemas que a China tem que enfrentar, são problemas que têm uma dimensão tal e uma complexidade tal, que é difícil aos políticos ocidentais terem opiniões formadas acerca disto.

Kissinger, por exemplo, um homem que foi secretário de Estado do governo americano, não hesitou em dizer que os políticos ocidentais não têm nem capacidade, nem legitimidade, para emitir opinião sobre medidas políticas a tomar na RPC, porque a escala é de tal maneira diferente e ímpar no mundo ocidental, que a nossa experiência não pode servir de bitola para emitir opiniões sobre essas coisas.

É claro para mim que o movimento foi concertado ao alvo de um aproveitamento exterior, ou de um outro aproveitamento. Mas não sei avaliá-lo. Era perfeitamente inaceitável tomar posições tão extremas como aquelas que foram tomadas, por uma coisa que eventualmente se conhecia mal na sua génese. E isso hoje está a vir ao de cima, e está a vir ao de cima correctamente.

P-O sr. Governador disse há, à «Newsweek», que os chineses gostam de nós. Referia-se apenas às autoridades chinesas ou ao povo no seu conjunto?

R-Referia-me não só ao povo no seu conjunto como também às autoridades chinesas. E porque? Porque de facto a presença de Portugal em Macau é completamente distinta da presença da Inglaterra em Hong Kong.

Basta lembrar duas ou três coisas. A for-

## CONCESSIONÁRIOS



Auto Monumental de Arcore S.A.



AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

Macau

# Macau não acaba em 1999

## na diferente



Malou o início das obras de construção

Sou o primeiro a considerar que é indispensável manter, de acordo com aquilo que está previsto na declaração conjunta, o modo de vida que existe hoje em Macau. E esse modo de vida é caracterizado pela coexistência de duas culturas completamente diferentes.

Com a saída da administração portuguesa, em grande parte não vai ser possível manter esse equilíbrio de duas presenças, se os agentes económicos não se mobilizarem para o plano estratégico de desenvolvimento que está programado.

Pode parecer à primeira vista que aquilo que vou dizer não tem nada a ver com a pergunta que me fez. Mas tem.

Porquê? Porque a manutenção de uma cultura, ou a defesa de um modo de vida, passa pela justificação de um pulsar económico. É o pulsar económico que o sustenta e que o mantém vivo em termos formais. E ninguém hoje tem dúvidas que, se em Malaca vivem 50 ou 60 pessoas que ainda falam português, isso é um símbolo da importância relativa que nós tivemos há 200 ou 300 anos, mas não passa disso.

É completamente diferente em Macau, onde tivemos a possibilidade de ter negociado um acordo, tendo à nossa frente um período de transição de 12 anos e uma garantia de 50. O objectivo principal para nós é que a nossa presença não acaba em 1999. A nossa presença dura pelos menos até 2049. Tem é uma forma diferente.

E para essa forma diferente a viragem é em 1999. Para que ela seja diferente e tenha a importância relativa que nós devemos e podemos atribuir-lhe, com o prestígio que temos nesta zona do mundo, é indispensável, primeiro dar capacidade autónoma a Macau e, a seguir, fazer ou definir uma estratégia cultural para poder remanescer para depois de 1999.

P-Essa estratégia cultural está também já definida?

R- Está delineada e definida como objectivo final, mas que pressupõe a existência de fases intermédias. E o objectivo final tem áreas onde será mais difícil manter a presença da cultura portuguesa e outras onde é mais fácil. Temos de saber avaliar isto em termos formais.

Áreas como a pintura, o cinema, a música, são áreas de contacto fácil. Não têm entre elas o problema da barreira da língua.

Há outras áreas, como a literatura, que em termos formais têm mais dificuldades.

Mas, por exemplo, mesmo em relação à língua, onde na realidade a situação é difícil e delicada, o facto de nos termos da declaração conjunta, remanescer em Macau não só a legislação de origem portuguesa, como os tribunais portugueses, vai mostrar à população chinesa que aqui ficar depois de 1999, que para poderem ser veículos desse tipo de possibilidades, licenciando-se em direito ou podendo vir a ser advogados ou juizes, tem que aprender português. De contrário não conseguem ser nem bons advogados nem bons juizes.

Aí está uma justificação formal e objectiva, no quadro da declaração conjunta, para que se justifique que as pessoas tenham necessidade de aprender português.

De resto, hoje estão a aprender português quase 1000 pessoas, quando há menos de dois anos não havia mais que 105. E a grande razão e diferença em relação a isso, não é apenas o esforço que está a ser feito de pôr à disposição da população meios para poderem aprender, mas uma justificação que está à vista que é, por exemplo, no âmbito dos cursos de administração e dos cursos de direito, a utilidade de os chineses saberem português.

Augusto Vilela

cont. na pág. seguinte

# Incorrigível.

## O INDEPENDENTE

A PAIXÃO DE SABER ESCOLHER.



# Entrevista com Carlos Melancia

cont. da pág. anterior

P-Há pessoas, chineses e macaenses, que põem algumas reservas em que a RPC cumpra na sua totalidade os acordos firmados. Como um dos protagonistas deste processo e a pessoa que mais contactos tem mantido com as autoridades chinesas, vê alguma razão para esses receios?

R- Ver algumas razões políticas para esses receios, vejo. Mas acho que eles hoje não têm fundamento. De facto tenho que entender que, quem viveu em Macau durante o período da revolução cultural, e viu praticar alguns abusos de poder por parte de algumas autoridades chinesas, manifeste um certo receio extrapolado disso.

Mas no quadro da declaração conjunta, as garantias que nos são dadas, e as afirmações políticas que têm sido produzidas até agora são importantes.

Posso, por exemplo, citar o vice-ministro Zhu Nan, que tem a responsabilidade ao nível do ministério dos negócios estrangeiros das questões de Hong Kong e de Macau. Numa das últimas visitas que cá fez, não hesitou em dizer à Lusa que, na realidade, tudo iria manter-se até 2049. E se alguma coisa mudava até essa data, era a China.

É evidente que estas coisas não se dizem por acaso. Podemos dizer que são palavras mortas, que na prática não têm sentido nenhum. Mas eu diria, para quem é tecnocrata, ou para quem é materialista, que há uma razão complementar para que a China tenha utilidade em, independentemente daquilo que é o seu compromisso internacional - que eu tenho a certeza que cumprirá integralmente - respeitar a declaração conjunta. O grande objectivo da China não é apenas resolver o problema de Macau e de Hong Kong. É também resolver o problema de Taiwan.

P-Isto significa que a estratégia global da China fortalece as garantias em relação a Macau?

R- Se em nenhum destes territórios a solução que está implementada, de um território com dois sistemas, e das garantias que são dadas de manutenção do sistema político e do modo de vida até 2049 (ou 2047 no caso de Hong Kong), não for um êxito, nessa perspectiva o acesso a Taiwan está condenado à «priori». E estando condenado «à priori», a China põe em causa a sua estratégia de mais longo prazo, que é o de resolver o problema dos três territórios e não de dois.

Isto é uma espécie de aval complementar, para quem materialmente gosta de raciocinar apenas com coisas concretas e reais.

P-Durante muito tempo, o sr. governador esforçou-se por fazer compreender em Portugal, designadamente aos agentes económicos, o interesse que teriam em fixar-se em Macau e fazer do território base para a sua expansão e da economia portuguesa nesta zona do mundo. As recentes ligações de grupos portugueses à economia de Macau e às próprias empresas chinesas pode significar que essa mensagem foi entendida?

R- Penso que sim. Há exemplos suficientemente numerosos para mostrar que alguma coisa está a mudar. Ainda não são em dimensão que me satisfaça, mas são indicadores claros de mudança.

O primeiro caso que eu poderia citar tem a ver com a decisão do grupo Nobre de querer instalar em Macau uma serração de mármore, para exportação, com contratos de transformação, mas com pedreiras na RPC.

Outro exemplo que me parece útil, é que o mesmo grupo está neste momento a estudar a possibilidade de instalar indústrias de transformação na área alimentar, em ligação com a empresa que hoje tem o matadouro. São dois exemplos do mesmo grupo.

Mas há mais dois ou três outros que me parece que também têm utilidade: finalmente

formalizou-se a aquisição de 45 por cento do capital da CEM e no grupo que participou nessa transacção está um grupo privado português - o grupo de Ilídio Pinho, o grupo COLEP - que para além disso tem projectos concretos para esta área. Instalaram, de resto, uma empresa COLEP em Macau, tal como aconteceu com o IPE.

Neste momento, por exemplo, o IPE, que tem uma posição provavelmente mais importante nesse grupo, está a estudar a participação num banco de desenvolvimento.

Posso continuar. Em projectos de outras dimensões, há uma mobilização da Interfina (não as Construções Técnicas que são detidas por esta mas a própria Interfina como «holding» financeira), que quer participar no parque industrial da Taipa ou até no projecto da Praia Grande e noutros investimentos desta natureza.

P-Existem hoje razões estratégicas mais fortes para que os grupos portugueses invistam em Macau e na Ásia/Paífico do que há uns dois anos atrás?

R-Isto significa uma viragem clara que está à vista. Mas, apesar de tudo, gostava de reafirmar o seguinte: se na fase de há uns dois anos provavelmente isto tinha alguma com-

junta. Mas, nesta fase de desenvolvimento, Macau precisa de ter quadros com a capacidade e a dinâmica necessária para dar execução a esses planos de desenvolvimento. Como pode o governador de Macau conciliar a política de localização com a manutenção de quadros capazes de levar à prática o que foi delineado?

R- Essa é a tarefa mais complicada e mais complexa que eventualmente temos que enfrentar. Fazer um aeroporto é um problema relativamente pouco complexo comparado com isso.

Neste intervalo já se têm feito coisas que considero decisivas, como a aquisição da Universidade da

Ásia Oriental, o lançamento dos cursos de direito, de cursos de administração e, recentemente, de dois

cursos de engenharia, a que se seguirá possivelmente mais um curso de farmácia, ainda este ano.

São esforços importantes e insubstituíveis, para se poder dar aos quadros uma formação adequada,

que não vá baixar a qualidade dos mesmos em 1999.

Mas, simultaneamente com isso, suponho

para poder eventualmente manter nessa área esses mesmos quadros de tecnicidade insubstituível. É assim que acontece com a Companhia de Electricidade, com a Companhia das Águas ou com a Companhia do Aeroporto, ou com o novo porto. Tudo são empresas de direito privado, para as quais é possível mobilizar quadros e que não estão sujeitas à imposição da transferência em 1999.

Tudo isto é um conjunto, faz parte da mesma estratégia. Estou convencido de que, em relação a

essa matéria, temos 70 por cento de hipóteses de atingir os nossos objectivos. Mas vai ser muito difícil atingir a 100 por cento aquilo que se pretende. Somos capazes de ter que enfrentar uma verdade que é dura, mas que a história não nos permite ignorar. É que devíamos ter começado há dez anos ou há vinte. E como não começámos, provavelmente acontecerá que, em 1999, a qualidade da administração corre o risco de ser menor do que aquela que eventualmente poderia ou deveria ser.

P-O quadro de Macau é o que está à vista. O tempo são dez anos. A contagem decrescente já começou. Alternativa não há. Quer isto dizer que a fórmula para esta década



Portugueses, macaenses e chineses, todos querem o Aeroporto.

ponente de utopia para quem me ouvia falar disto em Lisboa, suponho que os últimos acontecimentos na Comunidade Europeia são a prova de que aquilo que eu disse estava certo. E mais: é imperativo que se faça.

Como se sabe, a Alemanha sempre foi o principal motor financeiro da Comunidade, sempre a subsidiou em 50 por cento daquilo que era o seu orçamento.

Olhar para a Comunidade como alguns dos nossos industriais olhavam, como o único objectivo da política externa, neste momento está à vista que, se de facto a Alemanha fizer uma viragem em relação ao Leste, e tudo leva a supor que provavelmente acontecerá, se a Alemanha se interessar prioritariamente pelo apoio às novas democracias do Leste, é óbvio que não vai poder continuar a financiar a Comunidade ao mesmo nível.

É claro para mim que a política externa dos países da Comunidade tem que ser desenvolvida e implementada. E uma das áreas mais promissoras para que isso se faça, designadamente para a Comunidade, é de facto o Oriente, onde está um terço da população do mundo, onde se verificam taxas de crescimento muito acima da média, e onde há uma capacidade de inovação centrada à volta do Japão e de outros países, que é indispensável para o futuro.

Tenho dito, e repito, que na estratégia dos grupos económicos que pretendam ter uma posição significativa no comércio externo significativa, não ter uma posição no Oriente é condenar-se a prazo.

É assim como eu penso que deve ser entendido, que tem de ser entendido. Mais: nunca como agora é tão evidente que tem de ser entendido assim.

P-Há uma política de localização de quadros definida e prevista na declaração con-

que há que fazer um esforço muito grande no que diz

respeito à equivalência das pessoas que têm já uma formação superior. Se até agora se considerou de

maneira genérica que essa formação era insuficiente, ela já representa em si um património

insubstituível. Podemos completar ou reciclar essa formação, de tal modo que se possa a seguir dar-

lhe equivalência. Mas eu digo dar-lhe equivalência, depois dessa formação ou dessa reciclagem

complementar.

É o exemplo dos quadros da saúde, onde isso é certeza possível, ainda por cima com a vantagem

de corresponder a trocas de conhecimentos tão apetecíveis hoje ao mundo ocidental, no que respeita às ciências médicas.

Mas podia ainda citar, para concluir, que a localização dos quadros tem duas limitações base. A primeira é que deve privilegiadamente ser feita mobilizando os quadros naturais de Macau. E digo naturais de Macau, de origem europeia ou de origem chinesa. Em termos objectivos são tudo naturais de Macau.

Mas também têm acesso a essa posição os residentes em Macau há pelo menos sete anos, o que significa que, até 1992, é possível desafiar quadros de qualidade para poderem fixar-se em Macau e que têm acesso a uma posição nos quadros da administração. Parece-me igualmente que, em simultâneo, porque o problema é muito complicado, é indispensável, e está a ser feito, que a

maior parte da actividade da administração seja reduzida a um mínimo essencial. É por isso que se têm estado a privatizar as actividades empresariais de carácter público

final será um composto de algum idealismo, muito pragmatismo, muita dinâmica e muita determinação?

R- Tudo isto que eu disse ou é feito com grande determinação e com algum pragmatismo, mas também com alguma utopia, e na realidade podemos vir a ter algum êxito, ou deixamos cair os braços.

Eu diria que a atitude de deixar cair os braços conduz a zero. A atitude de eventualmente lutar pelas coisas, com pragmatismo e realismo, e como também com alguma utopia, conduz sempre a resultados positivos, que são certeza melhores do que a posição derrotista.

P-Conhece algum grande empreendimento humano que à partida não tivesse uma certa dose de utopia?

R- Não conheço. E reconheço que o período de transição e a presença portuguesa no Oriente, com toda a responsabilidade que o passado nos lega, deve de facto ser exemplar para poder ser considerado como um evento integrado nas comemorações dos descobrimentos portugueses, que acabarão também no fim do século.

E não parece que as coisas sejam impossíveis de conseguir, porque neste momento as relações de Portugal com a China nunca foram tão boas.

Suponho que está praticamente adquirido grande parte daquilo que são os aspectos políticos da estratégia que está traçada. Também neste momento as outras componentes estão ao nosso alcance de realização.

A.V.

Amanhã no DL  
MACAU: DEZ ANOS PARA  
AGARRAR O FUTURO  
Suplemento com 16 páginas

## CULTURA

Guilherme Silva expõe fotografias na Sociedade Portuguesa de Autores

## A hegemonia do corpo

Foi ontem inaugurada na Sociedade Portuguesa de Autores uma exposição de fotografias, cujo tema é o corpo.

Estes trabalhos, assinados por Guilherme Silva, acusam uma viragem na trajectória do fotógrafo, que até aqui tem revelado preocupações de ordem documental.

Tudo começou em 1968, quando os seus olhos tropeçaram com imagens que lhe tocaram a sensibilidade. A paisagem humana e natural, o envolvimento urbano, as manifestações religiosas e políticas, os rituais, as celebrações.

Tratava-se, portanto, da narração literal, do estabelecimento do diálogo entre o olho e realidade. Ainda dentro desta fase, que se prolonga até meados da década de oitenta, regista imagens da faina piscatória desenvolvida por profissionais da actividade nas águas de Marrocos, Canárias e Mauritània. Inscrevem-se ainda, neste período, as fotografias de viagem, resultantes das suas

deambulações por diversos países europeus e africanos. Entretanto, as imagens colhidas no Hospital Psiquiátrico do Lorrão, graças às quais conquistou um prémio da Organização Mundial de Saúde, delatam já uma renúncia ao puro documentalismo. Embora Guilherme Silva continue

a perseguir o testemunho, ocupando atrás da câmara a posição do crítico, na forma como capta o discurso dos corpos há já uma nítida avidez analítica. Aí, mais do que o enunciar de uma situação, o fotógrafo concentra-se na austera exploração de um tema que poderá ser, segundo diz, a constatação de que "o erotismo não existe somente nos corpos belos e saudáveis".

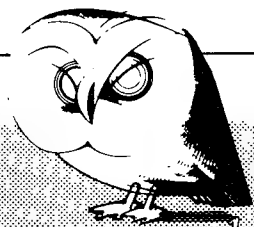
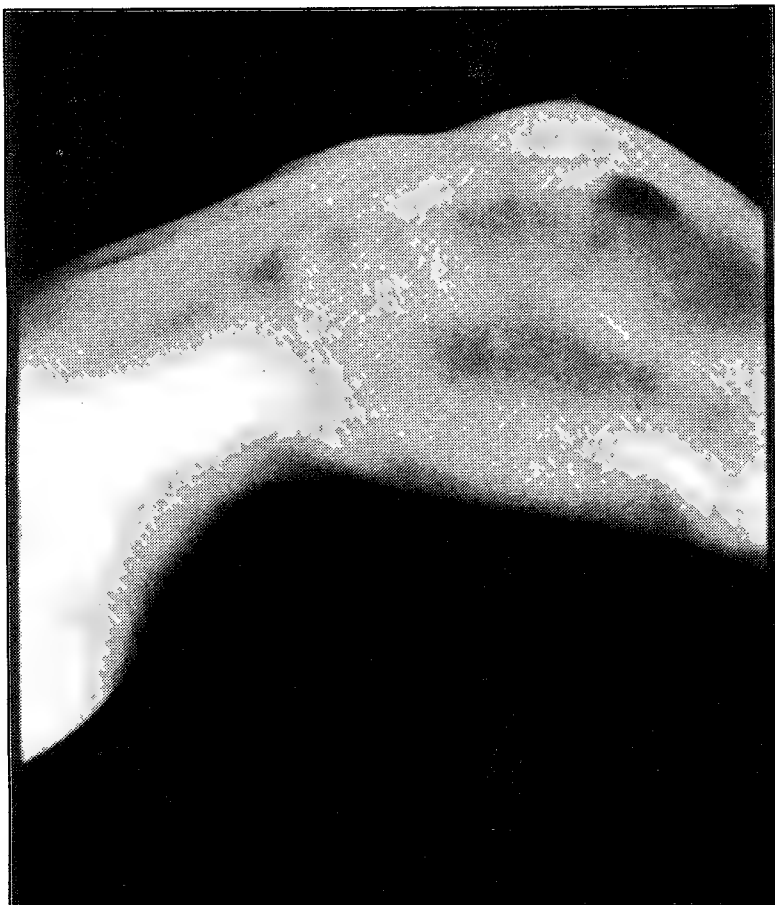
Ele mostra-nos cenas um tanto insólitas, tais como um par de mongolóides a beijarem-se, o que modo nenhum colide com os seus conceitos estéticos.

Agora com as fotografias expostas na Sociedade Portuguesa de Autores, Guilherme Silva, se bem que não se desvie para fórmulas experimentalistas ou conceptuais, evidencia uma relação mais profunda com a verdadeira natureza da arte fotográfica. Só muito subtilmente aqueles corpos, femininos e masculinos, evocam calor e sensualidade. Há neles uma

tensão, uma densidade gráfica que remete para os problemas colocados pelo próprio conceito de fotografia.

O autor não assume o papel de «voyeur», como por exemplo um Helmut Newton.

Lourdes Féria



olhar de mocho

## O difícil judeu II

Os Oppermann, nobremente colocados no horário aristocrático da noite de ontem, quase correm o risco de causar o efeito contrário: em vez de termos mais pena dos seis milhões de judeus vítimas do nazismo, e de nos sobreexcitarem os rancores devidos ao Führer do III Reich, eles podem muito bem servir para atingirmos o ponto de saturação em relação ao sionismo. A série respira dinheiros fartos, excelências técnicas, mestria de actores e inteligência no argumento por todos os poros. Os dinheiros andaram à rédea solta e o produto corresponde, tecnicamente, ao investimento. Mas nada disto impede que se fale do ponto de saturação aludido: talvez não exista na história do cinema-cinema e do cinema-telvisão, ambos nos últimos 30 anos, um género literário mais batido e redundante que o da glorificação das vítimas do Hitler. E o perigo a que nos referimos pode bem ser o do enjoo: o timing da publicidade, se não for cumprido segundo normas de marketing, pode gerar antipatias em relação ao produto. Mas vamos ao ponto que importa. Se os Judeus fossem apenas um povo, uma raça, uma religião bíblica ou uma simples confissão, talvez não existisse esse perigo de enjoo.

Mas agora o que está em jogo é o sionismo: houve um divórcio entre o «povo sagrado» e a «terra sagrada», a prometida, onde correu ou correrá o leite e o mel, Sião, nome poético de Jerusalém, e agora para além de raça, de religião, os Judeus pretendem também a teocracia a funcionar na terra concreta que se chama Palestina.

É aqui que se situa o «salto mortal», o «golpe de rins»: estaremos quase todos de acordo quanto ao povo, à raça, à religião, mesmo a uma possível seita. Mas já não será líquido que sejamos obrigados a aceitar a extrapolação para o judaísmo, Estado teocrático a funcionar na terra palestina.

Nem a compaixão pelas vítimas do Hitler poderá ter carácter obrigatório, se o apoio ao Estado teocrático vier atrelado ao problema das atrocidades nazis. E não é preciso estarmos filiados na OLP ou sermos simpatizantes do senhor Arafat.

Basta conhecer algo dos profetas bíblicos, Amós, por exemplo, (século VIII a.C.) que rejeitava, violentamente, a política de Israel do seu tempo: «Odeio as vossas festas, não suporto o cheiro das vossas reuniões, acabem com as vossas canções, não quero mais ouvir os sons das vossas harpas» Hoje, Israel não é só um problema político - o problema religioso está subjacente, é anterior e não foi resolvido. Os nómadas de antigamente ocuparam uma terra, depois perderam-na e mais tarde regressaram.

Ora com isso de perder uma terra, de a reocupar, de desalojar palestinos, o Hitler com os hediondos crimes cometidos, nada teve a ver. A família Oppermann da série televisiva por mais repugnantemente que pinte os carrascos nunca poderá aspirar a colher dividendos.



Jose S. Monteiro

José do Carmo Francisco edita antologia desportiva em verso

## Os poetas na bancada

O exercício físico e o exercício literário estão mais próximos, desde que ontem, ao fim da tarde, foi lançado no Palácio Foz o livro «O Desporto na Poesia Portuguesa», com pesquisa, selecção e notas de José do Carmo Francisco.

Esta antologia que reúne poemas relativos a modalidades tão diversas como o ciclismo, o andebol, o xadrez e, claro, o tantas vezes aclamado «desporto-rei», foi beber na sabedoria de numerosos poetas portugueses contemporâneos, mais ou menos consagrados. Entre eles, Manuel Alegre (um benfiquista de primeira água), Natália Correia, David Mourão-Ferreira, o nosso camarada de redacção, Pedro Alvim, de cujo livro «Os Jogadores de Xadrez» foi extraído o poema que se lê nas páginas 54 e 55 deste volume de, como não podia deixar de ser, Fernando Grade, o mais citado. Todos eles representam os poetas que alguma vez se sentaram na bancada para apreciar os

contornos humanos, os dramas, as emoções vividas nas entranhas do desporto de alta competição. A estes há a acrescentar, todavia, um poeta muito especial, que não se senta na bancada, mas no «banco», dirigindo domingo após domingo os destinos futebolísticos do mais cotado clube nortenho. Chama-se Artur Jorge e é citado na página 76, a propósito de um qualquer poema irónico sobre uma prova de atletismo no Estádio Nacional.

A história desta obra começou em 1979, ano em que o autor iniciou a publicação de poemas de pendur desportivo no jornal «A Bola». «Convencido de que não era o único...» referiu José do Carmo Francisco ao «DL»- «...fui enchendo pastas com poemas que vários autores foram escrevendo sobre o tema». Embora a edição deste material em livro não estivesse projectada para uma fase tão precoce da investigação, o autor não desperdiçou a oportunidade proporcionada pela VIIª Quinzena Cultural

Bancária, iniciativa da responsabilidade do Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas que também edita este livro.

Na cerimónia de apresentação da obra, a que compareceram velhas e novas glórias do desporto português (Carlos Lopes, Nenê, João Alves, Eusébio, entre outros menos reconhecíveis ao olhar de uma jornalista não versada na matéria), abordou-se a importância de que «O Desporto na Poesia Portuguesa» se poderá revelar para a derrota de um antigo preconceito que teima em encarar a cultura como a antítese da prática desportiva.

Quem o denunciou com veemência foi João de Melo, o escritor açoreano, nacionalmente reconhecido, que ontem fez as honras da casa e teceu o elogio da obra dirigida por José do Carmo Francisco. Segundo o autor de «Gente Feliz com Lágrimas», nada do que é humano pode ser estranho ao profissional da escrita, pelo que, apesar das suas responsabili-

dades no meio literário, ele não se coíbiu de declarar ali mesmo a intenção de vir a publicar um romance, cuja acção decorresse algures nos meandros do futebol. E se o pensou, melhor o fez. Tal como confessou aos presentes, João de Melo ter-se-á acerbado ainda há poucos dias do jogador benfiquista Vítor Paneira, para averiguar um pouco do comportamento dos homens, enquanto elementos integrantes de uma equipa desportiva. Não sabemos dos resultados obtidos, mas se a moda pega, João do Carmo Francisco ainda vai ter de arranjar material para «O Desporto na Ficção Portuguesa». Por ora, não é essa a sua intenção. A próxima meta será uma provável segunda edição de «O Desporto na Poesia Portuguesa» devidamente ampliada, caso o livro agora editado seja tão aplaudido quanto os vinte e um golos que Mats Magnusson já marcou neste campeonato.

Maria João Martins

# Peça de Boris Vian no Instituto Franco-Português

Falecido prematuramente aos 39 anos, quando a sua carreira, já polémica, parecia desenhar-se com força e intensidade, Boris Vian não parou desde então de espantar, livro após livro, aqueles que o foram descobrindo. Entusiasmou e entusiasma gerações, tendo o poder de cativar antes de mais os jovens, pois tudo o que fazia vai ao encontro de uma irreverência, de um espírito de invenção e ao mesmo tempo de revolta e de um anticonformismo capazes de levantar uma montanha.

Estranhamente, e ao contrário daquilo que aconteceu em vários países europeus, Boris Vian não tem merecido por parte dos portugueses a devida atenção, o que é lamentável. Ainda hoje, em França, a sua obra não pára de ser descoberta, estudada, e obras póstumas, aparentemente inesgotáveis, assim que são publicadas são imediatamente vendidas em milhares de exemplares. Amante do «jazz», músico, romancista, poeta, cantor, inventor, engenheiro, actor e grande impulsor da agitação que nos anos 50 se deu em Paris em torno de Saint-Germain des Prés, amigo de pessoas como Jean-

Paul Sartre e Duke Ellington, Vian viveu intensamente e a sua obra é uma lição de vida. Quando morreu, tinha começado a desenvolver uma das suas facetas ainda hoje menos conhecidas, a escrita teatral. As suas peças são de uma frescura e de uma surpresa totais. Cómicas, percutantes, talvez mais certas e profundas do que aparentam.

Agora pela mão do grupo de Teatro do Instituto Franco-Português, teremos oportunidade de assistir, durante alguns dias, à peça LES BATISSEURS D'EMPIRE que estreou poucos dias depois da morte de Boris Vian, não chegando este a ver senão o livro já editado.

Está de parabéns portanto o grupo de jovens (Emmanuelle Nocq, Claudia Sousa Pereira, Ana Maria Pradines dos Santos, Albino Cunha e Guy Talbourdet) que, reunidos sob a direcção de Daniel Beauron, assistido de Francis Seleck, agora nos trazem esta intrigante e misteriosa comédia, cujo personagem mais curioso é talvez LE SCHMURZ, aliás subtítulo da peça, e que consiste numa espécie de animal, monte de farrapos vivo, interpretado pelo próprio Daniel Beauron.

Nascido há cerca de quatro anos, este

grupo, o Atelier-Théâtre de l'IFP, tem tido a missão interessante de nos trazer algumas peças francesas na língua original, como UBU ROI de Alfred Jarry e LA LEÇON de Ionesco. Todos os elementos do grupo, incluindo o seu director, trabalham neste projecto sem remuneração.

Trata-se portanto de um caso de entusiasmo puro por teatro, caso cada vez mais raro nos tempos que correm. Aliás, o clima era de entusiasmo e a boa disposição grande, quando com eles conversei poucos dias antes da estreia. Todos tinham já experiências anteriores como actores, todos querem continuar. E para que isso aconteça, é necessário que o público não deixe de acorrer. Aliás, por tudo o que aqui foi apontado, não se arrepende.

LES BATISSEURS D'EMPIRE ou LE SCHMURZ de Boris Vian

Instituto Franco-Português, Av. Luís Bivar 91 Lisboa de 18 de Janeiro a 4 de Fevereiro - de 5.ª a sábado às 21.30, domingo às 17 horas.



Manuel Cintra

Boris Vian

## Cinema indiano afunda-se

*Agora que no «Cineclube» a RTP nos permite conhecer o cinema indiano, chega-nos a informação de que a maior indústria do filme no planeta tem os dias contados*

Durante largas décadas profusamente produzido, o cinema indiano foi um autêntico mealheiro. A indústria cinematográfica que se montou na Índia tornou-se mesmo na maior do mundo, chegando a produzir cerca de 700, 800 fitas por ano. A maior parte destas produções saíram dos estúdios de Bombaim, mas a Hollywood Asiática já teve de aceitar que ídolos como Amitabh Bachchan já não encham as salas. A razão está no crescente sucesso do vídeo e da TV, lá como cá.

A verdade é que a autêntica explosão do vídeo e da televisão na Índia está rapidamente a levar a indústria do filme à ruína. O produtor Amit Khanna está mesmo pessimista: «É o apocalipse.»

Bombaim, que já chegou a produzir 900 filmes num ano, mantendo as caixas registadoras em funcionamento, está pela primeira vez confrontada com uma inesperada falência. As longas bichas para comprar bilhetes que se viam a todas as horas nos cinemas urbanos são coisa do passado. Agora, os proprietários destas salas consideram-se satisfeitos se conseguirem ter a casa meio cheia.

Dos treze mil cinemas existentes no país, algumas dúzias já fecharam as portas e esperam-se que muitos mais o façam proximamente. Estrelas como Anil Kapoor e Vinod Khanna, que dantes trabalhavam em trinta filmes

simultaneamente, já têm tempo para se sentarem e gozarem os louros. Os estúdios de Bombaim, habitualmente reservados com meses de antecedência para filmagens, podem agora ser contratados em qualquer altura.

O «boom» da TV e do vídeo nos anos oitenta, que começou quando a primeiro-ministro Indira Gandhi lançou um projecto para a expansão dos audiovisuais, é o responsável comummente apontado. Hoje, 192 transmissores e 176 estações difundem programas televisivos por todo o país, sendo de registar o facto de que ninguém, na Índia, paga taxa pelo seu aparelho.

Os principais programas de televisão são produzidos em Bombaim e Nova Deli e difundidos via Insat IB, o satélite doméstico da Índia. A TV indiana, completamente controlada pelo governo, passa três ou quatro filmes por semana na língua nacional e nas regionais.

O vídeo, esse, chegou à Índia há sete anos. O governo isentou os gravadores-vídeo de quaisquer sobrecargas de importação, e em consequência ronda o milhão os aparelhos existentes em todo o país - somando-se 35 mil em cada mês, para não contar com os existentes em cem mil locais semi-legalizados que abrem fora de horas a quem não os tem em casa. O telespectador pode ver três horas de filme na versão vídeo, do Rambo à pornografia, por um quarto do preço que pagaria se fosse ao cinema.

Habitualmente, estas pequenas salas têm à disposição as edições piratas de filmes que são estreados na mesma altura. A pirataria vídeo é mesmo um grande negócio, chegando aos 700 milhões de dólares por ano - metade dos proventos do cinema. Pelo fim da década de noventa, quando a maioria dos indianos possuir ou tiver acesso a um vídeo, a situação será bastante pior.

Montar uma rádio privada ou uma estação de televisão está proibido na Índia, mas para circundar a lei, empresários privados fornecem

televisão por cabo a cinco milhões de pessoas, variando o seu número consoante os blocos de prédios nas grandes cidades que entre todos os condóminos se decida por tais consumos. Por preços não muito elevados, servem os subscritores com seis a dez horas de vídeo por dia a partir de uma sala de controlo na cave de um dos edifícios.

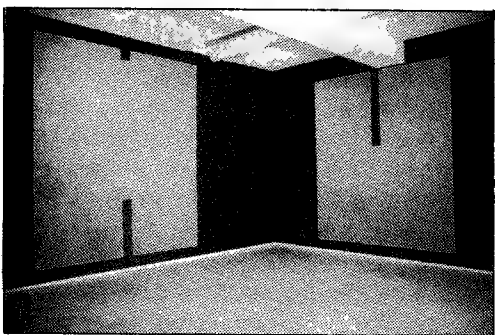
Para além disso, Cuffe Parade, uma área residencial selectiva em Bombaim, tornou-se na primeira a ter acesso aos satélites de televisão estrangeiros. Os seus residentes, já servidos pelas lojas de vídeo e dispondo de TV por cabo e televisão governamental, receberão agora em suas casas seis canais estrangeiros a partir, também, de centros de controlo privado, mediante pagamento anual ou mensal aos «piratas». Acresce ainda que pequenos, mas cada vez mais poderosos, produtores privados estão a fazer filmes unicamente para o mercado de vídeo. Como resultado de tudo isto, de 126 fitas em hindu realizadas em 1988 apenas dezassete puderam cobrir as suas despesas. De 600 filmes em projecto, quarenta não passaram dos primeiros obstáculos.

Se os operadores privados da TV por cabo têm o direito de mostrar filmes sem pagar direitos aos produtores ainda vai ser decidido nos tribunais, sabendo-se que essas batalhas podem demorar anos.

A grande questão, enquanto nada se soluciona, é como fazer o melhor lucro, caso dos produtores que andam desesperadamente a persuadir actores e atrizes a receberem menos de vencimento, que não anda longe dos das «superstars» de Hollywood.

Entretanto, novas técnicas de mercado estão a ser tentadas para vender os filmes «made in India» nos países em que vive grande número de indianos, como os Estados Unidos, Grã-Bretanha, Canadá e Singapura. Resta saber se será o suficiente para infundir nova vida a uma indústria moribunda.

Gomin/DL



Só ao abandonar a Módulo é que o visitante se apercebe que esteve o tempo todo dentro de um quadro

## Frescos e desenhos de David Tremlett

Ao retomar a divulgação de artistas estrangeiros o Centro Difusor de Arte, Módulo, escolheu a pintura monumental de David Tremlett, que, proximamente, dividirá com Julian Schanabel o espaço do Palais des Beaux-Arts, de Bruxelas.

Figura de proa da Arte Britânica dos anos 60/70, juntamente com Gilbert & George, Hamish Fulton e Richard Long, a sua obra evidencia-se sobretudo pelo rigor formal a que não é alheio o sentido ascético que confere à beleza. Na vibração monocromática dos pastéis minerais e orgânicos devolve-nos o carácter xamanístico de execução das pinturas rupestres.

Ultrapassado o contacto inicial dos primeiros trabalhos, quatro desenhos a grafite e pastel no hall da Módulo (Calçada dos Mestres, 34), entramos literalmente na pintura de Tremlett. Porque o suporte desta pintura mágica deixa de ser o cartão ou papel, e são as paredes da sala grande que nos integram num quadro labiríntico. O que interessa aqui é compreender a sacralidade de uma pintura que retoma na concepção mágica da intimidade da caverna/galeria, que perderia em ostentação e monumentalidade públicas.

Tremlett não nos agride com a impunidade com que os curiosos da cor se têm permitido esconder na cor da cidade, por exemplo, antes partilhando, sem truques ilusionísticos ou figurativos, registos memoriais de um cheiro (tinta), uma superfície (parede), a pele (textura).

A pintura de David Tremlett permitirá revisitar-nos a de Marques de Oliveira, ao contrário do que é hábito escrever-se.

Jorge Fallorca

## CULTURA E ESPECTÁCULOS

## Freud revisitado (1)

## A Psicanálise em Portugal

Portugal tem sido, desde os inícios e até há pouco tempo (cerca de duas décadas) um dos lugares onde a ressonância teórica e prática da obra de Freud menor eco teve.

Poderíamos pensar que estamos longe da Europa Central, austríaca e alemã; mas o conhecimento dos movimentos de adesão e debate (cf. «História do movimento psicanalítico» de S. Freud, 1914), que desde o início do século se começaram a constituir por toda a Europa e América, leva-nos a crer que o problema não esteve nunca na distância física e na relativa falta de meios de comunicação, mas tão-só na distância interior (afectiva, intelectual) com que o meio científico e médico português - salvo algumas excepções - se relacionou com esse movimento.

Lembremo-nos, por exemplo, que os nossos vizinhos espanhóis gozam, desde 1922, de uma tradução da obra completa de Freud (dirigida por L.L. Ballesteros y Torres), a qual o próprio Freud teve oportunidade de elogiar em carta ao seu tradutor (Maio de 1923). Entretanto, em França, capital avançada da cultura europeia - mas cartesiana! - ainda hoje não foi realizado esse trabalho.

Cinquenta anos depois da sua morte, um bom vento traz à nossa língua, por iniciativa das Publicações Europa-América, uma colecção

de textos importantes de Freud, antologiadados pela sua filha Anna com a colaboração de Clifford York. São três volumes, dos quais acaba agora de sair o terceiro, sob o título «Textos Essenciais de Psicanálise», traduzidos por Inês Busse, e cuja revisão, introdução e notas são da responsabilidade de José Gabriel Pereira Bastos.

## Resistências Ideológicas

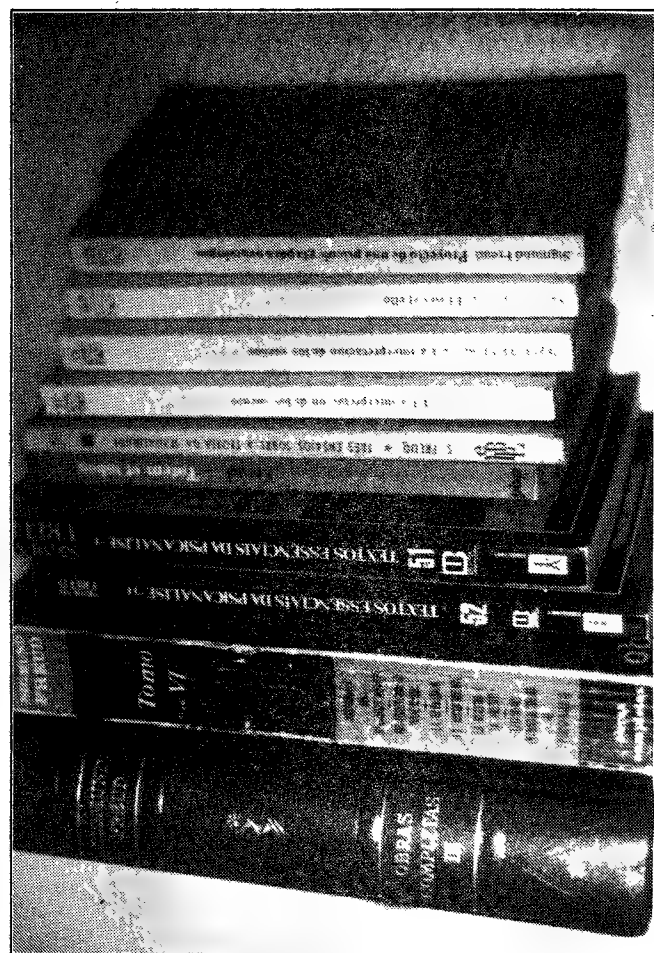
Na sua aliciente introdução, incluída no primeiro volume,

J.G. Pereira Bastos analisa a recepção da obra de Freud em Portugal, chamando a atenção para a estreita relação entre a resistência ideológica à psicanálise e uma acentuada falta de rigor científico: «Quem, durante estes anos, se interessou por estes campos, sabe como as polémicas em torno da psicanálise se mantêm, em Portugal, presas de um acentuado cunho ideológico, como estratégia cautelar para ocultar, habitualmente, graves lacunas de

informação básica e consequente falta de rigor. Não é estranha a este processo (embora não seja nem o único nem, talvez, o seu principal determinante) a falta de meios de estudo sobre a obra de Freud e seus principais continuadores, num mercado livreiro caracterizado, até aqui, pela superabundância de biografias e obras de divulgação, de nível desigual, mas sempre incapazes de substituir o acesso directo às fontes.»

Neste sentido, a iniciativa das Publicações Europa-América parece ser um passo optimizante no sentido de quebrar o silêncio feito, até hoje, em torno da tradução de Freud entre nós. O que, sem dúvida alguma, a ter continuação, irá reavivar o debate e a reflexão junto de um público mais alargado, nomeadamente estudantes e professores, que, regra geral, têm acesso à psicanálise através de livros ou manuais de divulgação, com a consequente simplificação teórica que tais instrumentos comportam.

Por outro lado, a leitura directa dos textos de Freud, base de um edifício teórico tão importante para o estudo da vida mental e da produção cultural do homem e uma possibilidade inestimável de romper com os circuitos poluentes e banalizantes (ideológicos) produzidos pelo «psicanalismo» residente no



senso comum.

E, para finalizar esta breve incursão a Freud, à psicanálise e aos livros, deixo ao leitor algumas palavras do (já citado) autor do prefácio à edição portuguesa desta obra: «Aqui, como noutras áreas da vida, nenhum livro pode substituir a experiência vivida e, neste campo, essa experiência passa por uma análise pessoal. Mas isso não reduz a importância do livro. Quem já viajou, conhece bem a diferença que há entre o melhor dos guias turísticos e o encontro directo com o território que motivou a viagem; mas

quem viajou sabe, também, que muitas viagens começaram, muito tempo antes, num livro e sabe, ainda, quanto se pode perder, a nível da experiência vivida por falta de um bom guia que nos chame a atenção para os recantos, eventualmente maravilhosos, que se situam fora dos grandes trajectos infundavelmente repetidos. Aqui, é-lhe apresentado um resumo do melhor dos guias, escrito pelo descobridor e infatigável explorador dos territórios do inconsciente.»

Margarida Medeiros

## Grace Jones, o cúmulo da ambiguidade

*Goude já não está com ela: a imagem de Grace Jones depende cada vez mais de si própria. Falou-se dele muito e dela menos, ultimamente, mas um novo disco está aí. Mais uma vez não é a música que interessa, mas o resto...*

Grace Jones acaba de lançar um novo álbum, onde predominam as músicas trepidantes que apelam à dança. Este disco, com o título de «Bulletproof», inspira-se no som quente da Jamaica, a sua terra de origem e sobre a qual se prepara para escrever um livro. Símbolo da heroína contemporânea, habita um reino estranho que remete para a zona do fantástico. O passado animal advinha-se nos reflexos brilhantes dos seus olhos escuros que insinuam inquietantes mistérios, neles assomam, por vezes, rasgos de canibalismo. Sugerem a emoção em estado bruto e uma nítida declaração de guerra aos canones mais ortodoxos. Imagem da beleza convulsiva e devastadora, é tão desconcertante que não pode ser apreciada à luz dos padrões normais. Convém, portanto, evitar uma visão académica e simplista da senhora porque nela reside o puro equívoco, a confusão, a ambivalência. Deixamos na dúvida, sem sabermos de ciência certa, se é homem, mulher ou bicho. Como se isto não bastasse para perturbar quem a contempla, só faltava que, no meio deste conflito genético, surgisse a intervenção intempestiva de Jean-Paul Goude, o pigmalão da criatura. Ensinou-lhe a arte da ambiguidade e, ao produzi-la dos pés à cabeça, sem escurar o mínimo detalhe, tranformou-a num ídolo dos anos 80.

Grace Jones é o resultado perfeito das «perversões estéticas» do homem que foi, entre muitas outras coisas, director artístico

da revista americana *Esquire*. «Correspondia aquilo que eu procurava desde há anos. Mais do que um manequim assemelhava-se a uma deusa negra, a uma máscara africana». Graças à receita mágica da «french correction», uma técnica baseada em pequenas próteses, fez sair daquele ser inclassificável uma paradoxal feminilidade, proeza que julgávamos quase impossível. Modificou-lhe o penteado, concebeu para ela espectaculares fatos geométricos e «mises-en scène» fabulosas. Fotografou-a, pintou-a e decorou-lhe o corpo com estranhos arabescos.

Hábil criador de artifícios, Jean-Paul Goude induz-nos a tomar o falso pelo verdadeiro. Orgulhoso da sua obra, exibiu-a na noite nova-iorquina e parisiense, no auge do romance que os dois mantiveram. Era gratificante levar pelo braço uma escultura negra que parecia ter dois metros de altura. A mulher intimidante, gélida e feroz que atrai as atenções e desperta desejos inconfessáveis.

Filha de um pastor protestante, inicia a carreira de cantora na década de 70, sobre as mesas do Club Sept, em Paris, recorrendo ao *play-back*. Entre o público que a aplaudia encontravam-se Loulou de La Falaise e Yves Saint-Laurent. Capa das principais revistas, estreia-se no cinema interpretando o papel de mulher malvada no filme «Conan the destroyer», onde contracenava com o musculoso Arnold Schwarzenegger, que se limita a ficar na sombra. Ela ofusca-o, secundariza-o. Mais



tarde, arrecadados já os louros e os dólares provenientes do seu sexto álbum «Living my life», aparece no elenco de «A view to the kill», uma fita de James Bond. Qual pássaro diabólico lança-se da torre Eiffel, mas não lhe acontece nada de grave porque a capa que veste se converte num paraquedas. É, outra

vez, uma figura demoníaca que se redime depois de fazer amor com o herói, representado pelo desastroso Roger Moore.

No universo da moda francesa, Grace Jones conquistou a estatuto de rainha, tendo apresentado as colecções de costureiros como Kenzo, Montana, Alaïa, Miyake e Yves Saint-Laurent. Na publicidade, o seu enigmático fascínio anda associado ao prestígio das marcas Honda e Citroën. Sob a direcção do genial Jean-Paul Goude, e ostentando uma cabeleira com a forma de faróis, foi uma *superwoman*. Desprendia-se dela uma violência visual, uma espécie de maldição, era simultaneamente guerreira e bruxa. Apesar da aparência dura e letal, daquele descomunal físico que denota intenso labor de ginásio, revela-se uma personagem versátil, capaz de nos surpreender e de nos fazer acreditar nos seus dotes de actriz. «Grace tem um ar tão feroz que eu podia contratá-la para cão de guarda do meu castelo». Eis um comentário, proferido por Karl Lagerfeld.

Grace Jones não usa roupas sumptuosas, prefere enrolar-se em panos envolventes que, no seu corpo, se transformam em peças sofisticadíssimas. As jóias também não a entusiasma, tem sim a paixão das peles e, quanto a adereços, coleciona calçado. Ao que consta possui 100 casacos de peles, assinados pelos criadores com quem colaborou quando era modelo, e mais de mil pares de sapatos.

Lourdes Féria

# DESPORTO

## Funcionário desvia dinheiro

*Na Associação de Futebol de Lisboa um empregado recebeu o ordenado em duplicado. Ele é o segundo caso de desvio de dinheiro em poucos anos*

O caso é noticiado pelo jornal «Record» na sua edição de hoje, e o presidente, em exercício, da Associação de Futebol de Lisboa o confirma. Determinado funcionário daquele organismo terá recebido ordenado em duplicado utilizando o seu nome em duas relações de bancos diferentes. A irregularidade foi detectada no passado mês de Novembro, o funcionário imediatamente demitido com a obrigação de repor a verba desviada

em prestações durante dois anos. De acordo com o dr. Martins Grilo (líder do executivo da AFL até à posse de Mendes Palitos) «os factos eram tão evidentes que de imediato tratámos da rescisão do contrato, tendo o funcionário assumido toda a responsabilidade». Recorde-se que se trata do segundo caso de desvio de dinheiro naquela Associação o que parece indiciar alguma vulnerabilidade no sistema.

### Estrela-Marítimo realiza-se amanhã

São três os encontros correspondentes à 17.ª jornada do campeonato nacional da divisão principal, antecipados. Assim, amanhã, no Estádio José Gomes, terá lugar o Estrela da Amadora-Marítimo (início pelas 17 horas e 30 minutos), com Mário Leal escalado para a sua coordenação. No sábado, teremos o Nacional-Penafiel pelas 16 horas e o Vitória de Setúbal-Sporting marcado para as 21 horas e 30. Outra alteração: o jogo Boavista-Feirense realiza-se no dia 23 (3.ª feira às 21.30 no Estádio da Bessa). Os demais encontros da ronda reorganizam-se no domingo a partir das 15 horas.

### Hajry: procure-se

O futebolista marroquino Hajry, que actuou no Benfica e fez escala no Farense antes de ingressar na União da Madeira, ausentou-se sem qualquer autorização pelo que deverá sofrer forte penalização disciplinar.

### União protesta jogo com Marítimo

O União da Madeira vai protestar o encontro realizado

no passado domingo com o Marítimo que terminou com a vitória deste por 1-0, alegando irregularidade na actuação do futebolista Marquinhos que, segundo os dirigentes do União, estaria impossibilitado de alinhar em virtude de ter sido expulso no confronto com o Boavista.

A confirmar-se tal acusação (consta que o Conselho de Disciplina já teria analisado o relatório do árbitro tendo punido o jogador com «advertência» e por analogia com a recente punição do Caldas no jogo com o Braga, o Marítimo seria castigado com a derrota naquele encontro.

### Violência por cá

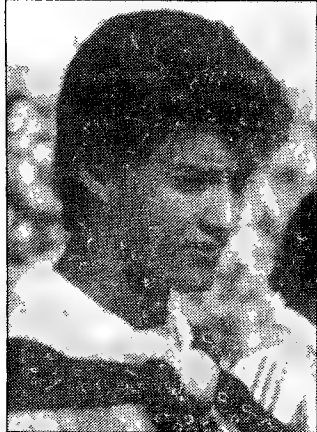
Duas agressões a árbitros e uma agressão a um jogador são alguns dos incidentes registados pela Guarda Nacional Republicana nos diversos campos de futebol do país no último fim-de-semana.

As agressões a árbitros tiveram lugar nos jogos Paio Veiros de Queira-Vila Maiorense, no distrito de Viseu e Infante D. Henrique — Pedroso (Amadores), no distrito do Porto.

Do total de oito incidentes registados pela GNR há ainda a destacar três invasões de campo, uma das quais no jogo FC Rio Tinto e AF Gandra no distrito do Porto.

## Personalidades

**VÍTOR BAÍIA:** pulo de corça em matéria de melhoria financeira, para continuar ao serviço do Futebol Clube do Porto. O guarda-redes dos «dragões» cobrava 400 contos de vencimento mensal: foi aumentado para mais do dobro, em belo incentivo a uma carreira que (aos 20 anos de idade) se afigura altamente promissora. E, para evitar qualquer tentação maior, Baía ficou ligado aos azuis-brancos até 31 de Julho de 1992. Possível cerco ao atleta levantou o ataque.



**ROSA MOTA,** que no passado domingo participou (e venceu) uma prova a que concorreram 20 mil atletas, foi ontem convidada de honra na cidade nipónica de Omura em diversas cerimónias que assinalam o feriado nacional japonês da «entrada na idade adulta» que marca a maioridade aos 20 anos dos jovens do país do Sol Nascente. A nossa menina da Foz terá o seu nome num parque em construção que será designado «Rosa Mota Memorial Park».

## Bibliografia

### «Foot»

Luís Norton de Matos (agora também seleccionador nacional de futebol para a categoria de esperanças), lado a lado com o jornalista José Paulo Canelas, continua encabeçando a revista «Foot», no 6.º ano de vida e edição 63. Recordando a bonita festa em que foram entregues os prémios anuais da «Foot» e da Adidas, aquela publicação relembra os pontos mais vincados do desporto na década passada, fala dos títulos conquistados pelos nossos miúdos e dos fracassos dos graúdos, apresenta um inquérito sobre as famigeradas «chicotadas psicológicas», insere amplo noticiário e foca

(especialmente) alguns dos finalistas do Mundial em Itália: RFA, Itália, Jugoslávia e URSS, para além de dissecar outras disciplinas desportivas.

### «Eles e Elas»

Como habitualmente, a revista comandada por Maria da Luz de Bragança e Ilídio Alves aborda temas desportivos (a Moto-Expo, o Rali da Régua/Alto Douro, uma entrevista com Paula Veloso Amaral) a par de afluência ao que vai pela alta-roda do jet da década 80. Pena que, para além dos desportos ditos elitistas (automobilismo, golfe, ténis, hipismo) a «Eles e Elas» não ofereça (também) temas de outras disciplinas atléticas.

## Disciplinas desportivas

**RALI PARIS-DAKAR:** o finlandês Ari Vatanen, em Peugeot, e o italiano Edi Orioli, em Cagiva, têm praticamente garantido o triunfo no Rali Paris-Dakar, após a 17.ª e penúltima etapa da prova disputada ontem.

Vatanen foi segundo na etapa, na distância de 838 quilómetros, entre Kayes, no Mali, e St. Louis, no Senegal, e mantém o comando da classificação geral em carros, com mais de uma hora de vantagem sobre o seu colega de

equipa Bjorn Waldegaard, da Suécia.

Apesar de continuar a dominar a secção dos automóveis, a Peugeot cedeu a vitória na etapa, com uma classificação especial de 200 quilómetros, ao britânico Andrew Cowan, em Mitsubishi.

Nas motos, Edi Orioli tem também uma confortável vantagem de mais de 50 minutos à partida para a última etapa do rali, apesar do modesto 12.º lugar na tirada de ontem, ganha pelo belga Gaston Rahier, em Suzuki.

### «EF PORTUGUESA, SA»

CERTIFICADO, para efeitos de publicação que em 30 de Novembro de 1989, pelas 10 horas, reuniu a Assembleia Geral ordinária da sociedade anónima com a denominação em epígrafe, estando representada a totalidade do capital social e, de acordo com a ordem de trabalhos, foi deliberado por unanimidade, aceitar a demissão do administrador sr. Per Erik Syvertsen.

— Na mesma Assembleia Geral, foi proposto que o conselho de administração passasse a ter cinco membros, a qual foi aprovada por unanimidade, tendo sido eleitos para o triénio que termina no fim de 1990, para o mesmo conselho de administração, os senhores Sven Eric Gunnar Nilsson; João Carlos Vaz Serra de Moura e Hans Olof Grapenfelt.

— Que, em consequência o conselho de administração, ficou composto pela seguinte forma:

— Lars Albert Ingmar Carlsson — Presidente

— Hans Mikael Koster — Administrador Delegado

— Sven Eric Gunnar Nilsson

— João Carlos Vaz Serra de Moura e,

— Hans Olof Grapenfelt.

— ESTA CONFORME O ORIGINAL, que é a acta número sete, exarada a folhas nove verso do competente livro, onde fiz a devida anotação com a minha rubrica e a data de hoje.

Lisboa, 24.º Cartório Notarial aos 2 de Janeiro de 1990

O 2.º Ajudante  
(Assinatura ilegível)

«DL» 16/1/90

### 15.º JUÍZO CÍVEL DE LISBOA

#### ANÚNCIO

P.º 5957

2.ª SECÇÃO

FAZ SABER QUE, por este Tribunal e 2.ª secção correm EDITOS 30 DIAS, nos autos de ACÇÃO SUMÁRIA, P.º 5957, em que é Autora: — A Companhia de Seguros Império, E.P., com sede na R. Garrett, 56 LISBOA e Ré: — SOCIEDADE DE CONSTRUÇÕES SARRILENSE, LDA, com última sede conhecida em Carril — Domes — Ferreira do Zêzere, CITANDO a mencionada Ré, para no prazo de 10 DIAS, contestar o pedido formulado pela Autora, decorrido o prazo dos editos, que se contará a partir da 2.ª e última publicação do Anúncio, o qual consiste no pagamento à Autora por parte da Ré, na quantia de Esc.: — 291.942\$00, proveniente do não pagamento do prémio de seguro do ramo automóvel titulado pela Apólice n.º 41-794247 referente ao período de 14/3/88 a 26/12/88, no montante de Esc.: — 249.845\$99, acrescida dos juros de mora vencidos à taxa de 15% ao ano até 29/4/89 no montante de Esc.: — 42.097\$00, e ainda ao pagamento dos juros de mora vencidos à taxa legal sobre o capital em dívida de Esc.: — 249.845\$00, custas e demais legal.

Lisboa, 9/1/90.

O Juiz de Direito,  
a) Flávio Joaquim  
Bogalhão do casal

A escrivã-adjunta,  
a) M.ª Manuela A. Sereno

«DL» 16/1/90 — 1.ª Pub

### TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE VILA FRANCA DE XIRA

#### ANÚNCIO

Pr.º 102/79 — 2.ª Secção  
1.º Juízo

FAZ-SE SABER, que pela 2.ª Secção do 1.º Juízo do Tribunal Judicial da Comarca de Vila Franca de Xira, nos autos de execução ordinária n.º 102/79, em que é exequente FASSIO, LDA., e executados CARLOS MANUEL CORREIA DA SILVA CARDOSO, residente na Quinta do Cerrado em Arruda dos Vinhos e outros, há-de ser posto em praça, pela 1.ª vez, neste Tribunal, no dia 1 de Fevereiro de 1990, pelas 14 horas, e pelo valor indicado para pagamento da quantia exequenda no montante de 771 811\$00 e demais custas acrescidas até final, existindo créditos reclamados pela Caixa de Previdência e Abono de Família do Comércio do Distrito de Lisboa, Instituição de Previdência, no montante de 595 041\$00 e pelo Ministério Público no montante de 290 000\$00.

#### BEM A VENDER

O direito e acção à herança que o executado Carlos Manuel Correia da Silva Cardoso, detém por morte de seus pais, Fernando Guerra Cardoso e Maria Inês Falcão de Miranda Correia da Silva Cardoso, pelo valor de 3 000 000\$00.

Vila Franca de Xira, 5 de Janeiro de 1990

A Juiz de Direito

Maria Onélia Vicente Madaleno

O Escrivão Adjunto

José Maria Certalinho Saiguerio

«DL» 16/1/90 — 2.ª Pub.

## ESTA SEMANA

# motor

## SAI AMANHÃ

Problemas técnicos na gráfica onde é produzido obrigaram a atrasar a saída do nosso jornal, que estará assim à venda **amanhã, quarta-feira**, e não hoje como é habitual. Do facto pedimos desculpa aos nossos leitores, embora não nos caiba qualquer responsabilidade pelo sucedido.

## DESPORTO

Manuel de Almeida projecta o seu emblema

# Medalhões do Benfica dão sorte ao Sevilla



O benfiquista Manuel de Almeida acaba de ser protagonista de um curioso caso que a Imprensa desportiva espanhola trouxe a lume e o nosso colega «Record» igualmente refere, nos seguintes termos:

«Manuel de Almeida, o popular Manuel das Tripas, que chegou a ser candidato à presidência do Benfica e é (mesmo) figura simpática para alguns sectores do clube da águia ao peito, dá sorte ao Sevilla, o clube da Andaluzia, que venceu o Barça, no Nou Camp da cidade condal.

«Estava Manuel de Almeida, em Sevilla, na passagem do ano, quando se lembrou de oferecer como «recuerdos»

aos directivos do Sevilla medalhões do Benfica, dizendo-lhes que tal lhes daria sorte para o jogo com o Barcelona.

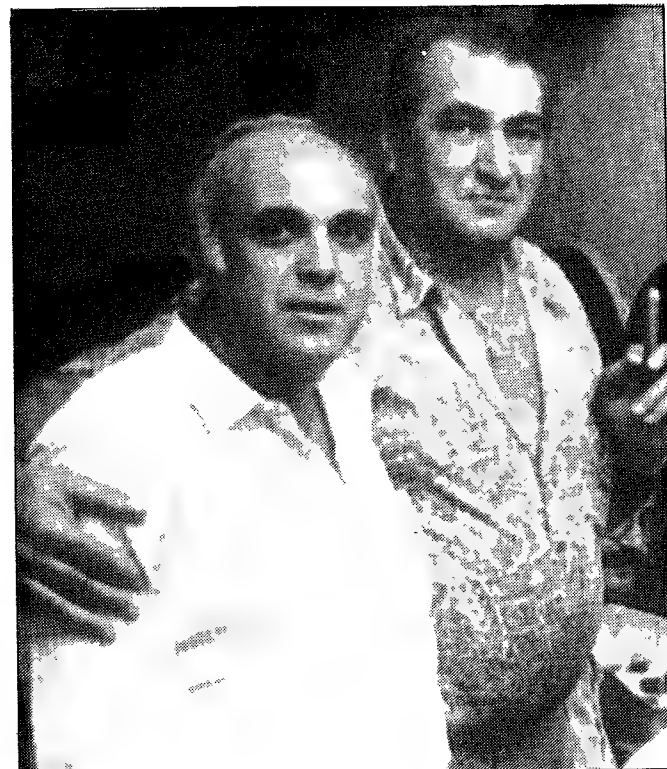
«Depois foi o que se sabe, com os sevilhanos a ganharem aos catalães (e em Barcelona) e os dirigentes andaluzes dizendo que precisam de mais medalhões do Benfica e da presença de 'Manolo' de Almeida para ganharem mais jogos.»

Manuel de Almeida confirmou-nos o episódio, afirmando:

— *Tenho sempre na ideia projectar o Benfica, sem nada pedir em troca. Especialmente, gosto de mandar cunhar medalhas que reflectem os êxitos do meu clube no campo futebolístico: depois,*

*ofereço-as pelo mundo, onde calhe viajar em serviço profissional ou acompanhando o «team» de Eriksson.*

Mostrou-nos alguns desses exemplares, da autoria do escultor português Martino, «um grande portista que também é responsável pela maioria dos medalhões dos 'dragões'. Artista que rubricou (por exemplo) exemplares que reproduzimos e dizem respeito ao triunfo dos futebolistas juvenis do Benfica no Campeonato e na taça da última época (citando os seus comandantes: Nené, José Henrique, Bastos Lopes, Arnaldo Teixeira, Arnaldo Cunha, Rui Oliveira, João Santos e o director Artur



Manuel de Almeida com o dr. Artur Coelho, sportinguista que é grande impulsor do nosso ciclismo. (Foto António Capela)

Monteiro), a vitória no torneio nacional da 1.ª divisão

(1989) e recordando a presença rubra na final uefêira de Estugarda, onde perdeu o título europeu pela magra diferença de uma grande penalidade não cobrada, quando se tinham atingido duas horas de embate com os holandeses do PSV e o marcador estava empatado.

Manuel Amaro de Almeida é beirão: nasceu em Oliveirinha (Viseu) e, com dois anos de idade, veio para Lisboa.

No Benfica (de que é associado n.º 3966) foi guarda-redes de andebol de sete e de onze, para além de praticante de atletismo (campeão principiante no salto com vara). Há cerca de três anos foi candidato à presidência dos encarnados: não concluiu a corrida porque «a pedido de amigos» desistiu a favor da equipa que está na direcção de João Santos, «muito especialmente de Jorge de Brito. O que não quer dizer que, aos 54 anos de idade e ainda com muito tempo pela frente, não possa voltar a candidatar-me se entender que é preciso dar mais uma ajuda ao meu Benfica» — garante o homem «dos medalhões que dão sorte aos futebolistas», como afirma Manuel de Almeida.



«Manuel das tripas» entregando ao árbitro Alder Dante uma escultura com a águia do seu clube, na homenagem agora prestada ao juiz de futebol que deixa os relvados. (Foto de Miguel/Estúdio Grandela Aires)

## Luz: para a frente é o caminho



Continua imparável o poderio atacante do Benfica, com o comandante Magnusson a liderar a lista dos goleadores. Perante um animoso Estrela da Amadora, houve especial saliência para os decididos alívios de José Carlos, as incursões de Thern e os raides de Pacheco, três dos nomes fixos na turma que Eriksson colocou em várias frentes: Campeonato Nacional, Taça de Portugal e Taça dos Campeões Europeus. Grupo de luxo com muita ambição

## Ciclismo

## Sicasal aposta na evolução

A equipa de ciclismo da Sicasal dispõe este ano de um moderno centro de estágio na Chapuceira (Torres Vedras), onde os seus atletas terão condições até agora inéditas e inovadoras ao nível da modalidade em Portugal.

Este centro de estágio está ainda em fase de acabamento, mas a zona onde passam a «residir» os ciclistas está já concluída e ocupada por 14 dos 15 corredores que, este ano, vão integrar a equipa, além do técnico Orlando Alexandre e dos mecânicos. O centro, que poderá ter uma grande influência na desejada evolução do ciclismo português, foi instalado numa quinta de 40 hectares, adquirida há cinco anos, por Álvaro Santos Silva e onde funcionou em tempos a Adega Regional da Sociedade Vinícola da Chapuceira.

Os ciclistas têm à sua disposição um moderno ginásio, equipado com vários apare-

lhos e com sauna, posto médico e sala de hidromassagens, com um tanque próprio, que será o segundo ou terceiro existente no País, orçado em cerca de 1500 contos e vindo propositadamente dos Estados Unidos.

No capítulo do lazer, os ciclistas dispõem de uma sala com televisão (que será em breve equipada com antena parabólica) e vídeo, sala de jogos de mesa e sala de bilhar.

O treinador da equipa, Orlando Alexandre, chamou a si a responsabilidade da alimentação dos seus pupilos, e é ele que decide o tipo de alimentação a ingerir a cada refeição pelos ciclistas, que «inauguraram» esta semana a cozinha do centro de estágio.

Nesta fase de preparação de início de temporada, os 14 ciclistas (falta apenas o brasileiro Cassio Freitas) efectuam treinos diários de segunda a sexta-feira, e se o desejarem vão a casa no fim-de-semana,

dispondo de uma viatura fornecida pela equipa para o transporte. Criámos este centro de estágio para proporcionar as condições que julgamos necessárias para que os atletas desenvolvam a sua actividade na perspectiva da evolução, pois somos de opinião ter chegado a altura de fazer alguma coisa com vista ao futuro, disse Álvaro Santos Silva, da Sicasal.

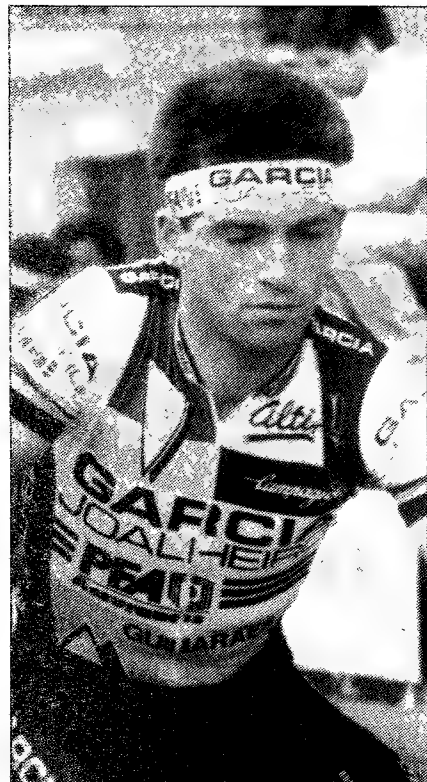
A Sicasal poderá proporcionar estágio a outras equipas, «eventualmente em regime de permuta», mas o ciclista português Acácio da Silva, da Carrera de Itália, vai estagiar ainda este mês em Torres Vedras, com os pupilos de Orlando Alexandre.

Quanto ao orçamento da equipa para esta época, poderá ascender a 60 ou 70 mil contos, contando com a campanha publicitária, e incluindo a deslocação a Espanha.

A equipa que irá ter a designação de Sicasal/Acral em

Portugal e Campocarne/Sicasal em Espanha, será constituída pelos seguintes elementos: Técnico: Orlando Alexandre; massagistas: Amorim e outro a designar; mecânicos: Hilário Izidoro e João Paulo; directores desportivos: Francisco Morais e António Carlos; Ciclistas: Joaquim Gomes, Jorge Silva, António Pinto, Fernando Fernandes, Joaquim Andrade, Rui Vitorino, José Poeira, António C. Araújo e António P. Araújo, que continuaram da época anterior, Cassio Freitas (ex-Pirelli, Brasil), Serafim Vieira (ex-Louletano), Manuel Correia (ex-Ruquita/Feirense), Manuel Abreu (ex-Garcia Joalheiro), Fernando Mota (ex-Vigor/Lousa) e Carlos Araújo (Angola).

A temporada inicia-se no Algarve a 11 de fevereiro, com a prova de abertura para profissionais.



Cassio Freitas, Serafim Vieira e Manuel Abreu: mais três reforços para a equipa de Torres Vedras

## Alvalade: «clássico» mantém tradição



Completaram-se 35 anos sobre a última vitória do Belenenses em casa do Sporting: ainda não foi desta que, mesmo com toda a sua artilharia, o «sherife» brasileiro Moisés conseguiu vergar Ivkovic e seus pares. Nas imagens: Carlos Xavier em corte e depois na ultrapassagem a Macaê (sob os olhares de Jaime e Cadete) e, finalmente, a bola escapando-se a Gomes e Mihaylov, com o defesa Edmundo à espera do brinde. (fotos António Capela)

## B R E V E S



## Sporting vai aos «states»

Manuel Gaspar: o antigo guarda-redes benfiquista, de há 28 anos a esta parte director dos programas portugueses do «Channel 13 Television Inc. W13 BF» (em Hartford, Estados Unidos da América do Norte), está agora no nosso país, captando imagens para produções artísticas e desportivas, a incluir (especialmente) na rubrica «Hora da saudade». Na série de entrevistas que está efectuando, Manuel Gaspar incluiu uma conversa com o presidente sportinguista Sousa Cintra, que se dirige aos núcleos leoninos espalhados pelos «states», prometendo próxima visita do «team» principal de Alvalade.

## Amora em hora amarga

Depois do «reinado» dos irmãos Paixão, em que o Amora Futebol Clube esteve no galarim futebolístico e alargava a sua força a outras disciplinas desportivas, o mau momento tem sido prolongado por sucessivos golpes. Agora mesmo é o Tribunal Judicial do Seixal que, em sequência de uma execução ordinária solicitada pela Urbiterras, coloca em praça o imóvel da colectividade na Quinta da Vinha Grande, em leilão público que terá lugar a 25 do corrente. Qualquer licitação acima dos mil contos já conta como proposta para delapidação do património amorense.

## Futebol de cinco saiu do salão?

Está incendiado o ambiente no futebol de salão. Chega-nos às mãos uma carta de Salvador Santos que transcrevemos:

Declarei-me indisponível para continuar a exercer as funções de responsável pelo gabinete de Imprensa da Federação Portuguesa de Futebol de Salão, enquanto não for apurada toda a verdade sobre o processo que determinou a substituição do treinador José Louçã por João Mendes, no cargo de seleccionador nacional de futebol de salão.

Aquele processo, desencadeado e de certo modo, liderado pela Associação de Futebol de Salão de Lisboa, apresenta indícios de ter sido movido por obscuros interesses pessoais e outros, que não se coadunam com a minha forma de estar no desporto e na vida.

Bibliografia desportiva

«Lusitano Desportivo»

Verdade: trata-se do quinzenário que, em língua portuguesa, é a única publicação que (risonhamente) aborda o fenómeno futebolístico desmistificando-o e escamoteando-lhe o tom de empolamento que normalmente é conferido pelos jornais da especialidade, ao (errada e pouco aceitavelmente) citarem que «o clube xis joga contra o y», que se trata de «um encontro de vida ou de morte, que é preciso ganhar a qualquer preço», estas e outras expressões que moram na base do moderno comportamento das outrora simpáticas e aplaudidas claques de diversos emblemas. Nas páginas do sadio e escorreito «Lusitano Desportivo», João Leite e seus chefiados vão dando notável exemplo, retirando a máscara de ídolos, reduzindo à normal expressão um simples e puro espectáculo de futebol. Eduardo Saraiva, João Diogo, Tito Nascimento e outros criadores de novo estilo analítico para o desporto merecem

parabéns. E todo o incentivo. Força, moçada!

«Élan»

A halterofilista Sara Duarte, declarações (risíveis) proferidas ante as câmaras da TV ou aos microfones radiofónicos, por gente ligada ao desporto, Duarte Cancellia de Abreu escrevendo sobre automobilismo, uma reportagem de Rui Oliveira focando o basquetbol norte-americano; alguns dos temas que se entrelaçam com a costumada focagem das belas cá do sítio e de tudo o que vai ocorrendo quando a noite é rainha, ganhando sucessiva força na revista «Élan», já no 4.º ano de publicação, sempre tendo ao leme o jornalista Alexandre Pais, que começou nestas lídes aqui, no «DL».

«Vela Magazine»

A revista patrocinada pela Federação Portuguesa de Vela, dirigida por José António Penaforte e Costa, lança o 2.º número, logicamente que tentando dar o mais amplo noticiário sobre tudo quanto se relaciona com os desportos náuticos.

Modalidades em desfile

Trezentos nadaram no Areeiro

Com a participação de 302 nadadores, em representação de 17 clubes, realizou-se, nas piscinas do Areeiro, o IV Torneio Sporting-Golden Cup, num total de 55 provas. O Sporting Clube de Portugal e o Sport Algés e Dafundo, foram os emblemas que apresentaram maiores «contingentes» de «golfinhos» estando presentes, respectivamente, 77 pelos «leões» e 33 pelo SAD.

Não se registou, durante os dois dias de competição, a queda de qualquer recorde nacional, facto que se ficará a dever ao carácter exibicional do torneio, cabendo os melhores resultados individuais a Natacha de Sousa (FC Porto), Joana Vitoriano (Escolas de Viana), Virgília Gomes (FC Porto), Petra Chaves (SAD), Artur Costa (SCP), Carlos Alegria (Braga), Tiago Teles e João Goias (SAD) e Gustavo Reis (SCP).

Colectivamente, triunfou o Sporting (261 pontos)

seguindo-se o Sport Algés e Dafundo (205) e o FC Porto (157).

Halterofilismo

A atleta Sara Duarte estabeleceu novos recordes nacionais na categoria de 52 quilos, ao levantar 60 quilos no arranço e 72,5 no arremesso. Os anteriores «máximos» estavam fixados em 57,5 e 70,5, respectivamente. Com estas marcas, a atleta do Luso do Barreiro superou os actuais máximos europeus, embora os resultados não possam ser homologados, uma vez que a Federação Internacional só reconhece recordes obtidos em campeonatos europeus, mundiais e Jogos Olímpicos.

Fórmula Um

O diferendo que opõe a FISA-Federação Internacional do Desporto Automóvel ao piloto Ayrton Senna, já foi analisado por membros governamentais brasileiros, tendo o ministro da Justiça, Saulo

Ramos, expressado formalmente a sua contestação à atitude de Ballestre (presidente da FISA) em pretender retirar a licença internacional ao ex-campeão mundial. Saulo Santos mostrou, igualmente, a firme disposição do governo brasileiro de não tolerar sanções que atentem com os direitos constitucionais dos seus cidadãos e, se Senna for impedido de participar no campeonato mundial, não haverá Grande Prémio no Brasil.

«Chicotadas»

O Malines, actual campeão belga de futebol, rescindiu contrato com o técnico holandês Ruud Krol, devido aos maus resultados averbados na

temporada em curso. Entretanto, o brasileiro Zagalo foi afastado da liderança da selecção dos Emiratos Árabes Unidos, sendo substituído pelo polaco Bernard Blaut que, presentemente, se encontrava ao serviço do Sharjad, líder do campeonato dos EAU.

Maradona

O futebolista argentino Diego Maradona foi multado pela Federação Italiana de Futebol, com a quantia de 10 milhões de liras (cerca de 1200 contos) devido às suas críticas ao sorteio do Mundial-90. Recorde-se que Maradona afirmara então que o sorteio «foi uma farsa» e feito «com as cartas descobertas».

**CANOAGEM:** a selecção nacional partiu para Israel onde fará um estágio até ao dia 30 do corrente. A comitiva, sob a direcção técnica do treinador Zdzislaw Szubski é formada por José Garcia (Vila do Conde Kayak Clube), Adelaide Viana (V CKC), António Brinco (Recreio Desportivo de Águeda), António Monteiro (ADA), António Brito (Clube Náutico de Prado), Rui Fernandes (CNP), Joaquim Queirós (Associação Desportiva de Amarante), José A. Ferreira (ADA) e Belmiro Penetra (Clube Náutico de FAO).

Antas: tudo como dantes

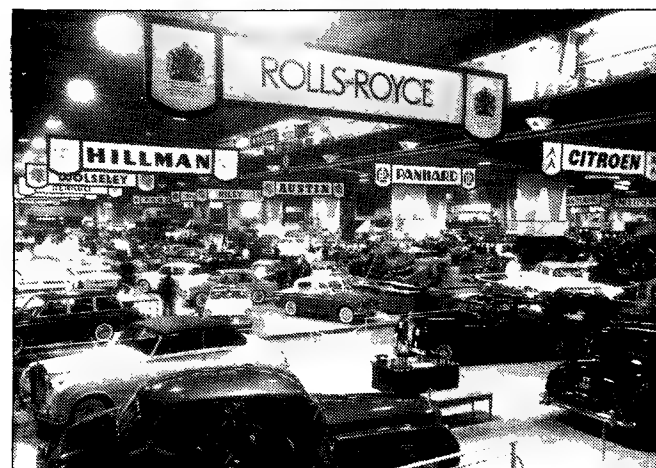


Porto e Vitória de Guimarães já se defrontaram por 45 vezes no recinto dos portistas, com a curiosidade de apenas por duas o triunfo ter pertencido aos minhotos. Quanto a goleadas, o «dez-zero» sucedeu em 1944 e 1954. No passado domingo, tudo ficou como dantes, uma vez que o jogo terminou com o «nulo» a um tento. Nas imagens: Branco em luta com Soeiro, N'Dinga e Nando; René e Branco em despique e Neno a executar mais uma defesa. (Fotos de Bruno Neves)

Sport - Society

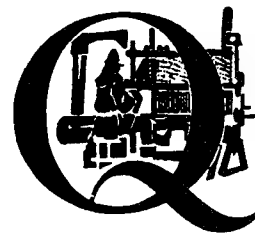
Salão Automóvel de Bruxelas

A Toyota Motor Corporation proporciona aos jornalistas, às 11 e 45 da próxima 5.ª-feira, no Stand Toyota lisboeta (Prior Velho, Sacavém) uma apresentação especial dos produtos que serão exibidos no Salão Automóvel de Bruxelas. O acto terá interferência do eng. Sorimachi (chefe de Produto da Divisão de Planeamento) e do eng. Silva Santos (director da Divisão Toyota 1).



CASA

1880



QUINTÃO

1990

SALDA

Por motivo de balanço de 15 a 31 Janeiro  
Enorme colecção de tecidos para decoração

TAPETES

Rua Serpa Pinto, 12-A

Rua Ivens, 30  
Tel. 346 58 37

AGENDA

O ESTADO DO TEMPO

HOJE CONTINENTE

Regiões do Norte: - céu geralmente pouco nublado. Vento fraco e neblina ou nevoeiro durante a manhã.  
Regiões do Centro e Sul: - céu geralmente limpo e vento fraco, soprando por vezes moderado no Algarve.  
Mar de pequena vaga a cavado com ondulação Noroeste de 2 metros na Costa Ocidental e com ondulação de Sueste de 1 metro na Costa Sul.

MADEIRA

Céu geralmente pouco nublado. Vento Nordeste moderado. Mar cavado com ondulação Noroeste de 2 metros na Costa Norte e de pequena vaga com ondulação Sueste de 1 metro na Costa Sul.  
Amanhã: - céu com períodos de muito nublado e vento Nordeste moderado.  
Depois de amanhã: - céu com períodos de muito nublado e vento Nordeste moderado.

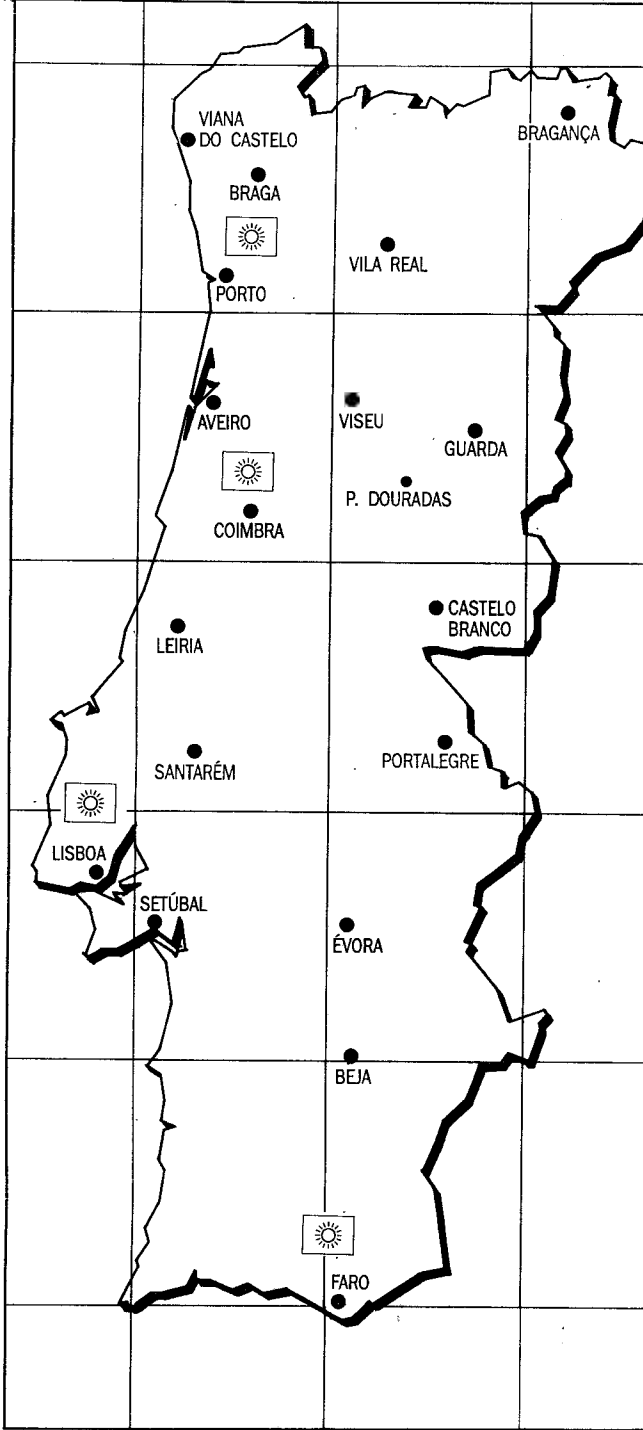
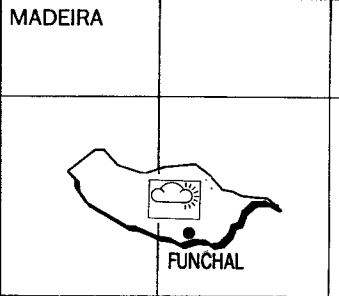
AÇORES

Em todo o território: - céu muito nublado a encoberto com boas abertas a partir da manhã. Vento Sudoeste moderado rodando para Noroeste a partir da manhã. Períodos de chuva passando a aguaceiros.  
Mar cavado com ondulação Noroeste de 3 a 4 metros.  
Amanhã: - céu muito nublado e vento Sueste fraco a moderado. Aguaceiros fracos.  
Depois de amanhã: - céu muito nublado a encoberto. Vento Sueste moderado, por vezes forte no Grupo Ocidental. Períodos de chuva nos grupos Ocidental e Central a partir da tarde.

AMANHÃ

No Continente: - céu limpo ou pouco nublado. Vento fraco soprando moderado de Leste no Algarve. Acentuado arrefecimento nocturno, com formação de geada nos locais abrigados do interior. Ocorrência de nevoeiros matinais no Norte e Centro.

Depois  
No continente: - céu limpo ou pouco nublado. Vento fraco soprando moderado de Leste no Algarve. Acentuado arrefecimento nocturno com formação de geada nos locais abrigados do interior. Ocorrência de nevoeiros matinais no Norte e Centro. \*



PORTUGAL

|                   | Min. | T. 6 h | Às 18 h.  |
|-------------------|------|--------|-----------|
| Bragança.....     | 0    | 0      | Nevoeiro  |
| V. Castelo.....   | 4    | 4      | Limpo     |
| Vila Real.....    | 1    | 3      | Neblina   |
| Porto.....        | 6    | 7      | Limpo     |
| P. Douradas.....  | -    | -      | -         |
| Coimbra.....      | 6    | 6      | Limpo     |
| C. Carvoeiro..... | 9    | 9      | Limpo     |
| C. Branco.....    | 3    | 4      | P. nub.   |
| Portalegre.....   | 7    | 7      | Limpo     |
| Lisboa.....       | 7    | 7      | Limpo     |
| Évora.....        | 6    | 6      | Limpo     |
| Beja.....         | 5    | 5      | Limpo     |
| Faro.....         | 8    | 9      | Limpo     |
| Sagres.....       | 6    | 9      | P. nub.   |
| P. Delgada.....   | 14   | 15     | Encoberto |
| Horta.....        | 15   | 15     | Encoberto |
| Funchal.....      | 15   | 15     | P. nub.   |
| Sines.....        | -    | -      | -         |

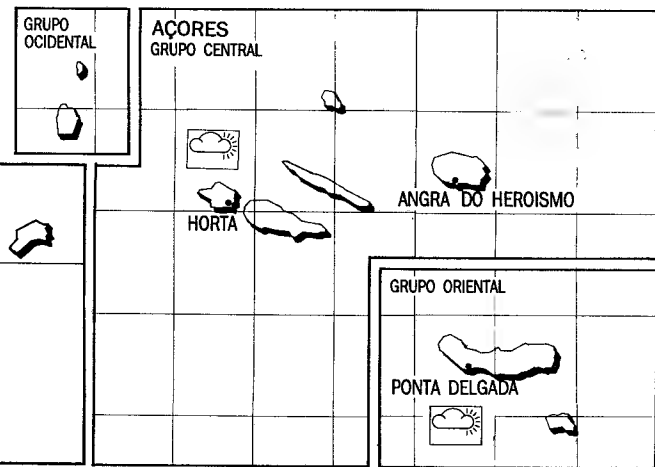
Tem. máx. prevista para hoje: Lisboa, 15; Porto, 15; Faro, 17; P. Delgada, 17; Funchal, 19.

EUROPA

|                | Min. | T. 6 h | Às 18 h.  |
|----------------|------|--------|-----------|
| Madrid.....    | -1   | -1     | Limpo     |
| Londres.....   | 11   | 11     | M. nub.   |
| Paris.....     | 8    | 9      | Chuvisco  |
| Bruxelas.....  | 8    | 10     | Chuvisco  |
| Amsterdão..... | 10   | 11     | Encoberto |
| Genebra.....   | -1   | 0      | M. nub.   |
| Roma.....      | -2   | 0      | Neblina   |
| Oslo.....      | -1   | -1     | P. nub.   |
| Copenhaga..... | 6    | 10     | Chuva     |
| Estocolmo..... | 3    | 3      | M. nub.   |
| Berlim.....    | 5    | 9      | Chuva     |
| Viena.....     | -8   | -6     | Neblina   |
| Varsóvia.....  | 2    | 4      | Chuva     |
| Atenas.....    | 4    | 6      | P. nub.   |
| Moscovo.....   | -15  | -11    | Neve      |

MUNDO

|                   | Min. | Máx. | Às 13 h.   |
|-------------------|------|------|------------|
| Chicago.....      | 2    | 8    | P. nub.    |
| Houston.....      | 16   | 22   | Aguaceiros |
| Los Angeles.....  | 7    | 18   | P. nub.    |
| Montreal.....     | -6   | -4   | Limpo      |
| Nova Iorque.....  | 3    | 11   | Limpo      |
| S. Francisco..... | 6    | 12   | Aguaceiros |
| Toronto.....      | -2   | 5    | Limpo      |
| Vancouver.....    | 2    | 6    | Chuva      |
| Washington.....   | 3    | 14   | Limpo      |
| Hong Kong.....    | 13   | 18   | Chuva      |
| Melbourne.....    | 13   | 22   | Aguaceiros |
| Pequim.....       | -8   | 0    | Limpo      |
| Perth.....        | 21   | 35   | Limpo      |
| Singapura.....    | 24   | 29   | Trovoada   |
| Sydney.....       | 18   | 24   | Aguaceiros |
| Tóquio.....       | 0    | 3    | Chuva      |
| Wellington.....   | 10   | 15   | Chuva      |

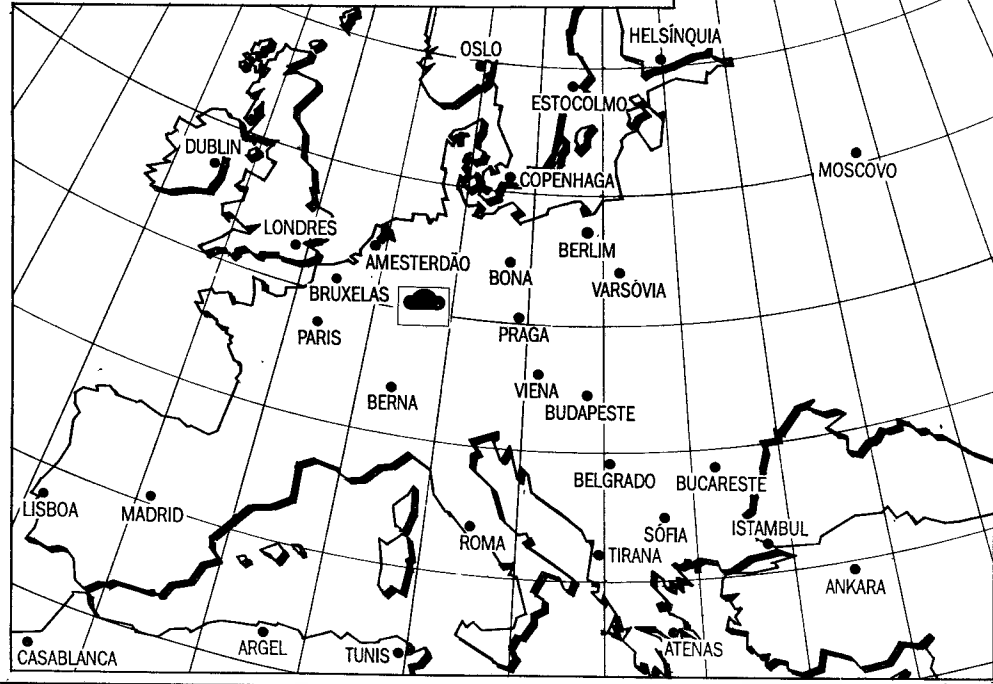


- Céu limpo
- Céu pouco nublado
- Céu muito nublado
- Chuva
- Trovoada
- Neve
- Vento
- Mar calmo
- Mar encrespado

MARÉS

| Hoje   | PREIA-MAR | BAIXA-MAR  |
|--------|-----------|------------|
| 06.18  | 3,6m      |            |
| 18.39  | 3,3m      | 12.01 1,1m |
| Amanhã |           |            |
| 06.55  | 3,4m      | 00.08 1,2m |
| 19.19  | 3,2m      | 12.40 1,3m |

\* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica



HÁ 20 ANOS



Clima de guerra na China

Os habitantes da maior parte das grandes cidades chinesas parecem estar convencidos da iminência de uma guerra com a União Soviética - julga-se em Hong-Kong a luz das notícias de numerosos viajantes que chegam de Cantão, Xangai e de outras cidades do litoral da China. Segundo estes viajantes, há abrigos antiaéreos em construção por toda a parte, enquanto outros são edificados nas zonas proibidas, na previsão de um ataque nuclear eventual. Hinos militares são transmitidos pela rádio e cantados nos locais de trabalho nos intervalos para descanso. Toda a produção foi praticamente posta em pé de guerra.

Nigéria: primeiro dia de paz

A Nigéria tem hoje o seu primeiro dia completo de paz normal desde o fim da guerra civil, mas continuará o estado de excepção, entrado em vigor em Maio de 1967. O Biafra perdeu toda a veleidade de independência - confirmam comentadores políticos.

Quarentena

O paquete britânico «Orosay», a caminho da Austrália, com mil passageiros, foi posto de quarentena no porto de Vancouver, depois da descoberta de vários casos de febre tifóide. Seis tripulantes, atacados pela doença, tiveram de ser desembarcados.

EFEMÉRIDES

- 1831 • Morre, em Richmond, EUA, Pedro Francisco, herói português da guerra da independência dos Estados Unidos.
- 1920 • Nos EUA, tem início a lei seca, proibindo o consumo de bebidas alcoólicas.
- 1957 • Morre, em Nova Iorque, o maestro italiano Artur Toscanini.
- 1973 • Os EUA e o Vietnã do Sul declaram o cessar-fogo para a concretização de um pacto de paz definitivo com o Vietnã do Norte.
- 1979 • Ao cabo de quase quatro décadas no poder, o Xá do Irão, Reza Pahlevi, é forçado a abandonar o país depois de meses de conflitos e da implantação de um governo civil.
- 1986 • O diplomata sueco Olof Wallenberg, que salvou milhares de judeus dos campos de extermínio nazis, no decurso do segundo conflito mundial, é considerado cidadão honorário de Israel, o primeiro estrangeiro a receber tal distinção.
- 1987 • Demite-se o líder do Partido Comunista Chinês, Hu Yaobang, sendo substituído por Zhao Ziyang, 69 anos.
- 1988 • O primeiro-ministro francês, Jacques Chirac, anuncia formalmente a sua candidatura às eleições presidenciais.

## AGENDA

FARMÁCIAS  
LISBOA  
PERMANENTE

**Alvalade:** Zil, Av. da Igreja, 9-D, Tel. 891780; **Bairro Alto:** Azevedo Irmão & Veiga, Rua da Misericórdia, 24, Tel. 323540; **Sapadores:** Zema, Rua General Justiniano Padrel, 21-A, Tel. 832580; **Benfica-Cemitério:** Simões, Calçada do Tojal, 102-A, Tel. 3462350; **Calvário - Alcântara:** Calvário, Rua José Dias Coelho, 4, Tel. 3631635; **Campo Ourique - Prazeres:** Ourique, Rua Freitas Gazul, 32-B, Tel. 671667; **Campolide:** Central Campolide, Rua General Taborda, 17, Tel. 680304; **Estefânia:** Estefânia, Rua Pascoal de Melo, 90, Tel. 544438; **Lumiar:** Patuleia, Alameda Linhas de Torres, 262-B, Tel. 7590332; **Marquês Pombal - Picoas:** Correia Almeida, Av. Fontes Pereira de Melo, 21, B-C, Tel. 547385; **Olivais Sul:** Marta, Rua Cidade Nampula - Ed. Paris, Lote 534, Tel. 333696; **Picheleira:** Marluz, Calçada da Picheleira, 140, B-C, Rua Prof. Mira Fernandes, MAF, Tel. 880703; **Moscavide:** Varela, Av. Moscavide, 44-B, Tel. 2518520; **Odivelas:** Monserrate, Rua Guilherme Gomes Fernandes, 31-A, Tel. 9811139; **Pontinha:** Leitão Ribeiro, Rua A do Falcão, 3-A, Tel. 993912.

## REFORÇO

**Almirante Gago Coutinho:** Estados Unidos, Av. Estados Unidos da América, 16-B, Tel. 885859; **Prolongamento Rua M.ª Andrade:** Renascença, Rua Damasceno Monteiro, 104, A-B (Anjos), Tel. 831504; **Avenidas Novas:** Figueiras, Av. Marquês de Tomar, 20-22, Tel. 560223; **Encarnação:** Zira, Praça das Casas Novas,

5-A, Tel. 311216; **Hospital Capuchos:** Capuchos, Rua Luciano Cordeiro, 2-A, Tel. 572076; **Mercado do Araújo:** Alcalis, Rua Carvalho Araújo, 46-B, Tel. 8141708; **Penha de França:** Dimar, Rua Conde Monsarraz, 17-B, Tel. 8142533; **Rato:** Soares, Av. Álvares Cabral, 1, Tel. 684282; **Restelo - Av. Vasco Gama - Algés:** Ocidental, Rua D. Jerónimo Osório, 18-D, Tel. 610256; **Santos:** S. A. E. Silva Filhos, Rua São João da Mata, 72-74, Tel. 661010; **São Domingos Benfica:** Vitex, Estrada de Benfica, 373-B, Tel. 780548; **Olival Basto:** Nova, Rua Açores, 11-A.

LINHA  
DE CASCAIS

**Algés:** Miramar, R. Ernesto Silva, 83, Tel. 2112048. **Permanente;** **Linda-a-Velha:** Pinto, R. Antero Quental, 9, Tel. 4190610. **Permanente;** **Tires:** Guimarães, L. Duarte, Lote A - r/c, Tel. 2441616. **Até às 22 h;** **Alcabideche:** Carvalho, B.ª Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. **Até às 22 h;** **Porto Salvo:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. **Até às 22 h;** **Carcavelos:** Vilar, Av. M.ª Conceição, Lote B, Tel. 2470777; **S. Dom. Rana:** Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. **Até às 22 h;** **Malveira da Serra:** Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. **Até às 22 h;** **Oeiras:** Central, R. Conde Ferreira, 29, Tel. 4430058. **Permanente;** **Parede:** Guincho, Av. da

República, 87-A, Tel. 2471204. **Permanente;** **Murtal:** Primavera, R. das Parreiras, 2, Tel. 2472278; **Sassoeiros:** Amaral, Quinta das Encostas, Tel. 2461312. **Até às 22 h;** **Birre:** Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; **Madorna:** Madeira, Rua A, Tel. 2476326. **Até às 22 h;** **Madorna:** Aragão. **Até às 22 h;** **Amoreira:** Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. **Até às 22 h;** **Monte Estoril:** Ostende, R. Espinho, 1, Tel. 260391. **Até às 22 h;** **Cascais:** A. Costa, R. Freitas Reis, 24-C, Tel. 280214. **Permanente.**

LINHA  
DE SINTRA

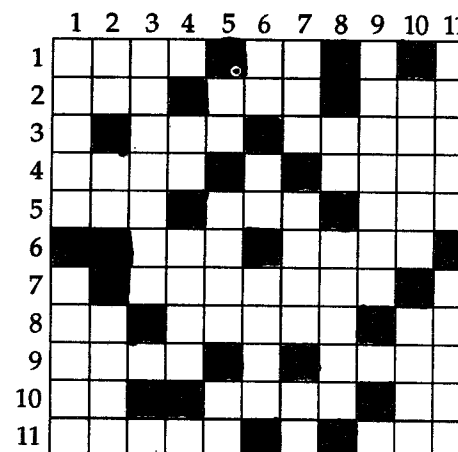
**Amadora:** Nova, R. Elias Garcia, 10 - V. Nova, Tel. 4742530. **Permanente;** **Brito,** R. 25 Abril, Lote 32-B - Brandoa, Tel. 4741251. **Até às 22 h;** **Cavaca,** R. Elias Garcia, 209, Tel. 4930019. **Até às 22 h;** **Damaia:** Confiança, R. Bartolomeu Dias, Lt. D, Tel. 971023. **Permanente;** **Queluz:** Simões Lopes, A. Elias Garcia, 51, Tel. 4350123. **Até às 22 h;** **Albergaria,** L. Prof. Dr. Jorge Mineiro, 42 - Queluz Baixo, Tel. 4356487. **Permanente;** **Cacém:** Guerra Rico, Av. Bombeiros Voluntários, Tel. 9244002. **Permanente;** **Mem Martins:** Cristina, Av. Vitorino Nemésio, 14-17, Tel. 9214829. **Até às 22 h;** **Mercês:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. **Até às 22 h;** **Rio de Mouro:** Dumas Broune, Calçada Rinchoa, 2, Tel. 9260404. **Até às 22 h;** **Sintra:** Teresa Garcia, L. D.

Afonso, 3-A, Pendoa, Tel. 9232747. **Permanente;** **Colares:** Abreja, Tel. 9290088.

OUTRA  
BANDA

**Almada:** Galeno, R. Capitão Leitão, 85-B, Tel. 2760565. **Permanente;** **Cova da Piedade:** Cerqueira, L. 5 de Outubro, 18, Tel. 2750254. **Permanente;** **Monte de Caparica:** Guerreiro, Lote 31, I.J. Moinho, Tel. 2950727. **Até às 19 h;** **Costa de Caparica:** Carlos, Av. do Mar, 34-A, Tel. 2901060. **Até às 19 h;** **Laranjeiro:** Feijó, R. Borges Rego, 7, Feijó, Tel. 2290911. **Até às 22 h;** **Sesimbra:** Lopes, R. Cândido Reis, 21, Tel. 2233028. **Até às 19 h;** **Lavradio:** Parreira, R. D. Silva Cristino, 15-A, Tel. 2042016. **Até às 19 h;** **Barreiro:** Mascarenhas Neto, R. D. Francisco Azambuja, Tel. 2074446. **Permanente;** **Baixa da Banheira:** Teixeira, R. Moçambique, 84-B, Tel. 2040946. **Até às 19 h;** **Corroios:** Universo, Estrada Nacional, 10, Tel. 2535484. **Até às 19 h;** **Amora:** Duarte Ramos, R. Bajatá, 11, Loja 30, Centro C. Belsul, Cruz de Pau, Tel. 2243143. **Permanente;** **Seixal:** Lusitana, P. Cândido dos Reis, 10 - Arrentela, Tel. 2210007. **Até às 22 h;** **Montijo:** Diogo Marques, R. Almirante Reis, 50, Tel. 2310032. **Até às 22 h;** **Moita:** Ass. Soc. Mutúas - União Moitense, Av. Dr. Teófilo Braga, Tel. 2390025. **Até às 19 h;** **Alhos Vedros:** Portugal, Av. Bela Rosa, 8, Tel. 2040250. **Até às 19 h;** **Alcochete:** Nunes, L. Cor. Ramos Costa, 10, Tel. 2340137. **Até às 19 h;** **Setúbal:** Leão Soromenho, R. Machado Santos, 24, Tel. 22691. **Permanente;** **Marques,** R. Arrouches Junqueira, 109, Tel. 22783. **Permanente;** **Fuzeta,** Av. Bela Vista, BIE, 1-C, Tel. 72747. **Até às 22 h.**

## PALAVRAS CRUZADAS



PROBLEMA N.º 17837

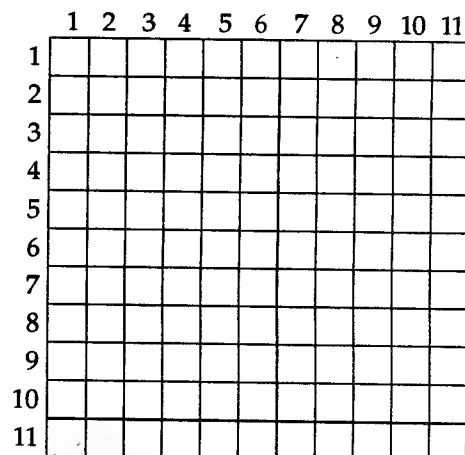
## HORIZONTAIS:

1 - Aquele que. Nosso Senhor.  
2 - Cidade da Alemanha. Tempo do verbo ir. Recusa.  
3 - Desgasta por fricção. Poeta francês que publicou versos líricos, dramas em verso e obras em prosa.  
4 - Sai frequentemente à rua. Costumar.  
5 - Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Anadia. Romeiro de Meca. Filha de Labão.  
6 - Interjeição com que se indica a explosão de um tiro. Nome de homem.  
7 - Teimar.  
8 - Oníio (s.q.). Que dura um ano. Duzentos em romano.  
9 - Tragédia de Shakespeare. Cordeiro.  
10 - Pronome pessoal. Acordo Geral sobre Tarifas e Comércio (sigla inglesa). Caminhar.  
11 - Cidade da Suíça. Organismo.  
Resolva completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

zação de Alimentação e Agricultura (sigla inglesa).

## VERTICAIS:

1 - Tenciono. Retrocede.  
2 - Freguesia do concelho de Oliveira de Azeméis. Interjeição de dor. Vila e sede de concelho (Guarda).  
3 - Reduz a pasta.  
4 - Interjeição. Joeirar.  
5 - Li. Assim seja. Árvore da Serra Leoa.  
6 - Ema. Hectograma. Cidade do Estado do Espírito Santo.  
7 - Consentimento. Uma das mais antigas divindades da Índia deus da justiça e da Morte. Tungsténio (s.q.).  
8 - Cidade checoslovaca da Boémia ocidental. Cidade do Aname meridional.  
9 - Unidade monetária de Angola.  
10 - Limpo metais. Faz chiada.  
11 - Magoara. Provoco com tentações.



PROBLEMA N.º 16647

## HORIZONTAIS:

1 - Apelido. Azáfama.  
2 - Regras. Acolá.  
3 - Nota musical. Imorreioiro.  
4 - Arara. Anel.  
5 - Irmã. Ave pernalta. Amónio (s.q.).  
6 - Dispersara.  
7 - Casta. Lavar.  
8 - Artigo definido (ant). Reis. Magnete natural.  
9 - Santuário (pl). Espera re-sposta.  
10 - Aeroplano. Apologia.  
11 - Vais para fora. Mastiga sem engolir.

## VERTICAIS:

1 - Içam. Pessoas cruéis (fig).  
2 - Cidade da Roménia. Magote.  
3 - Alumínio (s.q.). Cincho. Cento e dois em romano.  
4 - Monarca. Guarnecerias de asas.  
5 - Versejo. Enfarrusco.  
6 - Sufixo que designa abundância. Época.  
7 - Ramalhete. Sova.  
8 - Trava luta com. Solitários.  
9 - Grande cão de fila. Apelido. Antes de Cristo.  
10 - Bólis. Fio de latão.  
11 - Antes do meio-dia. Poisara no mar (o avião).

## SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 17836

HORIZONTAIS: 1 - O. BURRO. E. A. 2 - Vairão. Paçô. 3 - Batuta. 4 - Rei. Aprumar. 5 - La. Sais. Vê. 6 - Man. Gó. Sam. 7 - Uro. Messe. 8 - Lã. An. Qs. 9 - Tansa. Cu. 10 - Emaça. Pales. 11 - Rela. Ateira. VERTICAIS: 1 - Ovar. MULHER. 2 - A. Elara. Me. 3 - Bibiano. Tal. 4 - Ura. Eca. 5 - Ratas. Maná. 6 - Roupagens. 7 - Trios. Apt. 8 - PAUS. SE. 9 - Ea. Sé. CL. 10 - Crava. QUER. 11 - Ao. Remas. Sa.

## SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16646

HORIZONTAIS: 1 - Meladura. JC. 2 - Ocara. arpão. 3 - Som. Irar. 4 - Lesma. Vê. 5 - Aas. Agues. 6 - Avis. Aatá. 7 - -Ua. Crr. 8 - Mofatrão. In. 9 - Olas. Urró. 10 - Gostais. Ias. 11 - Iu. Arrreda. VERTICAIS: 1 - Moélia. Mógi. 2 - EO. Violou. 3 - Lassai. Fãs. 4 - Aromas. Asta! 5 - Damas. Ut. Ar. 6 - Partir. 7 - Raiva. Sé. 8 - Arregaçou. 9 - Pá. Rau. Ria. 10 - Jarreteira. 11 - Co. Sarnoso.

PROVÉRBIO: O BURRO E A MULHER A PAUS SE QUER.

MÉDICO  
DE  
URGÊNCIA766171  
766178  
766179

## RÁDIO

## ANTENA 1

**Desdobramento em Onda Média - Emissores do Litoral - e 99.4 em FM Zona de Lisboa**

**15.00:** Contraste; **17.00:** Antena 1 - Regiões; **17.15:** Porto d'Abriço

**Onda Média e FM Estéreo**

**17.00:** Sete Mares; **19.00:** Música; **20.00:** No Estúdio e no Estádio. (2.ª edição); **20.15:** Musical; **20.30:** A Voz da Solidariedade - Programa da Embaixada de Cabo Verde; **21.00:** Música Portuguesa; **21.30:** Imaginário. Noticiários de hora a hora.

## PROGRAMA 2

**Rede Nacional F.M. 2 - Estéreo**

**15.30:** Concerto da Tarde

dedicado a Heitor Villa-Lobos; **17.00:** Efemérides; **17.30:** O Timbre e a forma; **18.15:** Ângulos e Reflexos; **19.00:** Integrais - Os 23 quartetos de cordas de Mozart, pelo Quarteto Italiano; **19.32:** Álbum Musical - Obras de Mozart, Boccherini, Schubert, Gluck, Borodine e Vivaldi; **20.40:** Esta Madrugada no Dois; **21.00:** Música; **21.30:** Uma Obra - Duas Versões; **22.18:** O baixo Samuel Ramey canta Rodgers e Hammerstein; **23.00:** Euroradio. Concerto pela Orquestra de Câmara da Radiodifusão Holandesa; **00.20:** Ao Serão com a Música de Joseph Haydn; **02.00:** Música na Madrugada. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO  
COMERCIAL

**Onda Média 283, 290 e 397 m**

**17.00:** Contactos; **19.00:** Peça que a Gente Passa; **21.00:** Pela Estrada Fora; **22.00:** Portugal e a CEE; **22.15:** Religiosos; **22.30:** 24.ª Hora; **01.00:** Fantástico; **02.00:** Serviço Nocturno. Noticiários de hora a hora.

**RC-FM - Estéreo 97.4 MHz**

**16.00:** Rock em Stock; **18.00:** Círculo em FM; **19.00:** Ao Fim e ao Cabo; **20.00:** Topo de Gama; **22.00:** Pessoal e Transmissível; **00.00:** Morrison Hotel; **01.00:** Som da Frente; **03.00:** Serviço Nocturno. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO  
RENASCENÇA

**Canal 1 - Rede Nacional de OM-FM**

**15.00:** Hora da Música; **16.00:** Banda da Amizade; **18.00:**

**Bola Branca; 18.30:** Transmissão do Terço; **19.00:** A Viagem Continua; **20.00:** Boa Nova; **20.30:** Conversa de Amigos; **21.00:** Sequência; **22.00:** Revista; **22.30:** Bola Branca; **23.30:** Suplemento Especial da BBC; **23.55:** Meditando. Noticiários de hora a hora.

## RFM

**RFM - Canal 2 - Rede Nacional de FM Estéreo**

**16.00:** Fórmula Três; **19.00:** Atlântida; **20.00:** Serra de Estrelas; **22.00:** Oceano Pacífico. Noticiários de hora a hora.

**VOZ DE LISBOA**

**15.00:** Equipa da Tarde; **18.00:** Jornal da Tarde - Bola Branca; **18.30:** Sete Colinas; **20.00:** Diálogo; **20.30:** Transmissão do Terço; **21.00:** Lisboa à Noite; **23.00:** Ligação ao Canal 1

## CARTAZ

## CINEMAS

## LISBOA

## ALFA CLUB

Avenida Almirante Gago  
Coutinho Tel. 806496

## ENTRE PRIMOS

Filme de Joel Schumacher c/ Ted  
Danson e Isabella Rossellini.  
Maiores de 12 anos  
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00,  
21.30 e 24.00 horas.

## ALFA 1

## CHUVA NEGRA

Filme de Ridley Scott c/ Michael  
Douglas e Andy Garcia.  
Maiores de 16 anos.  
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00,  
21.30 e 24.00.

## ALFA 2

REGRESSO AO FUTURO  
PARTE II

Maiores de 12 anos.  
Sessões às 14, 15, 16.45, 19.15,  
21.45 e 00.15 horas.

## ALFA 3

OS DEUSES DEVEM ESTAR  
LOUCOS II

Um filme de Jamie Uys com  
Nixau e Lena Farugia.  
Maiores de 6 anos  
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45,  
19.45, 21.45 e 00.15 horas.

## ALFA 4

COMO O CÉU SE ENGANOU  
Filme de Emile Ardolino c/  
Cybill Shepperd e Robert  
Downey.

Maiores de 12 anos.  
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15,  
21.45, 00.15

## AMOREIRAS 1

Shopping Center de Lisboa  
Telef. 691275

## CHUVA NEGRA

Com Michael Douglas e Andy  
Garcia  
Maiores de 16 anos.  
Sessões às 13.30, 15.30, 16.30,  
19.30, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 2  
OS DEUSES DEVEM ESTAR  
LOUCOS II

Maiores de 6 anos.  
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00,  
21.30 e 24 horas.

## AMOREIRAS 3

REGRESSO AO FUTURO  
PARTE II

Maiores de 12 anos.  
Sessões às 14, 16.30, 19, 21.30 e 24  
horas

## AMOREIRAS 4

## OS CAÇA FANTASMAS II

Maiores de 12 anos  
Sessões às 13.30, 15.30, 17.30,  
19.30, 21.30 e 24 horas.

## AMOREIRAS 5

SEXO, MENTIRAS E VIDEO  
Filme de Steven Soderbergh c/  
James Spader e Andie MacDowell

Maiores de 16 anos.  
Sessões às 13.30, 17.30, 19.30,  
21.30 e 00.15 horas.

## AMOREIRAS 6

## ENTRE PRIMOS

Maiores de 12 anos.  
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45,  
19.45, 21.45 e 00.15 horas

## AMOREIRAS 7

## PERIGOSA SEDUÇÃO

Maiores de 16 anos.  
Sessões às 15.30, 17.30, 19.30,  
21.30 e 00.15 horas.

## AMOREIRAS 8

## ABISMO

Maiores de 12 anos.  
Sessões às 14, 16.30, 19, 21.30 e 24  
horas.

## AMOREIRAS 9

## A SOMBRA ASSASSINA

Filme de Robert Kirk c/ Anthony  
Perkins e Deborah Foreman  
Maiores de 16 anos.  
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45,  
19.45, 21.45 e 00.15 horas.

## AMOREIRAS 10

## COMO O CÉU SE ENGANOU

Maiores de 12 anos.  
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45,  
19.45, 21.45 e 00.15 horas..

## APOLO 70

Av. Júlio Dinis, 10-A  
Telef. 763319

REGRESSO AO FUTURO  
PARTE II

Maiores de 6 anos.  
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30  
horas.

## BERNA

Av. Marquês de Tomar, 10  
Telef. 776098

## CHUVA NEGRA

Maiores de 16 anos  
Sessões às 15.15, 18, 21.30

## CINE CAMÕES

R. do Loreto, 15

Telef. 324194

## FACTO ALUCINANTE

De Cedric Sundstrom  
Maiores de 12 anos  
Sessões às 14.15, 16.30 e 21.30  
horas

## CAPITÓLIO



Em exibição na sala 3 Quarteto **Regresso a Viena** PUB  
Filme de qualidade

## Parque Mayer

## ESCRAVATURA DO SEXO

Hard-core-1º escalão (porno)  
Maiores de 18 anos  
Sessões às 15, 17, 19, 21 e 23 ho-  
ras.

## CINEBOLSO

R. Actor Tabor, 27  
Telef. 573407

## A TURMA DO SEXO

Hard-core-1º escalão (porno)  
Maiores de 18 anos.  
Sessões às 12.30, 14.3, 16.45, 19,  
21.30 e 23.30.

## CINE 222

Av. Praia da Vitória, 37  
Telef. 533253

## ABISMO

Maiores de 12 anos.  
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e  
21.30 horas.

## RAMBO III

Com Sylvester Stallone e Rich-  
ard Crenne  
Maiores de 18 anos  
Às 24.00 horas

## CINE PORTELA

## ESTÚDIO ANUSHA

Telef. 9434762

## O VELHO GRINGO

Com Jane Fonda e Gregory Peck  
Maiores de 12 anos  
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

## CINE PORTELA

## ESTÚDIO SHEZA

## SEXO, MENTIRAS E VIDEO

Maiores de 16 anos.  
Sessões às 15.15 e 21.15 horas.

## CITY CINE

R. Tomás Ribeiro, 34  
Telef. 549999

REGRESSO AO FUTURO  
PARTE II

Maiores de 12 anos.  
Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e  
21.30 horas.

## CONDES

Av. da Liberdade, 2  
Telef. 322523

## CHUVA NEGRA

Maiores de 16 anos.  
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30  
horas

## ESTÚDIO

Alameda D. Afonso Henriques,  
35  
Telef. 555134

## OS DEUSES DEVEM ESTAR

LOUCOS II  
Maiores de 6 anos.  
Sessões às 14.30, 16.45, 19 e 21.30  
horas.

## ESTÚDIO ACS

Av. da Igreja, 17-F  
Telef. 8487255

TENNESSEE BUCK E OS SAL-  
TEADORES DA TRIBO

Com David Keith e Kathy  
Shower  
Maiores de 12 anos.  
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30  
horas.

## FONTE NOVA 1

Estrada de Benfica 503  
Tel 7145088

REGRESSO AO FUTURO  
PARTE II

Maiores de 6 anos.  
Sessões às 14.30, 16.45, 19 e 21.30  
horas

## FONTE NOVA 2

## OS CAÇA FANTASMAS II

Filme de Ivan Reitman  
Maiores de 12 anos  
Sessões às 14.15, 16.30, 18.45 e  
21.15

## FONTE NOVA 3

OS DEUSES DEVEM ESTAR  
LOUCOS II

Um filme de Jaime Uys com  
Nixau e Lena Farugia.  
Maiores de 6 anos.  
Sessões às 14.45, 16.30, 18.45 e  
21.15.

## FORUM PICOAS

Av. Fontes Pereira de Melo  
Telef. 541037

## AUDITÓRIO 1

RECORDAÇÕES DA CASA  
AMARELA

Filme de qualidade de João  
César Monteiro.

Maiores de 16 anos  
Sessões às 14.00, 16.30, 19.15 e 22  
horas.

## FORUM PICOAS

## AUDITÓRIO 2

## A BELA DE DIA

Filme de qualidade de Luis  
Buñuel com Catherine Deneuve  
e Jean Sorel.  
Maiores de 16 anos.  
Sessões às 14.00, 16.00, 19.00,  
20.00 e 22.00 horas.

## IMPÉRIO

Alameda D. Afonso Henriques  
Telef. 555134

## CHUVA NEGRA

Maiores de 16 anos  
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30

## KING GEMINI

R. Sousa Lopes  
Telef. 8480808

EM BUSCA DO MARFIM  
MÁGICO

De Anthony Richmond  
Maiores de 12 anos.  
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30  
horas.

## KING TRIPLEX 1

Rua Bulhão Pato, 1-C  
Telef. 8480808

## OS CAÇA FANTASMAS II

Filme de Ivan Reitman com Bill  
Murray e Dan Aykroid.  
Maiores de 12 anos.  
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30  
horas.

## KING TRIPLEX 2

## COMO O CÉU SE ENGANOU

De Emile Ardolino  
Maiores de 12 anos.  
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e  
21.30 horas.

## KING TRIPLEX 3

KINJITE - JUSTIÇA A  
MARGEM DA LEI

Com Charles Bronson  
Maiores de 12 anos.  
Sessões às 14.30, 17.00, 19.30 e  
21.45 horas.

## LAS VEGAS 1

Pingo Doce - Alcântara  
Telf. 3631162

## ENTRE PRIMOS

Maiores de 12 anos  
Sessões às 15.15, 18.30 e 21.30  
horas.

## LAS VEGAS 2

## CHUVA NEGRA

Maiores de 16 anos.

Sessões às 15.30, 18.45 e 21.45  
horas.

## LONDRES

Av. de Roma, 7-A  
Telef. 801313

REGRESSO AO FUTURO  
PARTE II

Maiores de 6 anos.  
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30  
horas.

## MUNDIAL 1

R. Martens Ferrão  
Telef. 538743

## CHUVA NEGRA

Maiores de 16 anos.  
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30  
horas.

## MUNDIAL 2

OS DEUSES DEVEM ESTAR  
LOUCOS II

Maiores de 6 anos.  
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e  
21.45 horas.

## MUNDIAL 3

## ENTRE PRIMOS

Maiores de 12 anos.  
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e  
21.45 horas.

## NIMAS

Av. 5 de Outubro, 42-B  
Telef. 574362

TAP-A DANÇA DE DUAS  
VIDAS

Filme de Dick Castle  
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e  
21.30 horas.

## ODEON

R. dos Condes, 4  
Telef. 326283

## BRAÇO DE VINGANÇA

Maiores de 18 anos.  
Sessões às 14.15, 16.45, 19 e 21.30  
horas.

## OLIMPIA

R. dos Condes, 13  
Telef. 325309

## FLORESTA DO PRAZER

Filme porno  
Maiores de 18 anos  
Sessões contínuas a partir das 14  
horas.

## PLAZA 1

Centro Com. Alvalade  
CHUVA NEGRA

Maiores de 16 anos  
Sessões às 14.00, 16.30, 18.45 e  
21.30 e 23.45 horas.

## PLAZA 2

OS DEUSES DEVEM ESTAR  
LOUCOS II

Maiores de 6 anos.  
Sessões às 14.15, 16.45, 19.00,  
21.45 e 24.00 horas.

## POLITEAMA

R. Portas de Stº Antão  
Telef. 326305

A CIDADE DO FIM DO  
MUNDO

Filme de Peter Yuval c/ Demis  
Cole e Greg Cummins  
Maiores de 16 anos.  
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e  
21.30 horas.

## QUARTETO 1

R. Flores de Lima, 16  
Telef. 771378

## SEXO, MENTIRAS E VIDEO

Maiores de 16 anos.  
Sessões às 14.15, 16.15, 18.15,  
20.00, 22.00 e 24.00 horas.

## QUARTETO 2

TAP - A DANÇA DE DUAS  
VIDAS

Filme de Nick Castle.  
Maiores de 12 anos.  
Sessões às 14.00, 16.00, 18.00,  
20.00, 22.00 e 24.00 horas.

TRIBUNAL CÍVEL  
DA COMARCA DE LISBOA

## 14.º JUÍZO

## ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem da garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamar o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto dos tais bens no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da 2.ª e última publicação do anúncio respectivo.

Execução de Sentença n.º 5771-A, 3.ª secção.  
Exequentes — COMPANHIA DE SEGUROS IMPÉRIO — EP.  
Executados — AUTO VIAÇÃO GRIJÓ — LDA, com sede na Av.ª S. Salvador — Vendas de Grijó — GRIJÓ, a quem foram penhorados saldos em diversas contas bancárias.  
Lisboa, 89-12-18.

A Juiz de Direito,  
Fernanda Isabel de Sousa Pereira  
O Escrivão Adjunto,  
José Manuel Ribeiro da Cruz

16/1/90 — 1.ª Pub.

TRIBUNAL JUDICIAL  
DE LISBOA

## 3.º JUÍZO CÍVEL

## 3.ª SECÇÃO

## ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem da garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamar o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto dos tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da publicação do último anúncio.

Execução Sumária n.º 2504, 3.ª Secção.  
Exequentes — Companhia de Seguros Império, EP, Rua Garrett, 56, em Lisboa.  
Executado — MOTAS, Lda., com sede no Lugar da Estação, Vila do Pinheiro — Vila do Conde.

Lisboa, 18 de Dezembro de 1989

O Juiz de Direito  
Raul Borges

O Escrivão de Direito  
(illegível)

DL 16/1/90 — 1.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA  
COMARCA DE LISBOA

## 4.º JUÍZO CÍVEL

## ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem da garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamar o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da 2.ª e última publicação do anúncio.  
Execução Sentença n.º 5253/A, 2.ª Secção. Exequentes — Companhia de Seguros Império, EP.  
Executado António Manuel Gonçalves de Jesus, residente na Rua Judicialho, n.º 40 — Portimão.

Lisboa, 4 de Janeiro de 1990

Pel'O Escrivão de Direito  
Carlos Filipe Felício Ferreira

O Juiz de Direito  
Fernando José de Matos Pinto  
Monteiro

DL 16/1/90 1.ª Pub

## CARTAZ

## QUARTETO 3

## REGRESSO A VIENA

Filme de Alex Corti

Maiores de 12 anos

Sessões às 15.00, 17.15, 19.30, 21.45 e 24.00 horas.

## QUARTETO 4

## SKINDEEP - O AMOR É UMA GRANDE AVENTURA

De Blake Edwards.

Maiores de 12 anos.

Às 14.30, 16.30, 18.15, 20, 22 e 24 horas.

## SÃO JORGE 1

Avenida da Liberdade, 175

Telef. 579144

## CHUVA NEGRA

Maiores de 16 anos

Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30

## SÃO JORGE 2

## REGRESSO AO FUTURO II

Maiores de 12 anos.

Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.15 horas.

## SÃO JORGE 3

## OS DEUSE DEVEM ESTAR LOUCOS II

Maiores de 6 anos

Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

## 7ª ARTE

Av. da República

Telef. 730715

## OS CAÇA FANTASMAS II

Maiores de 12 anos.

Sessões às 14.45, 17, 19 e 21.30

## STAR

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

Telef. 804210

## CHUVA NEGRA

Maiores de 16 anos.

Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30.

## TERMINAL

Estação do Rossio

Telef. 371573

## JUSTIÇA À MARGEM DA LEI

De J. Lee Thompson

Maiores de 16 anos.

Sessões às 13, 15, 17, 19 e 21.30

## TURIM

Estrada de Benfica, 723-A

Telef. 706666

## MORTO A TIRO

Maiores de 12 anos.

Sessões às 15, 17.30 e 21.30 horas.

## XENON

Av. da Liberdade, 9

Telef. 368446

## O VELHO GRINGO

Maiores de 16 anos.

Sessões às 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 horas

## A NOITE DE ESPANTO Nº2

Maiores de 18 anos. Às 23.30

horas.

## AMADORA BABILÓNIA

Centro Comercial Babilónia

Telef. 4934871

## CHUVA NEGRA

Maiores de 16 anos.

Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30

horas.

## CACÉM-ESTÚDIO FLORES

Telef. 9247570

Encerrado para descanso do pessoal

## QUELUZ - KING D. PEDRO III

Telef. 4364845

## SALA 1

## OS CAÇA FANTASMAS II

Maiores de 12 anos

Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.15

horas

## SALA 2

## ONZE DIAS E ONZE NOITES

Com Jessica Moore

Maiores de 16 anos

Sessões às 14.15 e 16.45 horas.

## SALA 3

## CYBORG

De Albert Pynun

Maiores de 16 anos

Sessões às 14.30, 17, 19.30 e 21.45

horas

## CASCAIS

## OEIRAS

## ALTO DA BARRA 1

Telef. 4439759

## REGRESSO AO FUTURO II

Maiores de 12 anos.

Sessões às 15.15 e 21.30 horas

## ALTO DA BARRA 2

## GOLPE DE VINGANÇA

Maiores de 16 anos.

Sessões às 15.30 e 21.45 horas.

## NOVA OEIRAS - CINE PALMEIRAS 1

Telef. 2479144

## REGRESSO AO FUTURO II

Maiores de 12 anos.

Sessões às 15.15 e 21.30 horas

## CINE PALMEIRAS 2

## CHUVA NEGRA

Maiores de 16 anos

Sessões às 15.30 e 21.45 horas.

## CARCAVELOS

## ATLÂNTIDA CINE

Telef. 2465653

## REGRESSO AO FUTURO II

Maiores de 12 anos.

Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

## CASCAIS - MIRAMAR 1

Telef. 2841744

## CHUVA NEGRA

Maiores de 16 anos.

Sessões às 15.15 e 21.15 horas.

## MIRAMAR 2

## O REGRESSO AO FUTURO II

Maiores de 12 anos.

Sessões às 15.15 e 21.30 horas.

## ALMADA

## ALMADA ACADEMIA ALMAD-ENSE

Telef. 2752127

## OS DEUSE DEVEM ESTAR LOUCOS II

Maiores de 12 anos.

Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

## COSTA DA CAPARICA

## CINEMA PESCADOR

Telf. 2905350

## JUSTIÇA À MARGEM DA LEI

Maiores de 16 anos

Sessões às 15.30, 21.45

## TEATRO LISBOA

## A BARRACA - CIN- EARTE

Largo de Santos, nº 2 -

Telef. 665360 ou 686300

De 3ª a Sáb. às 21.30 e Dom. às 16 horas.

## MARGARIDA DO MONTE

De Marcelino Mesquita

## TEATRO DA COMUNA

Praça de Espanha - Telef. 7260818

De 2ª a Sáb. às 21.30 horas.

Dom. às 17.00 horas, descanso à 4ªFeira.

## SALA 1

PÉCORA de Natália Correia.

## SALA 2

Sexta às 21.30, Sáb. às 16.00 e 21.30; Domingo às 16 horas.

## A PREGAÇÃO

De João Brites, pelo Grupo O Bando

## CAFÉ TEATRO

## FESTIVAL DA OTITE

De Carlos Paulo. Sáb. às 24 horas

## RITZ CLUB

R. da Glória, 57 - Telef. 325140

De 3ª a Sábado às 21.30; Sábado e Domingo às 16.00 horas.

## O REGRESSO DE BUCHA E ESTICA.

Encenação de Mário

Viegas.

## TEATRO ABC

Parque Mayer - Telef. 3466783

De 3ª a Domingo às 20.30 e 22.45. Domingos e Feriados às 16 horas.

## AI CAVAQUINHO

De Eduardo Damas c/ Camilo de Oliveira, Miguel Simões e Paulo César.

## TEATRO ABERTO

Praça de Espanha - Telefone 778898

De 5ª a Sábado às 21.30 horas. Domingos às 16 horas.

## HAPPY END

De Dorothy Lane/Bertolt Brecht.

## TEATRO MAIZUM

R. dos Poiais de S. Bento, 75-B. Telef. 601866

Sáb. e Dom. às 16 horas.

## A LINGUAGEM DOS ANIMAIS

De António Botto.

## TEATRO DA POLITECNICA

R. da Escola Politécnica, 58 - Telef. 674474

De 3ª a Sábado às 21.00; Domingos às 16 horas.

## D. JOÃO E A MÁSCARA

De António Patrício

## TEATRO DA TRINDADE

R. Nova da Trindade - Telef. 320000

De 3ª a Sábado às 21.30; Domingos às 16 e 21.30 horas.

## «VERÃO»

De Edward Bond c/ Fernanda Alves e Isabel de Castro.

## VARIEDADES

Parque Mayer - Telef. 326037.

De 3ª a Domingo às 21.30; Domingos e Feriados às 16.00 horas.

## OS MENINOS À RODA DA MAMÃ.

Versão livre de Henrique Santana.

## TEATRO VILLARET

Av. Fontes Pereira de Melo, 31-A - Telef. 538586

De 3ª a 5ª às 21.30, 6ª e Sáb. às 20.30 e 22.45; Domingos e Feriados às 16.00 e 21.30 horas.

ORA

BATE...BATMAN'SO

## OUTRAS LOCALIDADES

## ESTORIL

## TEATRO DO CASINO

Telefone 2684521

De 3ª a Sáb. às 22 horas; Dom. às 17 horas.

## WHAT HAPPENED TO MADALENA IGLÉSIAS?

Texto e encenação de Filipe La Féria.

## ODIVELAS

## TEATRO DA MAL-APOSTA

R. de Angola, Olival de Basto - Telefone 9873299

De 3ª a Sáb. às 21.30; Domingos às 16.00 Horas.

## O RENDER DOS HERÓIS

De José Cardoso Pires.

Encenação de José Martins, pelo Centro Dramático Intermunicipal Almeida Garret.

## PORTO

## TEAR

R. do Heroísmo, 86 - Telef. 573265.

De 3ª a Sáb. às 21.30; Domingos às 16.00 horas.

## JARDIM DAS CEREJEIRAS

De Anton Tchekov, pelo TEAR. Encenação de Rogério de Carvalho.

## EXPOSIÇÕES

## CASCAIS

## MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA

(Jerónimos): de terça a domingo, das 10 às 12,30 e das 14 às 17, uma exposição permanente que integra centenas de milhares de peças, entre as quais um conjunto pré-histórico de 300

## VERTICAUTO, CRL

Cópia extraída do original de fl. 4 do livro de actas da assembleia geral da VERTICAUTO, CRL, o qual foi devolvido ao apresentante depois de conferido, anotado, datado e rubricado.

## Acta n.º 35

Aos 27 dias do mês de Abril de 1989, pelas 20 horas e 45 minutos, reuniu ordinariamente a assembleia geral da VERTICAUTO, CRL, em conformidade com as disposições estatutárias, com 24 presenças, a qual passou a funcionar com a seguinte ordem de trabalhos:

Ponto único. Eleição dos corpos sociais da cooperativa para o triénio de 1989-1991.

Feita a respectiva eleição dos corpos sociais da cooperativa, verificou-se o seguinte resultado:

Mesa da assembleia geral: António Patrício Nobre Lima, Gonçalo José da Silva Neves e Fernando Manuel Pacheco Santos.

Conselho fiscal: João Manuel Castanheira Bezelga, Vitor Carlos de Oliveira Gaiozinho e Luís Alberto Fernandes Maulheiro.

Direcção: Alcides José de Jesus Lopes, António Martins da Silva, Delfim Guimarães de Oliveira Bastos, Nuno Filipe de Brito Moreira e António Barbosa Marques.

Nada mais havendo a tratar, deu-se por encerrada a assembleia às 22 horas, da qual se lavrou a presente acta, que vai ser assinada por todos os membros da mesa da assembleia geral.

José Teixeira Rodrigues Correia, Vitor Carlos de Oliveira Gaiozinho, Nuno Filipe de Brito Moreira.

Está conforme ao original.

Cartório Notarial do Protesto de Letras de Lisboa, 10 de Outubro de 1989

O Segundo Ajudante, (Assinatura ilegível)

## TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE OEIRAS

## ANÚNCIO

O Doutor Fernando Ribeiro Cardoso, Mm.º Juiz de Direito do Tribunal Judicial de Oeiras,

Faz SABER, que neste Tribunal Judicial de Oeiras, 1.º Juízo 1.ª secção, correm termos uns autos de processo Comum Singular, registado sob o n.º 631/88, que o Ministério Público move contra o arguido, FERNANDO MIRANDA SANTOS, GOMES, divorciado, reformado, nascido em 27 de Dezembro de 1949, na freguesia e concelho do Barreiro, filho de António Santos Gomes e de Emília dos Santos Miranda, portador do Bilhete de Identidade n.º 22301127, emitido em 30-8-88, pelo Arquivo de Identificação Civil e Criminal de Lisboa, e com a última residência conhecida na Rua S. João Baptista de Ajuda, 15-r/c Dt.º Barreiro, por haver cometido o crime de emissão de cheque sem provisão, previsto e punido pelo art.º 24.º n.º 1 al. a) do Decreto 13004 de 12/1/77.

Mais faz saber de que por despacho proferido em 21 de Dezembro de 1989, nos mesmos autos foi o arguido DECLARADO CONTUMAZ, nos termos do art.º 335.º n.º 1 e 336.º n.º 1 do C. Penal, com os seguintes efeitos:

a) Suspensão dos termos ulteriores do processo até à apresentação ou detenção do arguido, sem prejuízo da realização dos actos urgentes;

b) anulabilidade de todos os negócios jurídicos de natureza patrimonial que o arguido venha a celebrar após esta declaração;

c) proibição do arguido obter ou renovar os seguintes documentos: c.1) passaporte; c.2) bilhete de identidade; c.3) carta de condução; c.4) certidões ou registos junto das seguintes entidades: conservatórias do registo civil, predial, comercial ou automóveis, notariado, centro de Identificação Civil e Criminal, Direcção Geral de viação, governos civis, câmaras Municipais e juntas de freguesia;

d) proibição de o arguido efectuar quaisquer registos junto de quaisquer autoridades (nomeadamente conservatórias do registo civil, predial, comercial ou automóvel).

Oeiras, 9 de Janeiro de 1990

O JUIZ DE DIREITO

Fernando Ribeiro Cardoso

O Esc. Adjunto

Maria do Céu Fidalgo

«DL» 16/1/89 1.º Pub.

## VERTICAUTO, C.R.L.

## CÓPIA EXTRAÍDA DO ORIGINAL

exarado de fl. 63 a fl. 64 do livro de actas da VERTICAUTO, C.R.L., o qual foi devolvido ao apresentante depois de conferido, anotado, datado e rubricado.

## Acta n.º 140

Aos 19 dias de Maio de 1989, reuniu extraordinariamente a direcção, pelas 19 horas, com todos os seus elementos e com a seguinte ordem de trabalhos:

Ponto único. Votação para atribuição dos cargos directivos.

Depois da respectiva apreciação e votação, ficou a direcção escalonada com a seguinte atribuição dos cargos directivos: presidente, Alcides José Jesus Lopes, secretário, Nuno Filipe Brito Moreira; tesoureiro, António Martins da Silva, e vogais: Delfim Guimarães Oliveira Bastos e António Barbosa Marques.

Nada mais havendo a tratar, deu-se por encerrada a sessão eram aproximadamente 20 horas.

O Presidente, Alcides José Jesus Lopes. — O Secretário, Nuno Filipe Brito Moreira. — O Tesoureiro, António Martins da Silva. — O Vogal, Delfim Guimarães Oliveira Bastos. — O Vogal, António Barbosa Marques.

Está conforme ao original.

Cartório Notarial do Protesto de Letras de Lisboa, 10 de Outubro de 1989. — O Ajudante, (assinatura ilegível.)

## GRUPO TEATRO HOJE/TEATRO DA GRAÇA

## NO TEATRO DA TRINDADE

## ÚLTIMA SEMANA SO ATÉ DOMINGO 21



«Elenco de Ouro». «O duelo Isabel de Castro, Fernanda Alves é algo de inesquecível, os jovens M.ª José Pascoal e José Walenstein não deixam os seus créditos por mãos alheias, Ruy Furtado é só por si um espectáculo» — **Diário de Notícias**  
«Um festival de interpretações e uma das melhores encenações de Carlos Fernando» — **A Capital**

3.ª a Sáb. às 21.30h.  
Domingos às 16.00h.

Marcações pelo Telef.: 32 00 00  
SUB. SEC

PATROCÍNIO  
Círculo de Leitores

## CARTAZ

peças de ouro.

**MUSEU NACIONAL DO TEATRO:** até 27 de Março (Dia Mundial do Teatro), "Amália, 50 Anos" com entrada gratuita aos domingos de manhã.

**MUSEU NACIONAL DO TRAJE:** até Abril de 1990, "Tramas e Sortilégios" de Teresa Segurado Pavão;

**PALÁCIO NACIONAL DOS COCHES:** até 17 de Janeiro, a exposição "Falcoaria Real".

**BIBLIOTECA NACIONAL:** a exposição "Portugal no Século XVIII: de D. João V à Revolução Francesa

**PALÁCIO FOZ:** até 15 de Janeiro, a exposição "Desporto é Vida" integrada na VII Quinzena Cultural

Bancária, organizada pelo Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas com a colaboração da Direcção-Geral da Comunicação Social.

**PALÁCIO GALVEIAS** (Campo Pequeno): integrada nas comemorações do 125º aniversário do Diário de Notícias, uma exposição subordinada ao tema "A Vida dos Imagens", reunindo um importante conjunto de documentos fotográficos recuperados nos arquivos do "DN".

**GULBENKIAN** (Galerias das Exposições Temporárias): até 5 de Fevereiro, "Três Séculos de Gravura Cubana", uma exposição constituída por obras da Colecção do Museu Nacional Cubano de Havana, representada por 110 obras dos principais artistas cubanos dos séculos XVII, XVIII, XIX e XX.

**ALFAMA-GALERIA DE ARTE** (R. das Flores, 109): Pintura e Escultura Espanhola Contemporânea.

**BAR ÎMPREVISTO** (Tv. da Laranjeira, 35): até 21 de Janeiro, Pintura de Wanda Campos.

**CASA DO ALENTEJO:** até 28 de Janeiro, diariamente das 10 às 22 horas, Pintura de A. M. Parioja e Rojão.

**CLUBE CINQUENTA** (R. de S. Mamede ao Caldas, 9-1º): até 7 de

Fevereiro, de terça a sexta das 17 às 20 e sábados das 15 às 20, Pintura de Albertina de Sousa.

**ESPAÇO INTERNI** (R. Rodrigo da Fonseca, 51): a primeira exposição individual, em Portugal, do pintor naif brasileiro Jorge Viriato.

**GALERIA EMI-VALENTIM DE CARVALHO** (R. da Cruz dos Poiais, 111): até 31 de Janeiro, de segunda a sexta das 11 às 13 e das 15 às 19, sábados das 15 às 19, uma exposição de escultura e desenho de José Barrias intitulada "Vestígios".

**GALERIA ARTELA** (R. Prof. João Barreira, loja 15-Telheiras): até 14 de Janeiro, "Ideias Soltas", pintura de Rui de Azevedo.

**GALERIA JOÃO HOGAN** (R. Voz do Operário, 13): até 27 de Janeiro, de segunda a sexta das 14 às 20 e sábados das 15 às 19, Pintura de Ormond Fannon.

**GALERIA BARATA** (Av. de Roma, 11A): Fotografia de Antón io José Alegria.

**GALERIA CÓMICOS** (R. Tenente Raul Cascais, 1 B): até 17 de Fevereiro, de segunda a sábado das 14,30 às 19,30, Pintura de Gerhard Merz.

**GALERIA DIFERENÇA** (R. S. Filipe Nery, 42): até 28 de Janeiro, Fotografia de Mafalda Reis Moore (Branca de Neve) e de Eduardo Nery (Lugares).

**GALERIA FONTE NOVA** (Estrada de Benfica, 503): até 26 de Janeiro, uma colectiva de Pintura com a participação de Carlos Neto, Fernanda Freitas, Fernando Lory e Urbano Resendes.

**GALERIA 111** (Campo Grande, 113): até 12 de Janeiro, de segunda a sexta das 10 às 13 e das 15 às 19 e sábados das 10 às 13, Pintura de Eduardo Batarde.

**GALERIA RESTAURAÇÃO** (Av. Guerra Junqueiro, 18-C): até 13 de Janeiro, de segunda a sábado das 9,30 às 13 e das 15 às 19, colectiva de



"Cabeças de Estrela" de Hugo Ferrão, até ao fim do mês em Sintra, n' "Outro Lado do Espelho"

Pintura com obras de Alfredo Luz, Artur Bual, Cruzeiro Seixas, Fernando Ançã, Helena San-Payo, Ribeiro Farinha, Rogério Amaral e Silva Palmeira.

**GALERIA TRIÂNGULO 48** (Av. D. Vasco da Gama, 48.A): até 2 de Fevereiro, exposição de homenagem a Tomás Mateus, com venda de algumas das suas obras.

**GALERIA EUROARTE** (R. Rodrigo da Fonseca, 107-C): até 22 de Janeiro, de segunda a sexta das 10,30 às 13 e das 15,30 às 19, sábados das 10,30 às 13 e das 16 às 19 horas, Pintura de Margarida Vigoço.

**GALERIA ESPIRAL** (Pª Ilha do faial, 14-A): Pintura de Luísa Costa Cabral.

**GALERIA MULTIFACE** (C. Comercial Gemini, loja 65-R. Sousa Lopes): até 15 de Janeiro, Pintura de Bual.

**GALERIA NÁRTICE** (R. Augusto Rosa, 18): até 18 de Janeiro, Pintura de Inácio Matsinhe.

**GALERIA NOVO SÉCULO** (R. do Século, 23): até 20 de Janeiro, de terça a sábado das 14 às 20, "Arremessos", Pintura-Video-Instalação

de Miguel Telles da Gama e Paulo Cancela d'Abreu.

**HOTEL ALFA LISBOA** (Av. Columbano Bordalo Pinheiro): até 15 de Janeiro, de segunda a sábado das 16 às 20,30, Pintura de Sérgio Ribeiro.

**HOTEL MERIDIEN LISBOA** (R. Castilho, 149): até 22 de Janeiro, diariamente das 9 às 23,30, a exposição de Pintura e Escultura do «GAP - Grupo de Artistas Portugueses».

**AAPACO** (Ex-Atelier 15-R. Freitas Gazul, 24D): a "Colectiva Fim de Ano", de terça a sexta das 18 às 21, sábados das 15 às 19 horas.

**ALFA MIXTA-ESPAÇO D'ARTE** (R. Escolas Gerais, 34): até 13 de Janeiro, Pintura de José Mougá.

**LOJA DA ATALAIA** (R. da Atalaia, 63): até 18 de Janeiro, os "Encontros de Fotografia de Coimbra" apresentam em Lisboa uma exposição com trabalhos de Joel Peter Witkin.

**RATTON-CERÂMICAS** (R. Academia das Ciências, 2-C): Exposição de obras de Graça Morais, Jorge Martins, Luísa Correia Pereira, Mafalda Reis Moore e Júlio Pomar.

**GALERIA PRÍNCIPE REAL** (Pª Príncipe Real, 32 r/C): até 13 de Janeiro, «Paisagens» de Olivero Masi.

**GALERIA MOIRA** (R. Nova da Piedade, 33): até 19 de Janeiro, de segunda a sexta das 14 às 19,30 (excepto feriados), escultura em grés de Jorge Mealha.

**GALERIA DE SÃO BENTO** (R. do Machadinho, 1 - ao Quelhas): até 16 de Janeiro, uma colectiva de Pintura e Escultura.

**SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES** (R. Barata Salgueiro, 36): a exposição "Salão Convívio" com obras de artistas sócios da SNBA.

**GALERIA S. MAMEDE** (R. da Escola Politécnica, 167): até 24 de Janeiro, Pintura e Escultura de Francisco Simões.

**GALERIA GRAÇA FONSECA** (R. da Emenda, 26 c/v): de terça a sábado das 15 às 20, Pintura de Graça Pereira Coutinho.

**GALERIA DIVERSA** (R. dos Sapadores-à Graça- nº 85): até 13 de Janeiro, pintura de Glória Elena e escultura de Sílvia Westphalen

**LIVRARIA BARATA** (Av. de Roma, 11-A): a exposição "Suportes e Contentores" de Cristina Ataíde.

**POLIGRUPO/RENASCENÇA** (R. Ivens, 14): a exposição "O Algarve e os Descobrimentos" da autoria de Maria Carolina Alho.

**SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES** (R. Barata Salgueiro, 36): até 31 de Janeiro, a exposição de Pintura "Sete Pecados Capitais", produção de Graça passos com trabalhos de Gonçalo Ruivo, Helena Pinto, Jaime Lebre, João Queiroz, Jorge Varanda, José António Cardoso e Miguel Branco. Na Galeria de Arte Moderna, também até ao final

de Janeiro, Fotografia de Sérgio Eloy.

**SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES** (Av. Duque de Loulé, 31): até 26 de Janeiro, "Linhas do Desejo", fotografias de Guilherme Silva.

## ARREDORES

**GALERIA MUNICIPAL DA AMADORA:** até 28 de Janeiro, a exposição "Francisco Valença - a Vida e a Obra"

**RECREIOS DA AMADORA:** até 21 de Janeiro, das 15 às 23, a "Exposição de Arte da Quirguízia - URSS".

**GALERIA JF DE CASCAIS:** até 31 de Janeiro, desenhos de Hector Ramsay.

**CASA MUSEU DE VERDADES FARIA** (Av. Saboia-Monte Estoril): "Um Olhar sobre Cascais através do seu património", uma iniciativa da Câmara Municipal e da Associação Cultural de Cascais.

**GALERIA DO CASINO ESTORIL** (Espaço 2): até 17 de Janeiro, todos os dias das 15 às 24 horas, uma exposição de fotografias intitulada "Série Quadrada", de Pedro Mónica.

**GALERIA O PAT-AMAR** (R. da Ferraria, 13-Sintra): até 12 de Janeiro, pintura e escultura de Hélio Xavier, João Mário, Maria Fernanda Amado, Vítor Vieira e Tina Passos.

**HOTEL TIVOLI SINTRA:** até 12 de Janeiro, uma colectiva com óleos de Artur Bual, Cohen Fusé e Pinheiro de Santa Maria e aguarelas de Paulo Ossião.

**O OUTRO LADO DO ESPELHO** (R. Dr. Alfredo Costa, 14 - Sintra): até 31 de Janeiro, Pintura de Hugo Ferrão "Cabeças de Estrela".

**PALÁCIO NACIONAL DE QUELUZ:** até Junho de 1990, com entrada livre, em exposição uma colecção de Pintura Portuguesa de 1842 a 1979.

**ATELIER EC** (Várzea de Colares): até 21 de Janeiro, exposição colectiva de pintura e escultura, comemorativa do 2º aniversário.

**GALERIA DE SANT' IAGO** (Centro M. Bica, loja 63 - Almada): Pintura de Maria José Camões.

**BIBLIOTECA MUNICIPAL DO BARREIRO:** até 15 de Janeiro, uma exposição sobre "O Distrito de setúbal e a Leitura Pública".

**SETÚBAL** (Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito): a exposição "Produção de Azulejos Artesanais da Região de Setúbal".

**COMUNA - TEATRO DE PESQUISA**

**2.ª FEIRA A SÁBADO - 21.30**

**★ DOMINGO, 17H ★ FOLGA - 4.ª FEIRA**

TEXTO: NATÁLIA CORREIA  
ENCENAÇÃO: JOÃO MOTA  
MÚSICA: JOSE MARIO BRANCO

**A PECORA**

«AUTO DA PAIXÃO DE SANTA MELÂNIA»

APÓIOS: PUBLICAÇÕES R. UNIV. • FNAC • CARREIRO CITY • RÁDIO COMERCIAL • ANTENA 90

PRACA DE ESPANHA T.726 0818

Subsídios: Secretaria de Estado da Cultura e Fundação Calouste Gulbenkian

## SNOOPY POR SCHULZ



## CARTAZ / TELEVISÃO

## HOJE

## RTP-1

16.40 - HOSPITAL CENTRAL  
17.25 - BRINCA BRINCANDO  
18.35 - RUA SÉSAMO

52º episódio: É tempo de ouvir uma história, «O Monstro e a Bela» e assistir, em seguida, às aventuras do detective Gualter. Os mais pequenos também podem divertir-se a aprender, desta vez a fazer sapatos.

19.00 - JOGO DE CARTAS

Concurso - 69ª sessão

19.30 - TELEJORNAL

20.00 - BOLSA DIA A DIA

20.05 - O TEMPO

20.08 - DESCOBRIR OS DESCOBRIMENTOS

20.11 - BOLETIM AGRÁRIO

20.15 - VALE TUDO

28º episódio

21.10 - PRIMEIRA PÁGINA

22.05 - CRÓNICA DO CRIME

18º episódio: Torello envolve-se com Lica Altman, ex-mulher de Steve Altman, um dos advogados utilizados por David Abrams na luta contra o império do crime dominado por Ray Lucas em Las Vegas. No meio destas questões amorosas, a filha de Lica, Traci, sente-se abandonada, mas as suas queixas acabam por dar mau resultado. Depois de ter violado Traci, Steve Altman vê-se na eminência de enfrentar a justiça na condição de réu.

22.55 - 24 HORAS

23.25 - REMATE

## RTP-2

16.55 - OS NOVOS CAÇA FANTASMAS

17.20 - UM BILHETE PARA O MUNDO

17.50 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA

19º episódio: Zezé corre para junto do



"Rua Sésamo" às 18.35 no 1º Canal



Hanna Schygulla em "Cinemadois", no 2º Canal às 21.30, "O Casamento de Maria Braun", de Fassbinder

seu amigo Minguinho e conta à árvore a travessura que fez. Paulo acaba por desistir de dar uma surras em Zezé, a pedido da mãe. Ariovalto confessa a Túlío o seu interesse pela professora Cecília, e ele confessa o seu amor pela noiva de Caetano, Jandira.

18.40 - MÚSICA BOX

19.30 - CLÁSSICOS DA TV

«O Homem da Carabina» e «O Homem Invisível»

20.20 - CINE MAGAZINE

20.50 - OBRAS PRIMAS DA PINTURA

21.00 - JORNAL DAS NOVE

21.30 - CINEMADOIS

«O Casamento de Maria Braun»: Em

plena II Guerra Mundial, Maria casa com Hermann Braun, um soldado que poucas horas depois partirá para a frente de combate, deixando na retaguarda uma mulher que tudo fará para sobreviver. A cerimónia matrimonial decorre na altura em que os aliados bombardeiam a cidade. Terminado o conflito, Maria Barun assiste ao regresso do marido com um cartaz preso às costas, símbolo do pesadelo que ainda terá de enfrentar, embora a guerra tenha, aparentemente, terminado...

Um filme de Rainer Werner Fassbinder, com Hanna Schygulla, Klaus Lowisch, Ivan Desny, Gottfried John, Gunter Lamprecht e George Bryd.

Fotografia: cor

Duração: 120 minutos.

## ALBA

ANTENAS PARABÓLICAS  
ACESSÍVEIS A TODOS

INFORME-SE NA  
AUDIMAX

TEL. 410 82 75  
ALGÉS



## AMANHÃ

## RTP-1

16.40 - HOSPITAL CENTRAL

17.25 - BRINCA BRINCANDO

18.35 - RUA SÉSAMO

19.00 - JOGO DE CARTAS

19.30 - TELEJORNAL

20.00 - BOLSA DIA A DIA

20.05 - O TEMPO

20.08 - DESCOBRIR OS DESCOBRIMENTOS

20.11 - BOLETIM AGRÁRIO

20.15 - VALE TUDO

21.10 - VAMOS JOGAR NO TOTO-BOLA

21.25 - LOTAÇÃO ESGOTADA

23.20 - 24 HORAS

23.50 - REMATE

## RTP-2

15.25 - AGORA, ESCOLHA!

16.55 - OS CAMPBELLS

17.20 - UM BILHETE PARA O MUNDO

17.50 - MEU PÉ DE LARANJA LIMA

18.30 - O HOMEM NA TERRA

19.30 - CLÁSSICOS DA TV

20.20 - LUSITANA EXPRESSO

21.00 - JORNAL DAS NOVE

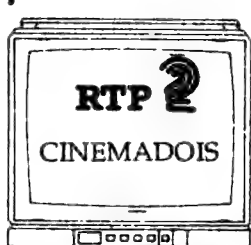
21.30 - O JOGO FINAL

22.25 - SÉCULO XX

23.15 - MÚSICA N'AMÉRICA

## BLAUPUNKT

Seleccionou para si...



● **BLAUPUNKT**  
Grupo BOSCH

Um pequeno ponto faz a diferença



SR. CONDUTOR



Facilite às crianças o atravessamento da rua

ANO EUROPEU DA SEGURANÇA RODOVIÁRIA



«Mobutu não pode defender o pluripartidarismo quando no Zaire só existe um partido.»

Durão Barroso, «Correio da Manhã», 15.01.90

## A PERGUNTA DO DIA



Emílio Rangel  
director da TSF

Porque é que a TSF não concorda com a determinação do Governo no sentido de suspender a «cadeia nacional de rádios»?

«Porque no texto da lei não há nenhum dispositivo que impeça o entendimento existente entre as emissoras que integram a cadeia nacional de rádios. Antes pelo contrário, os princípios gerais definidos na lei, a que estão obrigadas todas as emissoras de rádio, apontam para uma comunicação sem reservas e sem restrições. A generalidade dos juristas que apreciaram o texto da lei concordam que não há violação da mesma quando um grupo de emissoras coproduz um trabalho radifónico, qualquer que ele seja, e o transmite sem alienar responsabilidades editoriais. O último argumento, provavelmente o mais importante, pelo qual não nos conformamos com a interpretação da Direcção-Geral da Comunicação Social e do Governo, resulta da firme convicção de que não há razões que validem este cerco às notícias, especialmente num tempo em que se sabe que o desenvolvimento, a modernidade e a democracia exigem cada vez mais essa comunicação e essa circulação de fluxos informacionais.»

## Quarta-feira no

# Diário de Lisboa

A crónica de Joaquim Letria

Entrevista com o vice-primeiro-ministro da Roménia

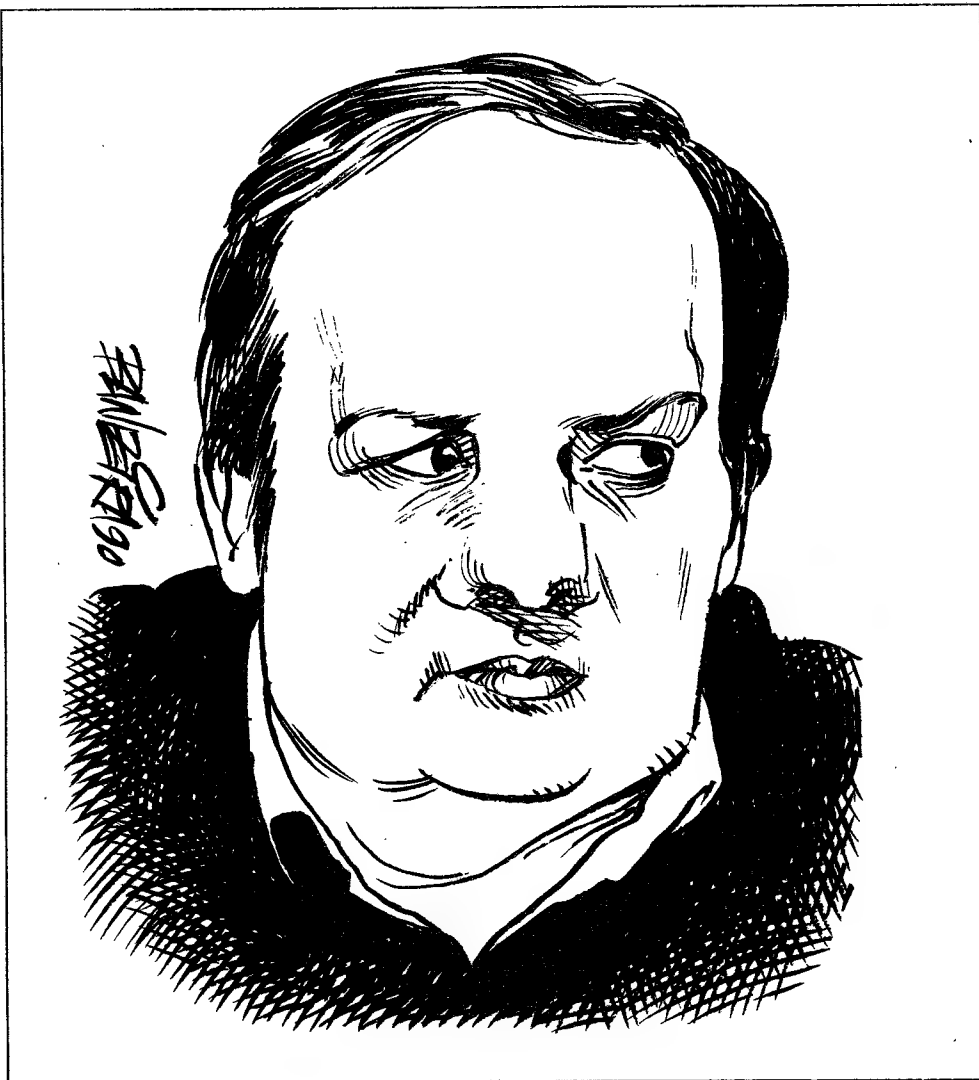
França testa novas tecnologias da informação

O cartoon de Pedro Palma

## ENTREVISTA

João Soares vai ser o novo vereador da Cultura da Câmara Municipal de Lisboa. Para já, continua a recuperar do acidente sofrido na Jamba e admite a hipótese de se fazer substituir durante algum tempo

# «Há muito tempo que não tenho sonhos»



D.L. - Como é que vai de saúde?

J.S. - Vou muito melhor do que já estive, mas não estou completamente bem. Preciso de mais algumas semanas. Estou a caminho de ficar melhor...

D.L. - Pensa que vai recuperar para a tomada de posse da nova vereação da Câmara de Lisboa?

J.S. - Plenamente não. Ainda estou a fazer fisioterapia, não estou em pleno. Admito a hipótese de me fazer substituir durante algum tempo até porque terei que fazer mais duas pequenas intervenções cirúrgicas...

D.L. - Agradá-lhe ficar com o pelouro da Cultura?

J.S. - Agradá-me muito.

D.L. - Porquê?

J.S. - Porque é uma das áreas em que é mais agradável trabalhar na Câmara Municipal de Lisboa...

D.L. - E porque é que lhe é mais agradável?

J.S. - Porque sou um homem ligado às coisas da Cultura. É uma área onde a população pode mais rapidamente dar conta do que se faz. São iniciativas de efeito mais imediato. Fomos eleitos para servir os munícipes e é necessário fazer corresponder a nossa acção às expectativas criadas. E eu estou disponível para essa tarefa.

D.L. - Quais vão ser as ideias-força

para a sua acção como responsável pelo pelouro da Cultura?

J.S. - Fundamentalmente, transformar Lisboa numa cidade ao nível das outras capitais europeias. Transformá-la para melhor responder aos desafios futuros. Isto sem nenhuma espécie de megalomanias. Há um balanço a fazer entre as necessidades de uma cidade com problemas tão grandes como os que Lisboa tem, mesmo na Cultura, e aquilo que é a ambição de Lisboa como capital europeia.

D.L. - Qual vai ser a primeira medida que vai tomar?

J.S. - A primeira medida que vou tomar não lhe posso dizer. A primeira coisa que vou fazer é falar com as pessoas com quem vou trabalhar. Não estou em condições de lhe adiantar muito mais.

D.L. - Já sonha com a possibilidade de vir a ser presidente da Câmara?

J.S. - Há muito tempo que não tenho sonhos! Não. Sou um homem do concreto, não vivo de sonhos...

D.L. - Mas pensa nisso?

J.S. - Pois, penso nisso porque é uma perspectiva agradável. Significaria que o PS estaria à frente dos destinos do País. Mas agora o que é importante é aproveitar a vitória da esquerda para corresponder às expectativas criadas e resolver os problemas de Lisboa.

A.J.T.

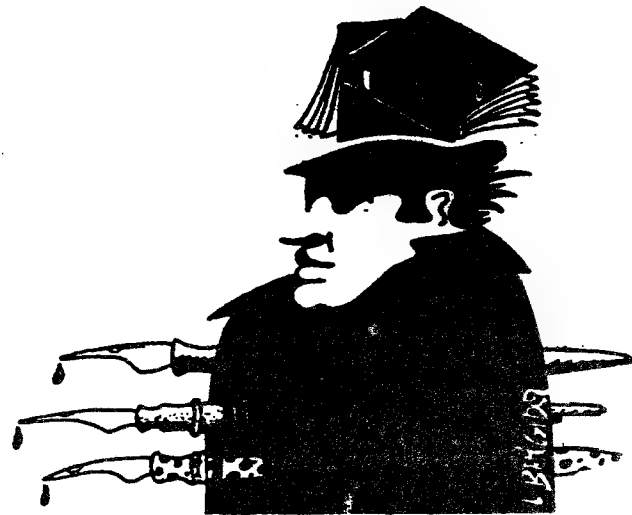


## Receita vienense

Língua afiabrada com puré de ervilhas, só em Viena, digo ao comensal do jantar, enquanto consumirmos a mal aquecida língua à florentina (?) num restaurante das Avenidas Novas. Não por acaso lembrei-me da receita vienense. Acabei de ver, no *Quarteto* do nosso descontentamento, um belo filme *Regresso a Viena*, feito em Viena, por Axel Corti.

De novo surge, em preto e branco de todos os matizes, essa capital amada e odiada, do colaboracionismo cortês, de difícil luta pela pureza, Viena de tantos grandes artistas e cientistas, em geral detestada ou pelo menos ironizada por eles, Viena dos «terceiros homens», uma cidade teatral mas também mascarada, insegura, de elite e de espírito de porteiras.

Filme, segundo um crítico, como se falasse latim, língua morta. Talvez eu não compreendesse bem o que queria dizer esse atento observador da cultura cinematográfica, M. S. Fonseca, no *Expresso*, mas embora conceda algumas dificuldades para decifrar os contextos históricos, o dialectal vienense, e sobretudo a espessura das personagens feita através de cenas-sequências, é um latim bem compreensível no seu todo. Aliás, o que podia escapar aos críticos da especialidade - é o lado teatral da obra. Não só porque a heroína é actriz e os dois militares americanos-emigrantes regressados são nomeados dirigentes teatrais em Viena, não só porque algo de teatral paira sobre os episódios, mas porque *Regresso a Viena* é uma homenagem ao amargo vienense que do teatro fez a tribuna poética, irónica, frívola e filosófica, Arthur Schnitzler. Ele está nas curtas cenas a dois e três, é citado implicitamente e explicitamente, ouve-se a música do mais conhecido filme feito da sua comédia, é omnipresente o seu espírito de Viena anti-Viena que tem alguns fans em Lisboa anti-Lisboa.



Arthur Schnitzler tal como Thomas Benhard, há pouco desaparecido, outro grande dramaturgo austríaco, esse que proibiu, pouco antes de morrer, que as suas peças fossem produzidas na sua dolorosamente amada odiada pátria, não precisavam do latim para nada. *Ite missa est.*

Jorge Listopad

A.M.A. Auto Monumental de Aveiro

CONCESSIONÁRIOS



AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telef. 894185/6/7/8

1000 LISBOA

Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75

# SUPLEMENTO DE ECONOMIA

Diário de Lisboa

## «Explosão» no sector extractivo dá saldo comercial positivo

O secretário de Estado da Energia revela que Portugal alcançará em 1991 um quarto da produção comunitária de minérios metálicos e mostra-se esperançado na existência de petróleo em território nacional

Portugal vai alcançar em 1991 um quarto do total da produção comunitária de minérios metálicos, prevendo-se que as exportações do sector extractivo atinjam no corrente ano os 90 milhões de contos. Em entrevista ao DL, o secretário de Estado da Energia, Nuno Ribeiro da Silva, refere o facto de, pela primeira vez, o saldo comercial deste sector ser positivo, excluindo os materiais de valia energética - carvão, gás e petróleo.



Ribeiro da Silva: «Vai haver uma explosão nas exportações»

Estamos, portanto, perante uma «explosão» na actividade extractiva, para a qual contribui o facto de se terem encontrado novos e importantes recursos, bem como a criação de um ordenamento jurídico que substitui uma

base legal que vem dos anos 20.

Mas outras iniciativas estão em marcha para ultrapassar «a falta de capacidade empresarial portuguesa» num sector em que Portugal, pelo menos

no domínio dos minérios metálicos, está fortemente dependente de agentes estrangeiros.

Por exemplo, fortes incentivos à pesquisa, prospecção e exploração de recursos minerais, comple-

mentados com apoios à industrialização desses mesmos recursos, estão a começar a despertar o interesse dos agentes económicos portugueses.

Durante a entrevista com Nuno Ribeiro da Silva falou-se da protecção dos recursos minerais da agressão de terceiros, bem como dos mitos de riquezas «incalculáveis» que o imaginário popular «coloca» no subsolo português - o petróleo, o ouro, o urânio...

Quanto ao petróleo, se o Governo não acredita que ele exista no Beato, tem, no entanto, fundadas esperanças de que o «ouro negro» se encontra em Portugal em quantidade e qualidade suficiente para poder vir a ser explorado. Vestígios não faltam.

O urânio, pelo menos nos anos mais próximos, já deu o que tinha a dar. O preço do petróleo baixou, as centrais nucleares criam problemas mais complexos do que aqueles que resolvem, novos e maiores produtores surgiram nos últimos tempos, fazendo baixar os preços nos mercados internacionais.

O ouro surge como nova e promissora esperança. A velha mina de Jales foi reactivada, em Montemor foram descobertos novos recursos que vão ser explorados.

Restam os metais raros, que estão a ter crescentes aplicações nos novos materiais e que se começam agora a ser pesquisados e prospectados em Portugal.

Centrais

## Convergência e divergência

«Há que convergir, mas também que divergir dos nossos parceiros comunitários. Há que convergir antes de mais nas taxas de inflação, mas também, por exemplo na desregulamentação, na liberdade de circulação - interna e externa - do trabalho e capital. Há sobretudo que divergir nas taxas de crescimento real, por forma a convergir para os níveis comunitários de desenvolvimento e bem-estar. Há que, em resumo, crescer rapidamente e desinflationar ao mesmo tempo».

Como administrador do Banco de Portugal, Luís Miguel Beza mantinha esta posição em 1988. Será que a mantém como ministro das Finanças? Geraldo Dias, economista e assistente na Universidade Autónoma de Lisboa, comenta o texto de Miguel Beza e levanta questões que ele suscita. «Para uma concepção estritamente liberal do económico todos os desequilíbrios são passageiros. Como explicar então os desequilíbrios recorrentes? E como pôr de acordo os actores sociais em relação a um referencial de estabilidade?».

Pág. 7

## Privatizações já agitam Parlamento

O concessão à Solisnor da exploração da Setenave vai ser sujeita, a pedido do PS, a ratificação do plenário da Assembleia da República. Entretanto, naquele órgão, estão a levantar-se dúvidas sobre o processo de privatizações em curso nos Açores, o qual está a ser levado a cabo desenquadrado da legislação da República. No Parlamento, esta questão tem perturbado a discussão da Comissão que analisa a Lei Quadro das Privatizações.

Pág. 3

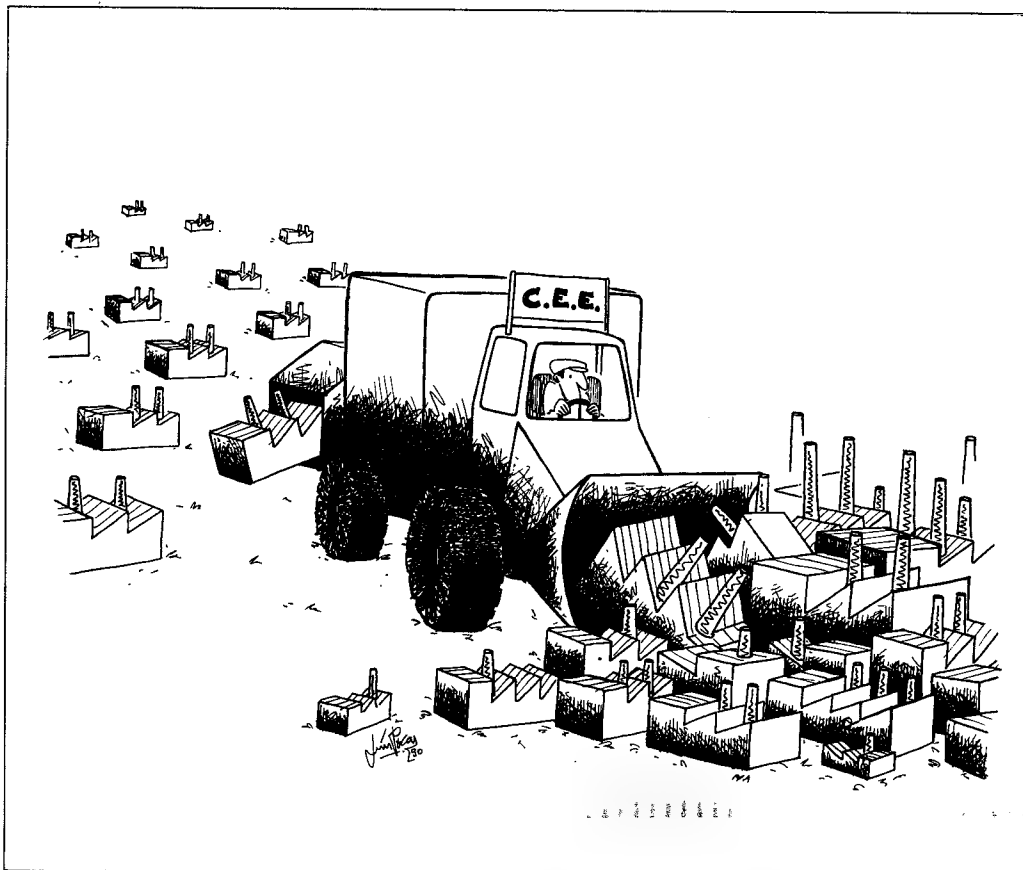
## «Anti-trust» comunitário não afecta Portugal

Bruxelas aprova, ao fim de 16 anos de negociações, leis que visam controlar os volumes de negócios realizados por grupos de empresas da Comunidade, desde que ultrapassem montantes pré-estabelecidos. É uma regulamentação anti-trust a que Portugal não deverá estar sujeito, nos anos mais próximos, dada a actual dimensão do tecido empresarial. Mas a prevista privatização das grandes sociedades, com o (re)aparecimento dos grandes grupos, pode ser determinante para o futuro.

O controlo comunitário foi tido, de há muito, como indispensável para a concretização do grande mercado interno, sendo fundamental para a criação de condições favoráveis à cooperação industrial. A harmonização do direito das sociedades, cujo programa cria um ambiente jurídico homogéneo para os negócios e investimentos na Comunidade, terá um documento complementar, a partir da data de entrada do novo regulamento, em Setembro.

Em Portugal empresários e correctores parecem encontrar-se em estado de «esperar para ver». Até porque a consciência da realidade da realidade permite estar nessa fase. Mas a possibilidade de se registarem alterações profundas na dimensão social do Mercado Único, com ênfase num eventual e temido «dumping» social, é uma questão, ela também, que não é esquecida.

Pág. 8



## Presidência conformista na CEE

A Comunidade Europeia não deverá dar passos importantes nos próximos seis meses, pois que a presidência irlandesa prefigura-se como hesitante, conformista e conservadora. Os campos económico e mais em particular o social, não se mostram capazes de estimular a Irlanda a fazer história no desenvolvimento da CEE.

Pág. 3

# Defesa do Turismo foi tema forte da BTL

*Cardoso e Cunha diz que não se deve matar galinha dos ovos de ouro*

A segunda edição da Bolsa de Turismo de Lisboa (BTL 90), que entre os dias 10 e 14 deste mês foi visitada por cerca de 45 mil pessoas, foi também palco de debates e de reuniões onde foram analisadas a qualidade do turismo e a defesa dos profissionais do sector. Cardoso e Cunha, comissário europeu do pelouro, disse que a melhor solução para a actividade turística, em Portugal, «passa pela melhoria e pela rentabilização, a longo prazo, porque de contrário assistiremos à morte da galinha dos ovos de ouro».

## Futuro depende da qualidade

Por outro lado, enquanto se espera que este ano seja mau para o turismo no Algarve, uma vez que o mercado inglês continua em re-

cessão e os da RFA e da Holanda vão estabilizar, a Associação Portuguesa de Directores Técnicos das Agências de Turismo (ASDITEC), pela voz do seu presidente, afirma que o futuro do turismo depende, acima de tudo, da qualidade, a qualquer nível.

Esta associação promoveu, na BTL 90, o I Congresso Internacional dos Técnicos de Turismo, em paralelo ao seu II Congresso Nacional. Na altura foi apresentada a Comissão das Associações de Técnicos de Turismo da Europa Comunitária (CATTEC), que integra as representações de Portugal, Espanha, França e Itália.

O objectivo da Comissão é o de elaborar o Estatuto Europeu do Técnico de Turismo. Outros pontos contidos nas conclusões e recomendações

apontam para a defesa da actividade, nomeadamente no que se refere à formação e dignificação da profissão, bem como ao combate a concorrentes ilegais.

## Esforço colectivo

Cardoso e Cunha afirmou que o turismo, como grande actividade económica que é, necessita do esforço colectivo para ser defendido e desenvolvido, o que permitirá que contribua para o acelerar do desenvolvimento do país, ajudando a colocá-lo aos níveis da Europa Central.

O presidente da ASDITEC, José Cosmelli, por seu lado disse que os primeiros defensores da qualidade do produto turístico são os agentes de viagem. «O turismo dos nossos dias não se compadece com o individualismo, antes

necessita da comunhão de esforços e, até, de muita amizade, encontrando-se aqui a criação da CATTEC», acrescentou.

A actividade dos agentes e demais operadores pode ter entrado em fase diferente, numa altura em que se aproxima o fim do Ano Europeu do Turismo, em Março próximo. Giovanni Bastianini, da Comissão das Comunidades Europeias, que esteve presente na BTL 90, disse considerar uma vitória se, no fim desta comemoração, não for necessária uma comissão especializada para decidir o que irá ser feito em 1991.

«O turismo é o campo certo para incrementar as possibilidades de estabelecer uma estreita colaboração entre todos os países da Europa e não apenas entre os 'doze' habituais», afirmou igualmente Gionavni Bastianini.



Já se anuncia a BTL de 1991

## SPRINT nas pequenas e médias empresas

A rede de informação científica e tecnológica SPRINT- Eurolink vai ser divulgada, esta semana, no meio empresarial português através do CIDECE, Centro Interdisciplinar de Estudos Económicos.

O objectivo de um encontro, entre estas duas entidades, que começa hoje em Lisboa e se prolonga até ao próximo dia 14, é o de mostrar todas as potencialidades estratégicas do SPRINT e as possibilidades de concretizar situações de cooperação internacional nos planos técnico e económico.

A delegação do SPRINT, que reúne participantes de Portugal, Bélgica, Espanha, França e Reino Unido, vai contactar com empresários nacionais e visitará diversas PME's das regiões de Lisboa e Marinha Grande.

Esta rede de informação foi criada em 1986 e é considerada como uma das mais activas «networks» europeias do «Strategic Program for Innovation and Technological Transfer», centrada na faixa atlântica da CEE.

## Reintegrações e amortizações reguladas por decreto-lei

*Criadas perspectivas dinâmicas para crescimento e expansão das empresas*

As reintegrações e as amortizações, referentes ao IRC, Imposto sobre o Rendimento das Pessoas Colectivas, desempenham «um papel estratégico em termos de política económica e de gestão empresarial», afirma-se no preâmbulo do decreto-lei que as regula, publicado no Diário da República, no passado dia 12 de Janeiro.

Este decreto regulamentar começa por enunciar as condições gerais de aceitação ou não das amortizações e reintegrações, para efeitos fiscais,

e a concretização em termos de valorimetria da base de cálculo.

Apresenta, por outro lado, a noção de período de vida útil, definindo-se o que se deverá entender por período máximo e mínimo de vida útil.

O diploma destaca dois métodos de cálculo possíveis, o de quotas constantes, de carácter geral e o de quotas degressivas que resulta, em alguns casos, de uma opção dos contribuintes.

Este último método indica

o modo de cálculo das quotas de reintegração que podem ser praticadas nos últimos anos do período de vida útil do bem.

As quotas previstas no decreto regulamentar são anuais, admitindo-se, no entanto, a prática por duodécimos, explicitando-se os casos em que pela natureza da situação seja obrigatória a aplicação por duodécimos.

O decreto-lei regulamenta também o princípio da uniformidade dos métodos de reintegração e amortização,

esclarecendo o seu alcance. Disciplina também a possibilidade de se poder aceitar uma quota superior à máxima que puder ser praticada de acordo com o método utilizado, em caso de utilização intensiva dos elementos patrimoniais.

Regula-se, por outro lado, a faculdade de se poderem aceitar reintegrações ou amortizações mais elevadas, devido à ocorrência de desvalorizações excepcionais, por causas anormais devidamente comprovadas.

Publicidade

**O CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS** vai equipar as suas agências com quadros electrónicos de cotações de câmbios.

Estes quadros, dispondo de uma INTERFACE RS 232-C, permitem a sua ligação ao sistema central que diariamente fará as alterações verificadas.

O sistema foi fornecido pela J.C. MARKETING & ELECTRÓNICA, LDA., de Lisboa.

## Promoção de investimentos entre Portugal e Espanha

A recente assinatura do protocolo de cooperação entre o Banco de Fomento e Exterior (BFE) e o Banco de Crédito Industrial de Espanha irá permitir a intensificação da promoção conjunta do investimento nos dois países, segundo afirmou João Salgueiro, presidente da instituição portuguesa.

Segundo acrescentou, o facto do BFE, actual denominação do Banco de Fomento Nacional, e o BCI de Espanha estarem integrados no grupo de bancos da Comunidade Europeia especializados no crédito a médio e longo prazos, pode levar a que as duas instituições transcendam a cooperação bilateral e se alar-

guem ao âmbito dos países comunitários, nomeadamente no que se refere à promoção de «joint-ventures».

O protocolo assinado na passada semana abre novas áreas de trabalho em comum, entre as quais a financeira e a de formação profissional.

O documento agora renovado foi estabelecido há quatro anos e visa, entre outros pontos, a pesquisa e promoção de investimento de empresas espanholas em Portugal e de portuguesas em Espanha.

Sobre este ponto disse Luís Escarriaza, presidente do BCI de Espanha, que são cerca de mil as empresas portuguesas com participações da capital

espanhol, enquanto que só 84 sociedades portuguesas detêm participação em congéneres espanholas.

Conforme acrescentou, este acordo, «útil às duas instituições e empresários de ambos os países», visa a pesquisa e a promoção de investimento de empresas espanholas em Portugal e de empresas portuguesas em Espanha.

Entre outros pontos, o recente acordo prevê que um empresário espanhol tenha, em Portugal, junto do BFE, o mesmo tratamento que teria junto da instituição espanhola, o mesmo acontecendo em situação inversa, com empresários portugueses em Espanha.

## ECONOMIA

Europa social em causa

# Presidência irlandesa hesitante e conformista

Do nosso correspondente em Bruxelas

Durante o próximo semestre, a presidência dos Doze pode caracterizar-se por uma actuação hesitante, conformista e conservadora. A ideia prevalece desde que, há poucos dias, em Bruxelas, os irlandeses se manifestaram pouco motivados para fazer avançar o programa de acção no âmbito dos direitos fundamentais dos trabalhadores, emanado do gabinete da comissária Vasso Papandreou.

Ficou patente, no encontro realizado na Comissão, que a presidência irlandesa mostra uma grande capacidade para ouvir pontos de vista, mas pouco interesse em assumir um papel dinâmico em termos de medidas concretas.

«Ela está um bocado na reticência», comenta o deputado socialista João Cravinho, que integrou uma delegação que se deslocou a Dublin para conhecer os objectivos dos sucessores dos franceses na presidência dos Doze.

Cravinho mostrou-se frustrado com os resultados da diligência: «Os problemas económicos têm muita importância na nossa sociedade para se criarem condições para uma melhoria de vida dos europeus. Mas, depois, é necessário ter acesso a esse nível. Aí, então, surge a dimensão social, onde os direitos fundamentais dos trabalhadores assumem um papel primordial».

## Unanimidade?

Paralelamente à questão da União Económica e Monetária, a Carta Social tem sido um dos pontos de discórdia entre os parceiros comunitários. A posição do Reino Unido, na cimeira de Dezembro, em Estrasburgo, clarificou uma situação que até aí alguns observadores consideravam ambígua. Margaret Thatcher respondia, nessa



Cravinho e Torres Couto: dois euro-deputados com dúvidas

altura, a Jacques Delors com um peremptório não a ambos os «dossiers». Agora a questão passou a ser essencialmente jurídica.

Vasso Papandreou possui um naipe de medidas que, em princípio, se vierem a ser aprovadas, passam a ser um instrumento importante visando a construção da Europa social. Mas se as directivas tiverem de ser aprovadas por unanimidade, nada passará de um jogo de intenções sem qualquer efeito prático. Assim, para o Parlamento, pouco interessa o que a Comissão pretende propor. O que está em jogo é a base jurídica, a possibilidade de se recorrer ou não aos artigos 118-A e 100-A, que não obrigam à regra da unanimidade. Nessa altura saberíamos com clareza a posição de cada um dos países. Até lá, a ambiguidade continua a imperar e há quem se esconda por detrás da irreversibilidade da primeira-ministra britânica.

## Satisfatório

Na perspectiva do deputado Torres Couto, o programa de acção da comissária Vasso Papandreou não é

perfeito, «mas consubstancia grande parte das nossas preocupações». A comissária, segundo o secretário-geral da UGT, acabou por contemplar no programa as grandes sugestões feitas, nomeadamente pelas forças sindicais europeias.

«Ele dá-nos algumas garantias, se houver o compromisso político de que é para ser executado e aplicado em termos vinculativos por todos os Estados membros», afirma, para acrescentar: «Não pode ser uma declaração de princípios, sujeita depois à abordagem arbitrária no plano nacional, que cada um dos Estados venha a fazer».

Torres Couto considerou ainda que, se o programa de acção vier a ser calendarizado até 1993, «não sendo óptimo, é um contributo muito sério para caminharmos para a normalização social, sem a qual não haverá coesão social e, sem esta, o mercado interno, na minha perspectiva, tem os dias contados».

Recorde-se que, na cimeira de Estrasburgo, onze chefes de Estado e de Governo adoptaram a «Carta Comunitária dos Direitos Sociais Fundamentais dos Trabalhadores», que traduz o em-

penhamento num modelo de relações sociais inspirado em tradições e práticas comuns de referência para, no futuro, melhor terem em conta a dimensão social na evolução da Comunidade.

O Conselho Europeu tomou então nota do programa de acção apresentado pela Comissão para a aplicação concreta da carta e convidou as instâncias nacionais e comunitárias a darem-lhe rápido seguimento, no respeito das suas respectivas competências. Com alguma preocupação verifica-se que, pelo menos numa primeira abordagem, a Irlanda parece não ter aceiteado o convite.

Em Estrasburgo, no entanto, o país que agora preside ao Conselho dos Doze manifestou-se solidário com a adopção de medidas relativas à saúde e segurança dos trabalhadores, com as acções comunitárias respeitantes à inserção dos jovens desempregados, com a luta contra o desemprego de longa duração e com a formação profissional. Todos eles constituem elementos decisivos da dimensão social que se pretende inserir na Comunidade.

José Rui Cunha

## Consumo e investimento baixam em Portugal

Inflação mais controlada e aumento da dívida externa mesmo com condições cambiais favoráveis

A inflação foi de 12,7 por cento em 1989, diz o Instituto de Estatística, mas o seu nível médio tende a estabilizar, acrescenta o Banco de Portugal. Entretanto baixa o consumo privado, abranda o investimento e a indústria transformadora estagna e a extrativa expande-se. O mercado do emprego vai reagindo favoravelmente à situação descrita e a dívida externa vai aumentando, mesmo com as flutuações cambiais favoráveis. As reservas de ouro vão tendo um bom comportamento e as exportações vão aumentando mais do que desce o consumo interno.

Para o Banco de Portugal, «os aspectos mais marcantes da evolução recente da conjuntura» são a estabilização da inflação, após crescimento continuado durante vários meses, e os sinais de abrandamento da procura interna.

No consumo privado, diz aquela instituição, a desaceleração foi nítida no segmento dos bens duradouros, mas ela também se fez sentir nos de consumo corrente, especialmente nos não alimentares.

Mas também esta última área deverá vir a ser afectada, pois que, segundo o Instituto de Estatística, foi nos sectores de alimentação e bebidas e dos transportes e comunicações que se verificaram os maiores aumentos de preços no ano passado, tendo sido mais agravados no final de 1989 e no início de 1990.

## Indústria

Entretanto, a procura global da indústria transformadora registou em Dezembro o seu valor mais baixo de 1989, segundo revela o inquérito mensal de conjuntura do Instituto Nacional de Estatística.

Apesar disso, o indicador de confiança registou um ligeiro aumento face aos meses anteriores. Trata-se de uma situação difícil de compreender face aos principais indicadores macroeconómicos, em particular os que apontam para uma retracção do consumo.

Em Dezembro, os stocks dos produtos acabados permaneceram acima do normal, embora o seu nível tenha diminuído relativamente ao mês anterior, o que é natural se tivermos em conta que o mês passado é tradicionalmente de grandes compras. Aliás, tal como refere o Banco de Portugal, registam-se sinais de abrandamento no investimento, em particular na área do equipamento, fundamental para a modernização das empresas.

## Balanças

O banco central revela também que nos primeiros nove meses de 1989 a balança de transacções correntes apresentou um índice estimado de 361 milhões de dólares, o que, diz, «indica uma melhoria substancial em relação ao período homólogo anterior». O saldo negativo foi de 627 milhões de dólares.

Para esta instituição, a evolução é favorável e reflecte a progressão positiva das exportações de mercadorias (crescimento acumulado de 16,9 por cento desde Janeiro), bem como o contributo do saldo das receitas do turismo.

Por seu turno, a balança de capitais não monetários registou um excedente estimado em três biliões e 863 milhões de dólares.

As disponibilidades líquidas do sector monetário sobre o exterior (com o ouro avaliado a preços de mercado) ascendiam, no fim de Outubro, a 16 biliões e 885 milhões de dólares, o que representa um ligeiro decréscimo relativamente a Setembro.

Finalmente, refere-se que o Banco de Portugal diz que, apesar do afluxo elevado de créditos externos, a dívida externa cresceu apenas 267 milhões de dólares nos primeiros nove meses de 1989, cifrando-se o seu saldo no final de Setembro em 17 biliões e 628 milhões de dólares, mercê do comportamento favorável das flutuações cambiais.

## Exploração da Setenave chamada ao Parlamento

O PS requereu a sujeição a ratificação parlamentar do decreto-lei que autoriza a cessão de exploração da Setenave. Mais do que eventuais discordâncias, é a forma como este assunto foi tratado que está em causa. Os socialistas consideram que a matéria subjacente a esta decisão governamental, que se segue a outra idêntica respeitante à Petroquímica, merece uma discussão no Plenário da Assembleia.

Aquele decreto atribuiu a um consórcio formado pela Soponata, pela Lisnave e pela empresa norueguesa Barber International a exploração da Setenave, durante um período de sete anos, renovável por períodos de cinco anos, em

troca de uma renda anual de 200 mil contos mais percentagens sobre facturações.

O sector de reparação e construção naval tem, segundo o «The Economist», um futuro interessante, dado que metade da frota de superpetroleiros tem mais de 15 anos e será substituída nos próximos sete anos. A esta «velhice» juntam-se os crescentes protestos suscitados pelos frequentes desastres ecológicos, de que o provocado pelo petroleiro iraniano «Kharg» é o último exemplo.

O facto dos preços dos superpetroleiros terem subido 15 por cento em 1989 e de se esperar novos aumentos para este ano constitui, de alguma

forma, um indicador da prevista alteração da tendência.

## Privatizações

Dúvidas sobre a legitimidade jurídico-constitucional do método das privatizações de empresas públicas das Regiões Autónomas perturbaram a discussão que a Comissão Parlamentar tem feito sobre o assunto. Neste momento, esta espera que os Governos regionais emitam o seu parecer sobre o projecto de decreto-lei.

A razão das dúvidas prende-se com a iniciativa tomada pelo executivo açoreano de avançar nas privatizações de forma desengadada da legislação da República. Com efeito, a Lei

das Privatizações aplicar-se-á a todas as empresas nacionalizadas.

Álvaro Dâmaso anunciou, entretanto, na passada quinta-feira a intenção de privatizar a SATA, o que de resto também já sucedera há um ano. O Governo de Mota Amaral criou um Instituto de Investimento e Privatizações dos Açores e divulgou os nomes das empresas a privatizar: além da transportadora aérea, a lista inclui a Açoreana Seguros, que está a expandir-se ao resto do território nacional, a Empresa de Electricidade dos Açores (EDA), o Banco Comercial dos Açores (BCA) e a empresa de lotas.

R.N.

## Criado núcleo da AIP em Nova Iorque

Protocolo aproxima comércio entre Portugal e os EUA

O primeiro núcleo da AIP, Associação Industrial Portuguesa, no estrangeiro, foi criado no final da passada semana em Nova Iorque, através de um protocolo assinado com a CCLANI, Câmara de Comércio Luso-Americana de Nova Iorque.

Aquelas duas organizações haviam já estabelecido um acordo de cooperação em 1979, o qual se destinava a definir as bases do relacionamento empresarial dos seus associados.

Foi, no entanto, a adesão de Portugal à CEE, e a própria economia mundial que levaram a que se procedesse

agora a uma remodelação mais ampla e operacional, contemplando o novo papel dos grandes blocos económicos.

As áreas de interesse recíproco como o comércio, o investimento e a criação de «joint-ventures» são tratadas com um especial empenhamento.

A AIP passa, assim, a partir da assinatura deste protocolo, a representar a CCLANI, a nível institucional, junto do empresariado português e comunitário, constituindo-se, dessa forma, como «procurador da Câmara em Portugal e na CEE» sempre que para tal seja solicitado.

## Acrescentar valor às matérias-primas

Estão a ser desenvolvidas acções para que, mais do que exportador de matérias-primas minerais, Portugal possa ser também um importante produtor de materiais transformados, área em que, no domínio da metalurgia, este país é altamente deficitário, com todos os prejuízos que daí advêm. Trata-se, portanto, de dar valor acrescentado aos recursos naturais.

Há áreas em que já existe uma importante malha industrial de transformação de matérias-primas: cerâmica, cimento e vidro.

Nas rochas ornamentais também a situação vai melhorando. «Em 1989 exportou-se, pela primeira vez, rocha ornamental em obra acima dos 50 por cento das exportações em bloco», revela Nuno Ribeiro da Silva. No entanto, considera que, nesta última área, ainda muito há a fazer, sendo a actual aposta criar condições para explorar «todos os efeitos induzidos que podem advir de dispormos um património riquíssimo em termos de rochas ornamentais».

Efeitos que se pretende que ultrapassem as fronteiras da exploração, promovendo, por exemplo, a fabricação de equipamentos de corte e trabalho da rocha, seja para consumo interno seja para exportação.

Como referimos, é no domínio dos recursos metálicos que a situação se apresenta pior, sobretudo naqueles em que Portugal é importante produtor. Estão neste último caso as áreas do cobre e do estanho, onde só agora está a ser estudada a possibilidade de desenvolver metalurgias.

No caso do cobre, o IPE criou com uma empresa finlandesa de grande tradição mundial neste domínio uma companhia que estuda a possibilidade de se lançar em Portugal uma metalurgia do cobre. Em Abril próximo já deverá haver uma decisão.

No que se refere ao estanho, também em Abril, entra em funcionamento uma nova lavaria em Neves Corvo e há interesse de empresários portugueses em arrancar com uma metalurgia para fornecer os mercados nacional e internacional.

Neste momento já se pensa na reactivação da antiga metalurgia de Mangualde, que está parada há alguns anos. Entram no projecto o IPE e os grupos Quintas e Fafe.

V.L.

Recursos minerais permitem exportar 90 milhões de contos em 1990. O secretário de Estado da Energia revela estratégia para o sector e fala de problemas e esperanças

## Portugal: um quarto da produção de minérios metálicos da CEE

Portugal deverá exportar cerca de 90 milhões de contos de minério até ao final de 1993 e em 1991 atingirá um quarto da produção comunitária de minérios metálicos, tornando-se no maior produtor europeu de tungsténio, cobre e estanho e um dos mais importantes de prata, chumbo e zinco.

Estes elementos foram revelados ao DL pelo secretário de Estado da Energia, Nuno Ribeiro da Silva, que garante: «Em termos comerciais, passaremos a ter, no final deste ano, um superávit pela primeira vez na história do sector extractivo em Portugal, excluindo os materiais de mais-valia energética - carvão, petróleo e gás». Considera ainda que este facto se fica a dever a um crescente interesse dos agentes económicos, nacionais e estrangeiros, pelo sector extractivo português.

Ribeiro da Silva falava a propósito do ordenamento legislativo em curso para o sector extractivo, o qual, diz, tem por preocupação «modernizar, dar coerência, simplificar, arrumar e acrescentar» toda uma legislação que tem a sua raiz nos anos 20 e que ao longo do tempo vinha sendo

«atamancada» com leis avulsas.

São sete os diplomas que vão regulamentar a actividade extractiva em Portugal, o primeiro dos quais define uma série de princípios que são universais às seis subáreas em que se divide a referida actividade.

Um diploma disciplina a subárea dos depósitos minerais (minas), outro as massas minerais (pedreiras), seguindo-se-lhes os relativos às águas de nascente (de mesa), águas minerais, águas minero-industriais e recursos geotérmicos, sendo que as duas últimas subáreas são pela primeira vez regulamentadas.

Dentro em breve mais dois diplomas serão publicados: o que se refere à exploração de hidrocarbonetos e o que regulamenta a higiene e segurança do trabalho em minas e pedreiras.

### Massas minerais

Na área das massas minerais verifica-se um aumento substancial de actividade das pedreiras para obras públicas e indústria transformadora. De salientar «a explosão tremenda» que se verifica na procura de argilas especiais

e do caulino, produtos que, diz o Nuno Ribeiro da Silva, têm vindo a conhecer um interesse empresarial muito grande, o que resulta na substituição «de uma exploração improvisada por uma outra mais apetrechada técnica e materialmente».

Ainda na área das pedreiras, outro sector em «grande explosão» é o das rochas ornamentais. «Portugal é actualmente o segundo país no mercado mundial», diz Ribeiro da Silva ao revelar que as exportações duplicaram em três anos e ao considerar que temos um «catálogo» rico em qualidade, diversidade e quantidade.

Factores que se querem valorizar. E é nesse sentido que vai a criação de um centro de valorização de rochas ornamentais, a instalar em Borba com um investimento inicial de 400 mil contos, contando com a participação activa de todos os agentes económicos que têm interesse directo ou indirecto no sector.

Também comportamento satisfatório tem tido a subárea das águas, quer de mesa quer minero-medicinais. É um domínio que tem visto aumen-

tar fortemente as exportações.

Refere Ribeiro da Silva que, nos últimos anos, «verificou-se uma intensificação da exploração destes recursos por empresas já instaladas, tendo ainda surgido novas empresas que têm tido enorme sucesso quer nos mercados internos quer externos».

### Recursos mineiros

Entretanto, na área dos recursos mineiros, também se verifica um novo fôlego, seja pela reactivação de minas que estavam a ter pouca actividade seja pela descoberta de novos recursos. «Aparecemos já como país altamente superavitário na área dos minérios metálicos, o que vai trazer uma explosão nas exportações», diz Nuno Ribeiro da Silva.

Refere em particular o caso do cobre e do estanho, minérios que se vêm juntar ao tradicional peso de Portugal no contexto comunitário no tungsténio, urânio e pirites.

Na área do ferro Portugal continua fraco. Os teores são demasiado baixos, não havendo a possibilidade do ferro ser competitivo, em particular após a entrada em fun-

## Defender recursos de agressões

Habitúamo-nos a ouvir, ler e falar da agressão ao ambiente e aos seres humanos que constitui, por vezes, a actividade de exploração de recursos minerais. São factos ineludíveis. Todos nos recordamos, por exemplo, de Barqueiros ou do Viso (Setúbal). Mas a verdade é que aqueles mesmos recursos também são agredidos pelo homem. Quer dizer, o sector extractivo também pode ser vítima de agressão por terceiros.

Por isso também há que assumir a sua defesa. E uma das leis agora aprovada vai nesse sentido.

Depósitos minerais, pedreiras, águas têm de ser protegidas, porque são um recurso que, como diz Ribeiro da Silva, «está localizado numa zona onde a natureza o impôs e, face a isto, tem de existir uma consciência de que essa zona deve ser preservada de outras utilizações, sob pena do país perder um potencial de riqueza».

Acrescenta que se trata de um caso de conflito de interesses que tem consequências económicas, sociais e políticas e que, reconhece, tem vindo a acentuar-se nos últimos tempos.

Elabora os casos que mais impacto público tiveram: a construção de uma escola (Viso - Setúbal) em cima de uma pedreira em funcionamento há 60 anos, com todos os riscos que daí advêm para as crianças, mas também para o empreendimento empresarial e que, com o impacto público que teve, também representou problemas políticos desne-

cessários.

Todos se lembram também do caulino de Barqueiros. «A jazida daquele mineral já lá estava e vale muito dinheiro. No entanto, prolongou-se a urbanização para a sua área», comenta Ribeiro da Silva.

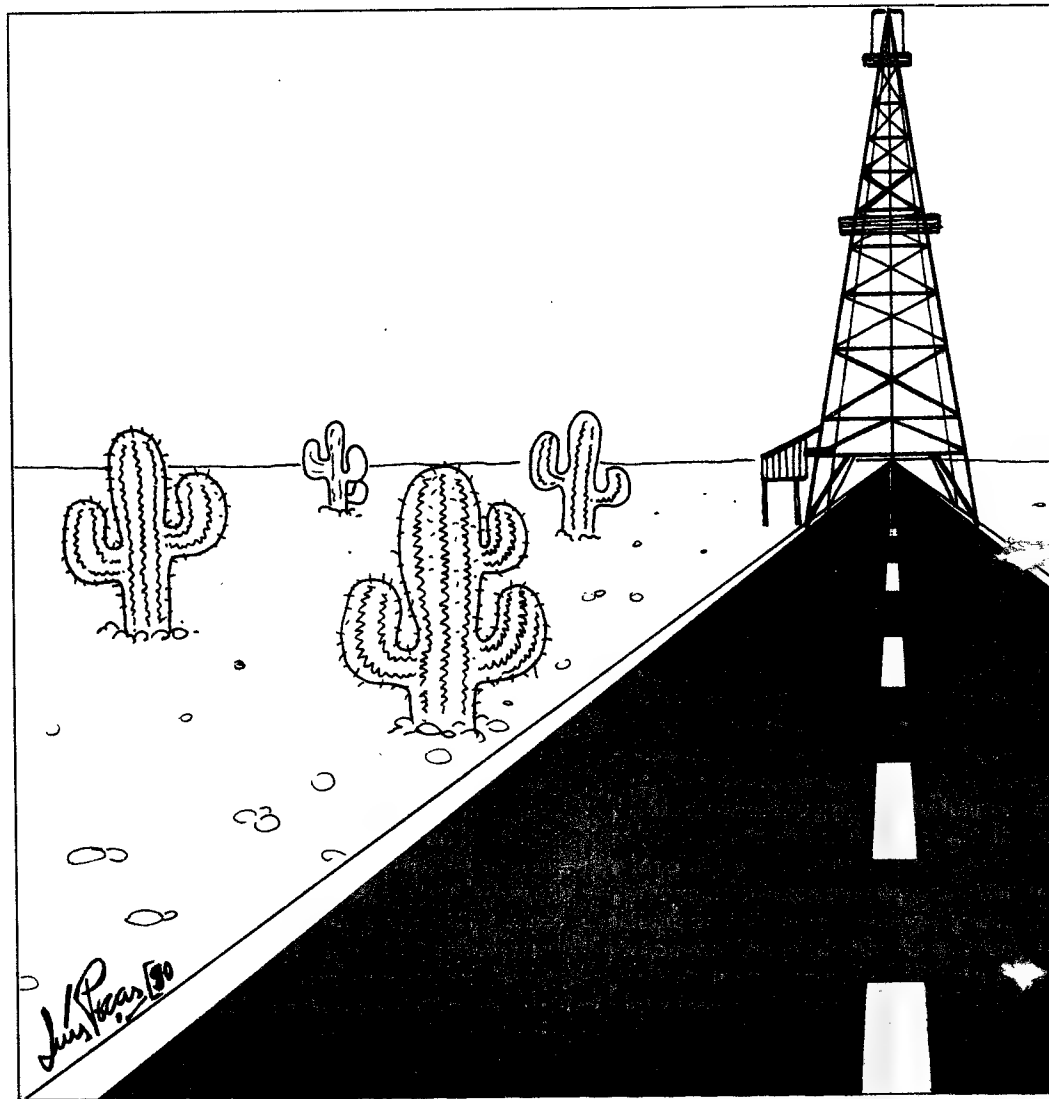
Menos conhecido é o caso do parque industrial de Viana do Castelo, instalado sobre terrenos também com grande potencial de caulino.

Mais recente, temos a auto-estrada do Norte a passar, na zona de Pombal, sobre argilas especiais de grande valor económico, enquanto que uma das cinturas rodoviárias da capital passa por cima de pedreiras.

E depois temos os exemplos mais do que conhecidos das águas minerais que são prejudicadas por esgotos e por instalações pecuárias, perdendo-se deste modo uma riqueza importante.

«São situações deste tipo que se pretendem eliminar com a legislação aprovada», diz Nuno Ribeiro da Silva, que conclui: «Temos de ter em linha de conta que o recurso extractivo está imobilizado e não é superabundante e, nesse sentido, as utilizações do espaço passíveis de serem móveis, como seja a instalação de estradas, urbanizações ou outros empreendimentos, não devem comprometer em definitivo um potencial de que o país deve beneficiar no presente ou no futuro».

V.L.



## ONOMIA

de contos  
estratégia para

# rodução CEE

es. cionamento dos jazigos brasil-  
ue, eiros, que submergiram os  
ou- mercados mundiais.

## Potencialidades

Face à manifesta reani-  
mação do sector extractivo  
em Portugal e ao crescente  
interesse dos agentes  
económicos para a sua ex-  
ploração, é natural que se  
ponha a questão de se saber  
até quando durarão estes  
recursos que não são  
renováveis.

Nuno Ribeiro da Silva não  
se mostra grandemente pre-  
ocupado com esta questão,  
embora consciente de que ela  
constitui um problema.

E, concretamente, refere  
o caso do carvão do Pejão,  
que tem um período de vida  
que se estima se situe entre os  
cinco e os oito anos. Por outro  
lado, diz os recursos de Neves  
Corvo já têm um período de  
vida, com base no que actual-  
mente se conhece, que pode  
ir até aos 30 anos. Por con-  
seguinte, a duração de recu-  
sos varia de caso para caso.

Mais importante ainda, é  
que os recursos minerais  
portugueses ainda estão longe  
de se conhecer, literalmente  
também, em toda a sua  
profundidade. «Neves Corvo



Ribeiro da Silva: «Val haver uma explosão nas exportações»

só foi descoberta há quinze  
anos, apesar de haver naquela  
zona actividade mineira desde  
os tempos dos romanos», diz  
Ribeiro da Silva, considerando  
que «de certeza» muitos outros  
casos semelhantes existirão.

«É por isso que damos a maior  
importância à intensificação da  
actividade de prospecção e  
pesquisa para melhor conhecer-  
mos os recursos existentes»,  
acrescenta, explicando que  
esta possibilidade é aberta pela  
evolução tecnológica que  
disponibiliza meios mais efi-

cazes para a detecção de  
jazidas de minérios.

E uma vez mais refere o  
caso de Neves Corvo, onde  
técnicas sofisticadas vieram  
permitir detectar jazigos a 400  
metros de profundidade.

## Novas perspectivas

«Podemos dizer que con-  
hecemos apenas a ponta do ice-  
berg do potencial que o país  
dispõe no domínio dos recursos  
minerais», afirma Ribeiro da  
Silva, ao lembrar, por exem-  
plo, o caso da plataforma

continental, que está por  
prospectar e pesquisar e que  
pode oferecer algumas sur-  
presas, em particular na área  
dos hidrocarbonetos.

Por outro lado, refere o caso  
dos chamados minérios raros,  
como o germânio, o lítio, as  
diatomites e outros, que  
começam a ser fundamen-  
tais para o sector de novos  
materiais. Trata-se, diz, de  
minérios que já foram detec-  
tados em Portugal em  
pequenas quantidades que,  
até ao presente, não renta-

bilizavam a exploração, mas  
que com a sua crescente apli-  
cação começa a ser interes-  
sante aproveitar.

Por outro lado, a Direcção  
de Minas mantém uma grande  
actividade de pesquisa e  
prospecção. E mesmo que os  
recursos descobertos não  
venham a ser imediatamente  
explorados, ficam de reserva  
para uma altura em que as  
cotações nos mercados justi-  
fiquem a sua exploração.

Victor Leitão

## Eliminar dependência extractiva

É, sobretudo, a falta de ca-  
pacidade empresarial portu-  
guesa que está na origem dos  
recursos mineiros serem  
essencialmente explorados  
por sociedades estrangeiras,  
refere Nuno Ribeiro da Silva,  
acrescentando que se está a  
tentar alterar esta situação,  
nomeadamente através de  
acções de sensibilização e de  
estímulos financeiros.

Na verdade, diz o secretário  
de Estado da Energia, não se  
pode aceitar o actual pano-  
rama, pois que «temos excelen-  
tes geólogos, engenheiros e técni-  
cos de minas, muitos deles ao  
serviço, dentro e fora do país, de  
empresas estrangeiras».

E se temos bons recursos  
humanos, ao fim e ao cabo o  
principal para esta actividade,  
a verdade é que Ribeiro da  
Silva considera que o sector  
«tem sido marcado por algum  
improvisismo e artesanismo em-  
presarial».

Quadro este que se está a  
tentar mudar através de  
estímulos a grupos económi-  
cos que, embora sem tradição  
no sector, têm meios materiais  
«pelo menos para animar pro-  
jectos credíveis».

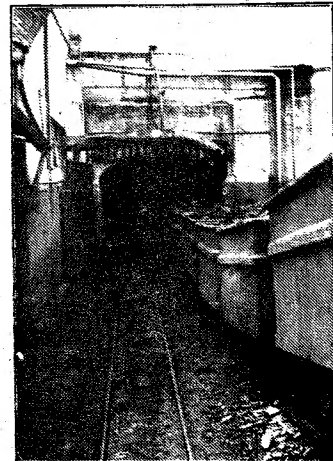
Nesta estratégia desempen-  
ham papel primordial as so-  
ciedades anónimas de capi-  
tais públicos EDM (Empresa  
de Desenvolvimento Mineiro)  
e ENU (Empresa Nacional  
de Urânio), esta última com  
estatutos recentemente altera-  
dos para poder alargar o seu  
âmbito de acção.

Já há resultados concretos,  
como seja uma «joint-venture»  
com o grupo Amorim para  
exploração de caulino e ar-  
gilas especiais.

Por outro lado, a EDM tem  
participações na Somincor,  
nas Pirites Alentejanas e na  
Carbonífera do Douro, para  
além de interesses na explo-  
ração de rochas ornamentais.

Fora do país, está a di-  
namizar a sua actuação em  
Marrocos e na África de  
expressão portuguesa, em  
particular Angola.

A actuação destas duas  
empresas, a disponibilização  
de recursos do PEDIP e do  
SIBR e as alterações legislati-  
vas, são os instrumentos que  
poderão levar a que os recur-  
sos minerais portugueses  
passem a interessar os em-  
presários nacionais.



Dependência excessiva

## Do fracasso do urânio à esperança do petróleo

O imaginário popular sempre foi semeado  
de árvores das patacas, de incalculáveis ri-  
quezas ocultas que, um dia, descobriremos  
ainda a tempo de gozar dos seus proventos.  
Também os governantes têm os seus sonhos  
de «petróleo no Beato», de uma energia ba-  
rata, de um minério que resolva os défices  
crónicos das balanças comerciais.

O urânio foi, no caso português, um desses  
sonhos, que se perdeu nos excessos da con-  
corrência internacional.

O ouro ressurgiu como certeza que ainda  
não enche os depósitos do Banco de Portugal,  
mas vai ajudando. O petróleo continua a ser  
uma esperança.

Nuno Ribeiro da Silva, como cidadão mortal  
e como secretário de Estado, também sonha.  
Não com petróleo no Beato, mas com o cha-  
mado «ouro negro» ao largo da costa ou, para  
mais comodidade, não muito longe de Lis-  
boa.

Por isso legisla para atrair as grandes multi-  
nacionais do sector para a prospecção e  
pesquisa.

E pergunta: «Se há amostras de hidrocarbore-  
tos, porque é que eles não existem em condições de  
ser economicamente viáveis a sua exploração?». A  
resposta aos que não acreditam, gostaria de a  
dar dentro de pouco tempo.

E, sonhemos com ele, até pode ser que seja  
possível.

Já quanto ao ouro, estamos perante certezas.  
A sua extracção está em fase de reanimação,

seja por novos investimentos para «espre-  
mer» a tradicional mina de Jales, seja pelas  
recentes descobertas deste minério na zona  
de Montemor, cuja exploração foi concedida  
à Rio Tinto Zinc, que já solicitou a o alar-  
gamento da área de pesquisa. Há ainda a  
produção marginal decorrente do projecto  
em curso de produção de concentrados em  
Aljustrel.

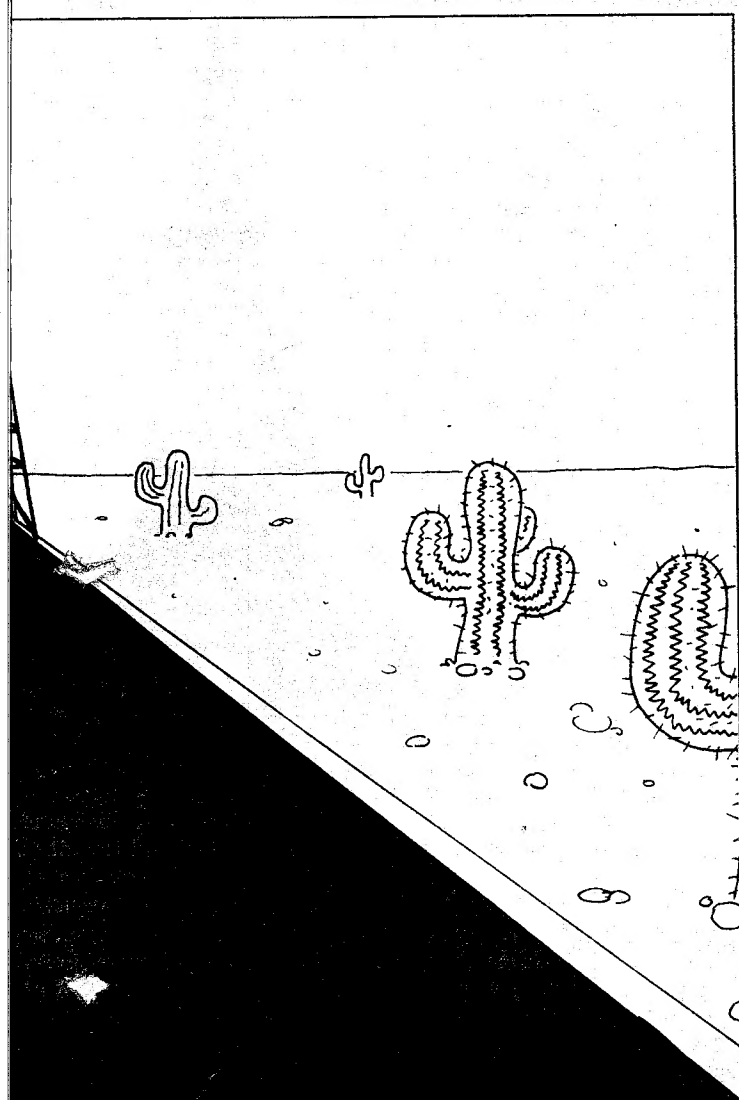
Finalmente, temos o fracasso do urânio,  
minério em que tantas esperanças foram  
depositadas na década de 70. «Chegou a pen-  
sar-se que viesse a ser um minério estratégico  
quando, a seguir ao primeiro choque petrolífero,  
houve grandes planos para centrais nucleares».

Só que a pressão sobre os preços dos  
petróleos diminuiu e as centrais nucleares  
começaram a levantar mais problemas do  
que os que resolviam.

Entretanto, surgiram novos produtores a  
inundar os mercados (sobretudo a Austrália,  
a Namíbia e o Canadá). Portugal, que é um  
produtor importante a nível europeu, tem  
apenas uma posição marginal no contexto  
mundial.

E deste modo, refere Ribeiro da Silva, «as  
explorações e as exportações foram dramaticamente  
afectadas». Novas jazidas foram descobertas  
na zona de Nisa, mas ficam «congeladas», à  
espera de melhor ocasião para serem explo-  
radas.

V.L.



## ECONOMIA

# Associação de fundos de pensões para alargar mercado

## Sociedades gestoras absorvem parte do bolo das seguradoras

«A criação de um Fórum próprio, o apoio efectivo aos associados, o alargamento do mercado do fundo de pensões, são alguns dos objectivos da AEGFP», disse ao DL um porta-voz da Futuro, uma das sociedades gestoras de fundos de pensões, (SGFP), fundadoras desta associação.

Os contactos internacionais, a promoção e divulgação dos fundos de pensões em geral, a representação dos associados junto das entidades oficiais para solução de assuntos técnicos, jurídicos e fiscais, são outros dos objectivos da AEGFP, Associação das Empresas Gestoras de Fundos de Pensões, afirma a mesma fonte.

Esta associação engloba 13 empresas de gestão de fundos de pensões e sociedades seguradoras do ramo vida.

A Futuro, a Praemium e a Previsão, foram as três entidades que compuseram a comissão organizadora desta associação, tendo sido escolhido para a respectiva presidência Pedro Sommer de Carvalho, administrador da Futuro.

Correia Leite, da Previsão, é o presidente do Conselho Fiscal e Armindo Saraiva Matias, administrador da SGFP do Banco de Portugal, é o presidente da Mesa da Assembleia Geral.

As outras sociedades fundadoras são a Vanguarda, a SGF, (Sociedade Gestora de Fundos), a Eagle Star, a SPS, (Sociedade Portuguesa de Seguros), a Fungest, a Ganvie, a Segurança na Reforma e a Unipensão. Trata-se de um conjunto de empresas que representa a quase totalidade

das sociedades gestoras a operar no mercado português e mais de 75 por cento dos fundos de pensões.

### 70 milhões de contos

A criação só agora de uma associação do tipo da AEGFP deve-se, em grande parte, afirma ao DL o porta-voz da Futuro, «à nova legislação para o sector e às condições do mercado de fundos de pensões, em Portugal, o qual mostra, de momento, possuir boas perspectivas para se desenvolver».

Recorde-se que na 1ª Conferência Internacional sobre Fundos de Pensões, realizada a 16 de Outubro de 1989, em Lisboa, sob o patrocínio da Futuro e da Fiseco, concluiu-se que o valor do mercado no sector atinge os 70 milhões de contos, um valor signifi-

cativo para um mercado que tem apenas dois anos de vida.

A existência da AEGFP vem, por outro lado, dar resposta a situações mais complexas do ponto de vista técnico e jurídico, criadas pela forte concorrência e alta tecnologia que o negócio envolve. Com a internacionalização a médio prazo da função investimento assiste-se certamente a fenómenos de descontinuidade de operações e a processos de fusões e de aquisição.

Registe-se que entre 1987 e 1988 verificou-se uma transferência significativa da quota de mercado das seguradoras, que representavam em 1987 mais de 80 por cento do mercado, para as sociedades gestoras que em 1988 já detinham 54 por cento da quota.

## B R E V E S

O Centro Internacional de Estudos Industriais da Organização das Nações Unidas para o Desenvolvimento Industrial (ONUDI) preparou-o. Em Lisboa a Dom Quixote publicou-o, em tradução de Alberto Camacho e de Maria José Tiago Rosa. Trabalho de diversos técnicos e peritos, com destaque para Friderich Giersig e para R. S. Mohot, aqui está um manual que é a mais recente obra sobre a preparação e avaliação de projectos. Dividido em duas partes, na primeira são tratados os diversos tipos de estudo de pré-investimento aplicáveis ao sector industrial no seu conjunto, para além de conter muitas outras informações úteis.

A segunda, o prato forte do livro, define, nas suas grandes linhas, o quadro de um estudo de viabilidade. Como manual que é, deve estar à mão de muitos gestores e industriais que aceitem o desafio do futuro e queiram dar um alento novo à economia portuguesa

(Manual para a Preparação de Estudos de Viabilidade Industrial - Publicações Dom Quixote - 278 páginas - 2.000 escudos)

Um dia Mark McCormack, presidente do império do mundo dos desportos I.M.G., escreveu «O que não se Ensina nas Faculdades de Economia» e «O que não se Ensina nas Faculdades de Direito». A Europa-América publicou as obras. Torna a lançar mais um livro deste empresário que, fugindo à regra, decide revelar os seus segredos. Traduzido por Teresa Correia, é a resposta a questões levantadas por leitores de obras anteriores. O autor, que diz, à partida, que nunca se deve subestimar a importância do dinheiro, apresenta um livro que pode constituir, para muitos empresários e gestores, um manual de comportamento profissional. Há conceitos e conselhos que são, à primeira vista, diferentes dos habituais. A nota final do autor podese, talvez, a parte mais importante do livro. Nela conclui que nem sempre aplica os seus conselhos, não por não serem correctos, mas por desnecessários em determinadas situações.

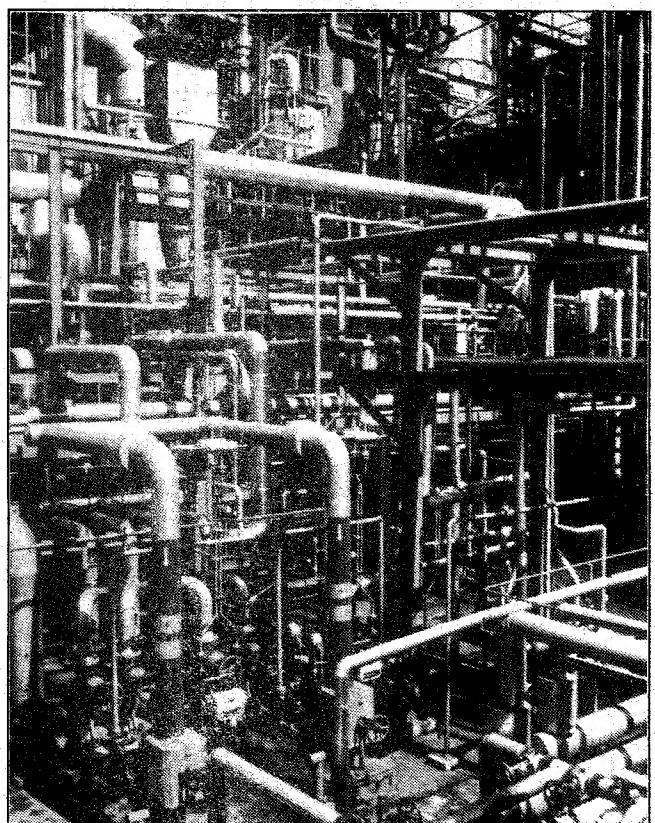
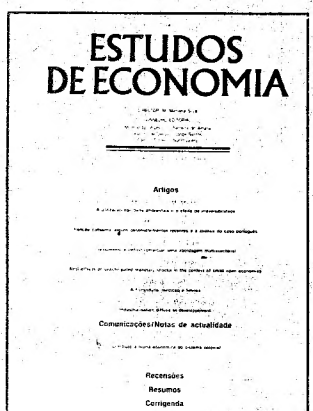
(Segredos do Sucesso Empresarial - Publicações Europa-América - 194 páginas - 1.450 escudos)

Já se encontra à venda o número quatro do volume IX da revista «Estudos de Economia», editada pelo Instituto Superior de Economia da Universidade Técnica de Lisboa. Com artigos de Manuel Victor M. Martins, J. M. C. Santos Silva, João Carlos Ferreira Lopes, Abel Costa Fernandes, Albano Santos e Bernard Pecqueur e Mário Rui Silva, este volume, referente ao terceiro trimestre do ano passado, versas diversas questões ambientais, analisadas sob o ponto de vista da teoria económica, problemas do consumo, de crescimento e de industrialização e ainda questões monetárias e fiscais. É uma revista de carácter científico com o objectivo de acompanhar diferentes correntes do pensamento e proporcionar o debate de distintos paradigmas teóricos. De leitura obrigatória por quem queira acompanhar a reflexão sobre experiências concretas e estudos empíricos e ter informação sobre a economia nacional e internacional.

(Estudos de Economia - Instituto Superior de Economia - 474 páginas - 800 escudos)

A Cossec - Companhia de Seguro de Créditos - editou o livro «O Seguro de Créditos no Mundo Contemporâneo», de Jean Bastin, doutor em Direito e licenciado em Ciências Históricas e em Ciências Políticas e Diplomáticas.

A obra conta com um apêndice à edição portuguesa da autoria de Fernando Victória.



Cabo Ruivo: a modernização atinge as estruturas

## Petrolgal vai reformar refinaria de Cabo Ruivo

Meio século depois da sua entrada em funcionamento, a refinaria da Petrolgal localizada em Cabo Ruivo prepara-se para se transformar num grande centro de mistura, armazenagem e mistura de combustíveis.

Decorrente da renovação tecnológica do parque refinador nacional - localizado em Lisboa, Porto e Sines - a esta refinaria, pioneira em Portugal, está destinada uma função diferente daquela que tem cumprido.

Assim, quando estiverem concluídas as transformações da refinaria de Sines, que permitirão uma conversão mais eficiente dos produtos petrolíferos pesados, por meio da utilização de tecnologias mais modernas, a refinaria de Cabo Ruivo transformará-se num grande centro de

combustíveis, a que competirá o "blending" (mistura), a armazenagem e a expedição de produtos.

Para tal, estão em curso um conjunto de obras, entre as quais a ampliação do parque de gases de petróleo liquefeitos, a construção de uma nova estação de enchimento de carros-tanque e a instalação de um sistema de telemedida.

Após ter sido criada por iniciativa do romeno Martin Sain, fundador da Sacor, que veio para Portugal fugindo da guerra, "Cabo Ruivo" perdeu a sua importância relativa depois da entrada em funcionamento da refinaria de Sines.

Actualmente, são refinadas nas suas instalações cerca de 900 mil toneladas de petróleo bruto.

## IJOVIP dá atenção a raparigas e deficientes

O Programa Inserção dos Jovens na Vida Profissional (IJOVIP) vai ter, este ano, alterações destinadas a colocar raparigas em profissões de maior peso ou tradição masculina, bem como a motivar as empresas a admitirem deficientes profissionalmente reabilitados.

O IJOVIP é um programa promovido pelo Instituto de Emprego e Formação Profissional (IEFP), destinado a preparar os jovens para melhor se adaptarem às actividades profissionais e a proporcionar às empresas trabalhadores qualificados profissionalmente, com vista à modernização nacional.

As medidas do IJOVIP 90 beneficiadoras de jovens e de empresas vão ser em breve publicadas em Diário da República, num despacho do Secretário de Estado do Emprego e Formação Profissional, Bagão Félix.

Segundo o texto desse despacho, é objectivo «fazer prevalecer um modelo de formação profissional para jovens que conjugue o melhor possível as forças e potencialidades das três células fundamentais da sociedade - família, escola e empresa», mediante a diversificação dos processos pedagógicos, da orientação profissional, do enquadramento entre aptidão e gosto e de uma gestão prospectiva dos recursos humanos.

### Incentivos

Segundo o regulamento para o IJOVIP 90, «as entidades que integrem mulheres em profissões reconhecidas pelo IEFP como de maior peso ou tradição masculina ou jovens deficientes, ficam isentas da comparticipação dos 25 por cento do subsídio mensal concedido aos jovens».

Para além disso, será dada preferência, na selecção, às entidades que se enquadrem em ramos de actividade ou profissões que apliquem tecnologias inovadoras, ou que, tendo colaborado no programa do ano passado, hajam celebrado um contrato de trabalho por tempo indeterminado com os jovens ou tenham apresentado resultados satisfatórios no cumprimento dos seus deveres, em especial quanto ao emprego garantido.

A formação dos jovens será feita por formandos externos ou internos a grupos de 10 a 16 jovens e o número de horas de aulas teóricas, somado ao tempo de formação em posto, não poderá ser inferior a 50 por cento do total de horas do programa.

Este programa destina-se a jovens desempregados com idades a partir dos 18 anos e até aos 25 que tenham, pelo menos, a escolaridade mínima obrigatória e deixado o sistema regular de ensino. Os custos do programa serão suportados pelo IEFP e pelas entidades enquadradoras, e comparticipadas pelo Fundo Social Europeu.

## ECONOMIA

O texto que adiante transcrevemos é da autoria do actual ministro das Finanças, Luís Miguel Beleza. Com a devida vénia, transcrevemo-lo do anuário "O Economista", publicado em Julho de 1988. Foi, portanto, escrito quando o seu autor era administrador do Banco de Portugal. E tomamos esta iniciativa porque julgamos que este texto define com alguma clareza e rigor posições críticas e uma forma de pensar que será interessante verificar se corresponderão a uma prática governativa agora assumida. Tomámos ainda a liberdade de convidar outro economista para o comentar, o que se verifica nesta mesma página

# Convergência e divergência

Os dois últimos anos foram os melhores desde há muito para a economia portuguesa. Os indicadores disponíveis são claros: o produto cresceu a taxas elevadas, o investimento cresceu de forma espectacular, o emprego aumentou muito, a inflação ficou abaixo dos 10 por cento pela primeira vez desde há muitos anos. O bem-estar real melhorou de forma notável: o consumo privado cresceu mais em 1986/87 do que durante a década anterior, os salários reais subiram de forma significativa, a taxa de desemprego baixou para níveis «não europeus». E, ao contrário do que terá recentemente sucedido noutro país de língua portuguesa, o aumento do bem-estar presente não foi obtido sobretudo à custa do crescimento futuro. O aumento do consumo foi eclipsado pelo do investimento e, sobretudo, a expansão da actividade económica coincidiu com confortáveis excedentes na Balança de Transacções Correntes e uma redução do peso da dívida externa. Não é fácil explicar, mesmo *a posteriori*, esta aparente combinação impossível. Recapitulando o que já é quase lugar comum: coincidiram uma situação de partida de boa saúde das contas externas, na sequência do profundo ajustamento de 1983/84, um contexto internacional excepcional, traduzido em preços de importações particularmente favoráveis e importantes ganhos nas razões de troca, e uma bem sucedida política económica (moderadamente) expansionista, apoiada numa bem (melhor?) sucedida política de rendimentos. Mas houve seguramente outros factores, que mesmo os economistas mais rigorosos admitirão sem dificuldade, ainda que não se possam quantificar ou medir. Os keynesianos de entre nós chamar-lhe-ão «espíritos animais», outros falarão em «confiança», outros ainda referirão, por exemplo, o «efeito CE». É indiscutível que a confiança desempenhou um papel fundamental no sucesso dos últimos anos. É possível, até, que haja sido excessiva: as dificuldades com que se debate o mercado de capitais, por exemplo, são antes de mais devidas à explosão das cotações nas Bolsas até Outubro passado, isto é, a excesso de confiança ou espíritos animais demasiado pujantes. E, por outro lado, é possível que (no público menos informado) se tenha generalizado a convicção de que tudo estaria no melhor dos mundos. Ou seja, que o profundo ajustamento que falta fazer na economia por-



Miguel Beleza

tuguesa se poderia fazer quase sem custos ou opções difíceis.

Os objectivos básicos da política económica para os próximos anos podem parecer inconciliáveis: há que convergir (para), mas há também que divergir dos nossos parceiros comunitários. Há que convergir antes de mais nas taxas de inflação, mas também, por exemplo, na desregulamentação, na liberdade de circulação - interna e externa - de trabalho e capital. Há sobretudo que divergir nas taxas de crescimento real, por forma a convergir para os níveis comunitários de desenvolvimento e bem-estar. Há que, em resumo, crescer rapidamente e desinflationar ao mesmo tempo. Será possível? Ao ritmo e quase sem custos como no passado recente é improvável.

Não é previsível que as circunstâncias excepcionalmente favoráveis da conjuntura internacional dos últimos anos se repitam. O crescimento mais rápido do que o dos nossos principais parceiros comunitários só será possível com um claro e sustentado ganho de competitividade. De outra forma será inevitável a repetição dos ciclos de stop and go do passado ainda recente. O objectivo de convergência rápida das taxas de inflação torna inviável o recurso à desvalorização cambial sistémica como forma - efémera, aliás - de obter ganhos de competitividade. A próxima realização do mercado único europeu afastará, felizmente, quaisquer ilusões acerca da possibilidade de recurso ao protecctionismo, mais ou menos declar-

ado.

O reforço da competitividade e da desinflationar requerem uma combinação coerente e estável das políticas micro e macroeconómicas. As primeiras devem ter por objectivo o reforço da eficiência produtiva, isto é, o aumento da produtividade dos factores ou a contenção dos custos. As segundas devem garantir o crescimento moderado da procura nominal, e criar espaço para a expansão do investimento produtivo, sobretudo privado.

Em qualquer caso é indispensável assegurar a consistência lógica e intertemporal da política económica. A confiança ou os espíritos animais positivos dependem da percepção pelos agentes económicos da estabilidade do quadro de referência em que tomam as suas decisões. Por exemplo, a desinflationar custará certamente menos se for claro que aumentos excessivos de preços ou salários não serão acomodados, no curto ou no médio prazo - ou seja, se a inflação esperada se aproximar dos objectivos oficiais.

O aumento da eficiência produtiva requer que se caminhe mais rapidamente no sentido da desregulamentação, da liberalização dos mercados de bens, serviços e factores (trabalho, capital), da privatização. Requer certamente também o crescimento rápido do investimento. Implica uma perspectiva de médio prazo em domínios tão diferentes e importantes como a educação ou a reforma fiscal. É necessário, por exemplo, que os impostos directos estim-

ulem o trabalho, a poupança, o risco e o investimento.

O crescimento moderado da procura nominal depende antes de mais das políticas orçamental e monetária. O crescimento do investimento privado requer a disponibilidade de recursos, quer reais (poupança) quer financeiros (crédito, por exemplo). Implica que a política orçamental não favoreça o consumo em detrimento do investimento, ou seja, que a necessidade de garantir o financiamento do sector público não continue a obrigar a juros reais altos e/ou a fortes restrições ao crescimento do crédito ao sector privado. Ou seja, requer que uma grande parte da poupança privada não continue a ter que ser canalizada para financiar o défice orçamental. A política de rendimentos pode, e deve, contribuir para a desinflationar. Mas não há política de rendimentos credível, duradoura, num contexto de políticas financeiras demasiado expansionistas.

O crescimento rápido e o reforço da desinflationar obrigam, num futuro próximo, a escolhas nem sempre fáceis. Algumas medidas que se anunciam poderão contribuir inequivocamente para os dois objectivos. Por exemplo, a privatização pode e deve contribuir para a redução permanente do défice orçamental e conduzir a importantes ganhos de eficiência e produtividade. O maior expansionismo da política monetária, por outro lado, poderia no curto prazo estimular o investimento - mas à custa do equilíbrio externo e da inflação, obrigando a um maior aperto no futuro mais ou menos próximo. A reforma fiscal, por outro lado, deverá conciliar objectivos parcialmente contraditórios. O indispensável reequilíbrio das finanças públicas sugere o aumento da tributação, mas razões de eficiência - e equidade, aliás - apontam no sentido da redução das taxas de imposto sobre os rendimentos do trabalho. A necessária flexibilização do mercado de trabalho torna indispensável o reforço do subsídio de desemprego por razões de solidariedade social. Mas subsídios de desemprego demasiado liberais são ineficazes por reduzirem a oferta de trabalho, e significam aumentos de despesa pública e de consumo.

Apesar - por causa? - dos sucessos do passado recente a política económica tem um espaço de manobra estreito. Terão que ser tomadas opções menos fáceis. Mas é para isso que escolhemos e pagamos (mal) (a) os seus responsáveis.

## COMENTÁRIO

## O mito do «Big Market»

Podem existir mercados auto-regulados no seio de uma comunidade controlada por fortes oligopólios sociais? Se os mercados existem e dão boa conta de si, já associar a sociedade a um grande mercado é extemporâneo.

A ideia «deixem a mão invisível actuar» é particularmente desajustada para um país em que o crescimento natural esbarra rapidamente com limites de exaustão, exclusão e dependência.

Para uma concepção estritamente liberal do económico todos os desequilíbrios são passageiros. Como explicar então os desequilíbrios recorrentes? E como pôr de acordo os actores sociais em relação a um referencial de estabilidade?

Esta questão é central. Se a inflação esperada se deve aproximar dos objectivos oficiais, tal só faz sentido se esses forem os objectivos sociais legitimados.

Uma estratégia económica só o é se uma vez idealizada encontrar as condições da sua exequibilidade. Para que seja bem sucedida deve, de algum modo, antecipar as expectativas daqueles a quem se dirige.

Num Estado democrático, moderno às exigências de representatividade e democraticidade, acrescem os desafios de respostas flexíveis.

Desde a concepção da estratégia à sua implementação e revisão é necessária a busca de soluções pragmáticas suportadas em regras de jogo aceites por todos os parceiros - aqueles que ganham e os que perdem no decorrer do jogo.

Os grandes problemas estruturais da economia portuguesa são consensuais. A forma de os abordar não o é, e ainda bem.

Tem-se, por vezes, uma visão demasiado economicista quer do Estado quer do mercado. O que o mercado tem de melhor é posicionar tendencialmente uns perante os outros como equivalentes criadores livres. E o Estado deve a sua substância a ser dispositivo corrector das distorções do mercado.

Mas o Estado não é uma entidade separada da sociedade civil. Para poder funcionar como instância racionalizadora precisa de centros racionalizadores autónomos - o que não é questão menor numa sociedade patrimonial - que discutam

com e suportem na defesa ou na oposição as opções concertadas nas instâncias definitivas de um Estado democrático.

Transformar as instâncias de concertação em espaços de diálogo é fundamental num contexto em que as respostas demasiado universalizantes podem conflitar com as realidades locais.

Se o progresso faz sentido ele obedece a racionalidades múltiplas e a reprodução social é subsidiária de lógicas várias. Se a economia é praxiologia também é praxis do quotidiano.

Como lidar com a economia paralela? Que importância atribuir aos processos de desenvolvimento e industrialização locais? Como encarar a pequena agricultura, qual a política para as pequenas empresas?

Como inovar em matéria de relação salarial num país com tantas diferenças sectoriais e regionais? Existem contribuições profundas sobre o sistema de emprego que são esquecidas numa visão restrita liberal sobre o mercado de trabalho.

Como realizar uma inserção internacional geradora de novas potencialidades? As análises em termos estritos de balança de pagamentos iludem com frequência as diferenças nacionais dos desempenhos macroeconómicos e suscitam um véu sobre os atrasos no conseguimento de alterações reais em matéria de produção, despesa e distribuição de rendimentos.

A manutenção da competitividade externa, em contexto de divergência do processo inflacionário português face ao processo inflacionário mundial, pela manipulação das taxas de câmbio, vai de par com as dificuldades de implementação de uma trajectória maximizante de «up-grading» apoiada na massa cinzenta, em vez da mão-de-obra barata.

A evolução das taxas de câmbio e das taxas de juro, repercutindo o processo inflacionário desencadeado por outros factores estruturais, tem contribuído para o conter ou para o agravar?

Como resolver a intervenção do Estado na economia num país em que os modelos de consumo são desajustados face aos modos de produção e onde a esfera da reprodução é subsidiária de recursos cuja multiplicação, no contexto do modelo de acumulação, é problemática? Onde o Estado tem uma função de protecção do emprego e o ciclo produção-investimento-consumo se fecha sobre o exterior?

Qual a alternativa para as formas de pseudo-validação da produção e do rendimento publicamente consentidas e geradoras de inflação? Como se relaciona esta questão com o facto de sermos uma comunidade que admite ritmos fortes de crescimento, mas que esbarra com desequilíbrios na estrutura produtiva que impedem a cabal utilização dos recursos?



Geraldo Dias

# Dimensão das empresas portuguesas torna-as imunes a leis comunitárias

*Regulamentação anti-trust, recentemente aprovada em Bruxelas, não terá aplicação imediata em Portugal. Controlo de negócios é aplicável a volumes por demais elevados para o actual tecido empresarial*

Ao fim de quase 16 anos de negociações, os ministros do Mercado Interno da CEE aprovaram recentemente o regulamento sobre o controlo de concentração de empresas na Comunidade. Portugal parece estar, para já, «imune» a tal regulamentação, já que é de tal modo elevado o volume total de negócios que possa dar origem a uma intervenção, que não deverá ser possível, nos anos mais próximos, assistir-se a uma situação crítica.

O regulamento, considerado como essencial para o desenvolvimento da concorrência no âmbito da criação do Mercado Interno, na sua essência é um conjunto de normas anti-trust que fontes diplomáticas nacionais consideraram ser de grande importância para pequenos países, como Portugal, ou sem tradições de controlo, como a Itália.

A aplicação destas normas é obrigatória em todos os Estados membros da Comunidade e deverá entrar em vigor em finais de Setembro deste ano, nove meses depois da sua publicação em Diário das Comunidades. No seu articulado consta a delegação, na Comissão, da competência de controlar eventuais distorções da concorrência a nível comunitário.

Portugal, pelo menos numa primeira fase, não deverá ser campo de intervenção, conclusão fácil de tirar a partir do momento em que se sabe que cerca de 90 por cento do tecido empresarial é consti-

tuído por pequenas e médias empresas.

Assim sendo — e mesmo considerando que as grandes sociedades estrangeiras possam estar interessadas em aliar-se com outras portuguesas — a possibilidade de intervenção da Comissão Europeia não se deverá fazer sentir.

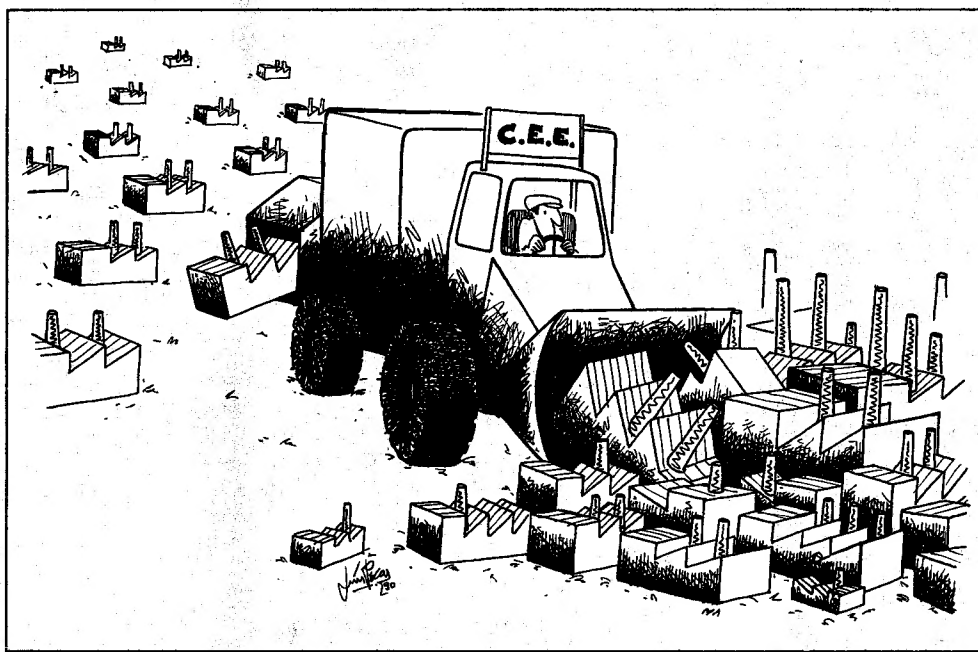
Isto porque, segundo o regulamento, a sua intervenção poderá ter lugar sempre que o volume de negócios, à escala mundial, das empresas envolvidas, ultrapasse os cinco mil milhões de ecus (algo como 90 milhões de contos) e o mesmo acontecerá quando o volume total de negócios realizado na Comunidade por, pelo menos, duas empresas envolvidas, for superior a 250 milhões de ecus (cerca de 45 milhões de contos).

Milhões de contos). No último caso há uma excepção se uma das empresas em causa realizar mais de dois terços do volume total de negócios num único Estado-membro da Comunidade.

## Limiares de Intervenção

Conforme ficou definido em Bruxelas, os limiares de intervenção são revistos antes do final do quarto ano de aplicação do regulamento, sob proposta da Comissão Europeia e por maioria qualificada no Conselho de Ministros.

Todos os processos de concentração de empresas devem ser notificados à Comissão Europeia, no prazo



de uma semana depois do acordo sobre o processo, dispondo aquela de três semanas para o analisar. Caso a CE tenha dúvidas, dispõe de quatro meses para análise, com efeitos suspensivos desse processo. O panorama que se perspectiva globalmente, em Portugal poderá estar ainda longe. Muitas das leis do Mercado Interno só serão aplicáveis, na prática, dentro de uns cinco anos, devido à dimensão do tecido empresarial.

Negociadores portugueses destacaram o facto de os critérios de análise de uma concentração não se limitarem aos aspectos de concorrência, mas terem igualmente em conta situações de coesão económica e social e a evo-

lução do progresso técnico e económico do país.

O crescimento de um pouco mais de 6 por cento do índice industrial português, registado ano passado, em comparação com igual período de 1988, não é significativo, pois que, importante, é o volume global financeiro que esse aumento significa e que, em termos comunitários, é pequeno.

## Aspectos sociais

Progressivamente o capital estrangeiro tem estado a entrar em Portugal. O caso espanhol é significativo, já que está presente em cerca de um milhão de empresas nacionais, enquanto destas, só 84 detêm participações em sociedades espanholas.

À semelhança do que se passa com Espanha, o mesmo está a acontecer com outros países, mas a um ritmo que não faz prever a imediata alteração das dimensões empresariais, económica e social do país.

A aplicação deste regulamento poderá, porém, ser benéfico, caso tenha mecanismos que tornem cada vez mais positiva a dimensão social, isto é, as consequências sociais da integração nos desenvolvimentos económicos industriais e tecnológicos do Mercado Interno.

E talvez seja de remontar a 1981, altura em que o Governo francês recorreu à noção de espaço social para avançar com a ideia de uma acção política na solidariedade, nas

reestruturas industriais e na introdução de novas tecnologias. Foi essa noção que deu origem à reivindicação de um Programa Social Europeu.

Mesmo considerando o já referido facto de não ser previsível, em Portugal, uma concentração de negócios e de empresas que justifique o controlo comunitário, há sectores que, apesar de defenderem a expansão do tecido empresarial, a sua dinamização e uma maior agressividade, não deixam de se acautelar com consequências negativas.

Em termos gerais, a ideia-base tem sido «associativismo empresarial, sim; 'dumping' social, não». O receio que o Mercado Único tem trazido é o de que a sua construção dê origem a uma deslocação intensa das indústrias para os países com mão-de-obra mais barata, a uma desregulação das relações sociais e à tentativa de harmonizar, por baixo, as regulamentações de trabalho e dos direitos dos trabalhadores.

Competirá, pois, a todos os parceiros intervenientes, encaminharem-se e encaminharem o futuro na melhor perspectiva. De uma forma que permita o desenvolvimento nacional. Conforme foi dito ao «DL», «só então nos poderemos preocupar com uma possível intervenção de controlo, por parte da Comissão. Se será daqui a três, cinco ou dez anos é que não se pode dizer».

Almeida Henriques

## Legislação não influencia Bolsa

A legislação agora aprovada em Bruxelas terá pouca ou mesmo nenhuma influência na Bolsa portuguesa, até «porque são montantes demasiado elevados, no imediato». Quem o afirma é Pedro Caldeira, corretor, o nome mais referido quando se fala de cotações, jogos bolsistas e mercados de capitais.

Segundo afirmou ao «DL», «é evidente que acredito que haja empresas portuguesas que possam vir a estar associadas a outras internacionais muito grandes», sociedades comunitárias essas com a possibilidade de proporcionar negócios dos 900 milhões de contos. «Mas uma empresa portuguesa, sozinha, é impensável, agora, talvez dentro de três anos seja diferente».

O tecido empresarial português, esmagadoramente constituído por PME's, leva Pedro Caldeira a considerar que a legislação agora aprovada nada irá significar e recorda que «muitas das leis



Pedro Caldeira

do Mercado Interno só serão aplicadas ao tecido empresarial português daqui a uns cinco anos». Há mesmo muitas

leis sobre a Bolsa que «nada têm a ver connosco. Temos uma dimensão tão pequena que é difícil prever o que irá acontecer».

Em termos de Bolsa portuguesa, pressupondo que haverá grandes sociedades estrangeiras da Comunidade que se aliem a outras portuguesas, os efeitos não se sentirão antes de dois anos, segundo Pedro Caldeira. «Não acredito que qualquer dos grandes grupos empresariais venha a estar presente em Portugal antes das grandes privatizações», acrescentou.

## Privatizações e regressos

Na opinião deste corretor «toda a Bolsa portuguesa irá sofrer uma autêntica revolução nos próximos três anos» e isso porque, depois da privatização das grandes empresas como o BPA, a Cimpor e outras, deverão começar a aparecer os grandes grupos empresariais, altura em que será necessário pensar nas leis

comunitárias agora aprovadas.

«É mais que previsível o reaparecimento, na Bolsa, dos antigos grandes grupos económicos, bem como de novos nomes e valores», disse Pedro Caldeira, que lembra que a privatização da Tranquilidade foi a porta aberta para o ressurgimento do Grupo Espírito Santo. «Não tenho dúvidas de que o próximo passo, até já anunciado pelo líder do grupo, seja a entrada no próprio Banco Espírito Santo, quando for nacionalizado», acrescenta, o que poderá trazer mais um pólo de interesse bolsista.

Em conclusão: com as privatizações virão as grandes, possíveis e quase certas transformações empresariais e bolsistas, o que passa pela junção das Bolsas de Lisboa e Porto. Um factor de grande importância é, para Pedro Caldeira, a entrada na Bolsa de todas as empresas que vão ser nacionalizadas, o que será um passo para a resolução

dos problemas, complementado com a legislação que prevê a formação de preços contínuos. Em concreto: «A junção a isto, há ainda a entrada em funcionamento do mercado de formação contínua de preços, com a dinamização dos meios técnicos essenciais para tal».

## Bolsa marginal

Aconteça o que acontecer, quer na Comunidade, quer nas relações com outros blocos, «a nossa Bolsa nunca deixará de ser marginal, com a dimensão que o país tem», acrescenta Pedro Caldeira, que diz que a Praça portuguesa será sempre de alternativa.

Serão pequenas fatias do capital estrangeiro que se deslocam para Portugal, visto como um mercado onde podem ser feitas aplicações com relativa segurança e com relativa mais valia. Mas «nunca deixará de ser isso e passar a ter importância em termos europeus», assegura Pedro Caldeira.

Outra coisa interessante de ver com as novas leis, na sua óptica, será o que vai acontecer com os pequenos e médios investidores portugueses, que têm estado afastados e que são indispensáveis à Bolsa. «Será que daqui a um ou dois anos, não passar a ser investidores, na mesma perenos ou médios, mas activos, nos mercados externos?», interroga-se Pedro Caldeira.

Como dado adquirido, a Bolsa portuguesa, em termos de índices e de rácios técnicos é competitiva com qualquer outra da Europa, não em dimensão mas em rácios de desenvolvimento, em realização de lucros, de mais valias.

Contudo, a questão mantém-se: saber quais serão e como e quando haverá, em Portugal, grupos que, pela sua actividade empresarial e financeira, estejam abrangidos pelas novas leis de controlo comunitário.